

Prêmio

Paulista 2022

de Qualidade no Ensino Municipal

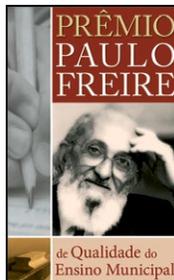


**PROJETOS
PREMIADOS**



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal



Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETOS PREMIADOS 2022

Os projetos premiados da edição 2022 do Prêmio Paulo Freire estão publicados neste caderno, conforme disposto nos itens 1.9 e 5.3 do regulamento. Os textos dos projetos são de responsabilidade dos respectivos autores.

Sumário

CATEGORIA I - EDUCAÇÃO INFANTIL

- 1º LUGAR:** Projeto “Motoca na Praça: andanças e aventuras de triciclo pela Praça da República”5
- 2º LUGAR:** Projeto “Comissão TEA: o orgulho de ser autista!” 20
- 3º LUGAR:** Projeto “A escola tem elevador!” 33

CATEGORIA II – ENSINO FUNDAMENTAL I

- 1º LUGAR:** Projeto “Para além da SRM” 45
- 2º LUGAR:** Projeto “Colcha de retalhos” 50
- 3º LUGAR:** Projeto “De olho no céu: desvendando os mistérios do universo” 54

CATEGORIA III – ENSINO FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO

- 1º LUGAR:** Projeto “Plano de Bairro e o Direito à Cidade” 61
- 2º LUGAR:** Projeto “CFE – Consciência Feminina na Escola” 76
- 3º LUGAR:** Projeto “De portas abertas: por uma escola antirracista” 89

CATEGORIA IV – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

- 1º LUGAR:** Projeto “Brigadas de Alfabetização: o bairro educador de Heliópolis pelo direito à Educação” 106
- 2º LUGAR:** Projeto “Aprendizagem ao longo da vida” 115
- 3º LUGAR:** Projeto “Cara, crachá: documentação pessoal como acesso e garantia de direitos para as pessoas com deficiência” 124

- Lista dos projetos inscritos 135

CATEGORIA I

EDUCAÇÃO INFANTIL

1º LUGAR

Projeto:

Motoca na Praça: andanças e aventuras de triciclo pela Praça da República

Unidade Educacional:

EMEI Armando de Arruda Pereira

Responsáveis:

**Lívia Guimarães Arruda, Ivone Moreira de Jesus
Miranda Silveira e Eni Pereira de Souza**

RESUMO DO PROJETO

O projeto consiste em saídas semanais de triciclo pela Praça da República e entorno, ampliando a relação das crianças com o centro e com a cidade. Rompendo os muros da escola, as crianças se aproximam da comunidade local, se apropriam da praça e fazem uso dos equipamentos culturais nas imediações da escola. Utilizando as motocicletas, as crianças ganham liberdade e autonomia nessa exploração da cidade.

JUSTIFICATIVA

*“Ah, a rua! Só falam de tirar as crianças da rua.
Para sempre? Eu sonho com as ruas cheias delas
É perigosa, dizem: Violência, drogas... E nós adultos
Quem nos livrará do perigo urbano?
De quem eram as ruas? Da polícia e dos bandidos?
Vejo por outro ângulo: Um dia devolver a rua às crianças
Ou devolver as crianças às ruas;
Ficariam, ambas, muito alegres.”
(Paulo Freire)*

“A dificuldade que nós temos para nos identificarmos com o entorno em que vivemos e trabalhamos é imensa. E isto é apontado como um dos fatores da perda de significado da cidade para nós, da relação entre as pessoas e seu território. E a cidade deixa de ser vista, sentida, significada como um bem comum, coletivo. A perda de significado que produz a indesejável alienação. Alienação que cria desinteresse, distanciamento e, por sua vez, implica na degradação do espaço público” (Trecho retirado do caderno Territórios Educativos para a Educação Integral, da Série Mais Educação do MEC)

O Projeto Motoca na Praça é realizado desde 2019 por educadores da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Armando de Arruda Pereira, localizada na praça da República, no Centro de São Paulo. A escola atende crianças entre 4 e 6 anos, moradoras da região central da cidade. Trata-se de um projeto de saídas cotidianas com as crianças pela região central da cidade utilizando as motocas como meio de locomoção e disparadoras de relações com o espaço urbano.

O Projeto Motoca na Praça acontece num entorno que, inicialmente, se apresenta hostil aos encontros e vivências. Nossa escola fica dentro da praça da República, que é considerada pelo senso comum como um local perigoso, sujo e violento. Porém, a praça é também um local de grande importância histórica para a cidade, de intensa circulação de pessoas, incluindo as crianças. Este projeto se justifica, inicialmente, pela tentativa de criar ou reestabelecer uma relação mais íntima e próxima das crianças e famílias com o entorno da escola. Como citado no Currículo da Cidade:

A educação como um processo social se efetiva a partir das relações estabelecidas em um território, sejam elas educativas formais ou informais, e cabe à escola proporcionar práticas pedagógicas que deem sentido ao território como espaço de pertencimento. (2019, pág. 26)

Em 2019, algumas notícias apontam para a praça da República como um dos locais onde mais acontecem roubos de celulares na cidade. Também sempre é reconhecida como local de prostituição e drogas, além de um local com grande número de pessoas em situação de rua. Considerando o contexto pós pandemia e o agravamento da quantidade de pessoas em situação de rua na cidade, a praça também passou por transformações, com muitas pessoas

recém-chegadas morando em barracas, além da questão da Cracolândia, que se aproximou de nossa região, elementos estes que tornaram ainda mais presentes as sensações de medo e insegurança. Nossa praça se firmou ainda mais como um espaço de passagem, rápida e de poucos olhares, com um grande fluxo de pessoas, porém, de forma apreensiva e desconfiada. Tais sensações não são exclusivas destas, mas também das crianças, famílias e professores, que demonstravam as mesmas aflições e preconceitos com este cenário.

Nossa comunidade conta com muitas famílias imigrantes, especialmente africanos e latino-americanos. Algumas famílias residem em ocupações ou abrigos comunitários, e a relação destas com nossa região nem sempre são as mais amistosas. Em muitos casos, estas famílias não têm acesso a todos os aparelhos culturais e serviços públicos disponíveis, além de sofrerem com preconceitos e discriminação por motivos como classe social e raça, razões pelas quais acabam criando ou sendo levadas e se relacionarem com estes espaços de maneira distante ou mesmo nula, sentindo-se estranhos em sua própria região de moradia. Nesse sentido, o Projeto Motoca na Praça cumpre uma importante função de acolhimento às crianças imigrantes e suas famílias.

Atualmente, a praça da República não é vista como um local de criança, muito menos de brincar, apesar de toda sua exuberância natural (árvores, avifauna, lago com peixes) e arquitetônica (além do prédio histórico em que hoje funciona a secretaria da educação, o entorno tem prédios ilustres, como os edifícios Esther, São Luiz, Eiffel, Itália, Copan e Hilton, que formam o pedaço tal qual o conhecemos hoje. Porém, considerando que as crianças têm a capacidade de, como agente ativo, intervir e modificar cenários aparentemente alheios a elas, nosso projeto se propõe a ocupar cotidianamente a praça pelas crianças da escola, através de passeios de motoca, subvertendo assim essa ideia de praça perigosa.

Compartilhamos do sonho de Paulo Freire, manifesto em seu poema que abre esse texto: sonhamos com o centro da cidade e com a praça da República repleta de crianças, e buscamos, cotidianamente, torná-lo realidade.

OBJETIVOS

O objetivo amplo do Projeto Motoca na Praça é ativar experiências das crianças com e na cidade, utilizando as saídas com as motocas como um disparador. A partir desse objetivo amplo, temos seu desdobramento em alguns objetivos específicos:

- destacar a cidade como espaço de aprendizagem e, sobretudo, de experiência para as crianças;
- propiciar experiências lúdicas com as motocas para além do chão da nossa escola, transformando a cidade em espaço de brincar;
- contribuir para a visibilidade da infância na cidade, especificamente na região central de São Paulo;
- fortalecer as relações em nosso território educativo, estabelecendo parcerias com moradores vizinhos, serviços, instituições e equipamentos culturais e sociais da região.

Partindo da praça da República, temos a possibilidade de conhecer e perceber as mais diversas realidades de nossa cidade e de sermos vistos como participantes desta. Por meio de nossos passeios, nos deparamos com uma enorme gama de pessoas, trabalhadores do comércio, garis, turistas, pessoas em situação de rua, mas também nos fazemos presentes, não como observadores de uma realidade distante ou alheia a nós, mas como membros desta comunidade tão plural. Pois, como já mencionado, um dos objetivos centrais da proposta se dá neste intuito, de tornar a presença de crianças nestes espaços algo natural e, de certa forma, esperado.

Para atingirmos este objetivo, as saídas possuem um caráter ambivalente, pois devem ser conduzidos com uma certa “despreocupação”, como algo corriqueiro e sem grande alarde, mas, ao mesmo tempo, exigem grande esforço da equipe escolar para que o planejamento das saídas considere alguns pontos primordiais de atenção e direcionamentos uma vez estando com as crianças na rua. Isso significa que mais do que organizar um grande evento de saída como um “passeio” escolar que ocorre de modo eventual, queremos que as saídas componham as vivências cotidianas das crianças tal como ir ao parque, tomar lanche, ir à brinquedoteca, o que implica em sensibilidade das educadoras e educadores envolvidos para reconhecer os ritmos urbanos e fazer uso dele com as crianças.

PÚBLICO-ALVO

Estudantes das sete turmas do período da manhã da EMEI Armando de Arruda Pereira. Crianças entre 4 e 6 anos. Em média, 170 crianças por ano.

METODOLOGIA

Como metodologia de trabalho, o Projeto Motoca na Praça prevê rodas de conversas com as crianças antes e após as saídas, interações com pessoas, visitas a equipamentos culturais e sociais, propostas de registro das vivências por meio de desenho e fotografia. O desdobramento em etapas dessa metodologia será aprofundado no próximo item deste texto, mas apresentamos abaixo alguns pontos principais que nortearam nossas ações com as crianças.

Começamos nossas conversas com as crianças para nos prepararmos para as saídas chamando atenção ao outro, ou seja, todos os personagens que nos cercam em nossa praça. Quem serão essas pessoas? O que será que elas estão fazendo? Quais cuidados e/ou tratamentos devo ter com elas? São perguntas que ficam no ar, sem a necessidade de respostas fechadas, mas se fazem fundamentais porque não eram colocadas ou apresentadas antes.

Além de ir ao encontro das pessoas, também queremos ser vistos. Para isso, convidamos as crianças a dar um belo “bom dia” em uníssono, estratégia que sempre êxito na hora de chamar atenção para nós. As respostas são variadas, pois cada um que está naquele espaço pode ter uma impressão sobre nós e sobre aquela atividade. Uns cumprimentam de volta, outros acham graça, outros ainda ignoram, e esta é a vida na cidade, para todos nós. Mas, de uma forma ou de outra, marcamos nossa presença. Afinal, que não se afeta por um grupo de crianças exclamando alto um “bom dia!”?

Também nos apropriamos, aos poucos, do espaço urbano, tornando caminhos, rua e prédios presentes em nossa rotina e, desta forma, um pouco nossos também. Se, num primeiro momento, determinado passeio ou caminho possa causar certo estranhamento ou até mesmo receio, este passa a se tornar corriqueiro, comum a nós, e nos sentimos mais prontos não apenas a fazê-los novamente, mas de ir um pouquinho além, descobrir o que mais têm atravessando a rua? E atrás daquele prédio? Será que há outras praças como esta?

Desta forma, vamos criando um senso de segurança e pertencimento aos locais em que já estamos habituados a visitar, mas também alimentamos uma curiosidade e desejo de ver mais, de descobrir e desvendar um pouquinho mais deste nosso pedaço, fazendo com que este cresça a cada passo a mais que dermos.

Etapas do Projeto: preparativos para as saídas e proposições feitas para as crianças:

Em resumo, podemos destacar 7 etapas vividas pelo Projeto Motoca na Praça desde seu início. São elas:

Etapa 1 - Preparativos

- Exploração das motocas primeiramente no espaço interno da escola, em momentos de parque e/ou atividades direcionadas (circuitos), para um primeiro contato com as motocas, exercitando a pedalada.
- Rodas de conversa sobre o tema “cidade”.
- Levantamento dos conhecimentos prévios das crianças sobre o tema: Onde vocês moram? Em que cidade estamos? Vocês sabem onde fica a nossa escola?
- Leitura do livro “A caminho da escola”, que mostra através de fotografia crianças ao redor do mundo indo para a escola por diversos caminhos e meios de transportes. A partir da leitura, propor uma roda de conversa em que as crianças contêm como vão para a escola e o que observam pelo caminho. Essa atividade é um convite para as crianças observarem mais o caminho de casa até a escola.
- Desenho de um mapa individual, do trajeto casa-escola.

Etapa 2 - Exploração da praça: reconhecendo o território

- Sair com as crianças semanalmente de motoca na Praça da República. A frequência pode ser alterada (para mais ou para menos) devido a logística da escola e devido a investigações em andamentos com a turma, que podem exigir mais saídas. A partir dos olhares e perguntas das crianças, nosso planejamento é reavaliado.
- As saídas inicialmente começam pelo trajeto mais curto (contornando pelo gradil da escola, e gradualmente se distancia da escola e entra mais para a praça, passando por trechos de observação da natureza (lago, pontes, fontes, peixes), e para a parte de maior observação humana (saída do metrô, prédio da secretaria de Educação).
- Observar o que mais chama a atenção das crianças.
- Realização de rodas de conversas retomando combinados relativos à segurança.
- Com o tempo, propor que as crianças direcionem o caminho preferido.

Etapa 3 - A praça pelo olhar das crianças: proposição de registros utilizando desenhos e fotografias

- Proporcionar situações em que a criança possa registrar seu olhar. Primeiramente por registro fotográfico. Em cada saída, algumas crianças são escolhidas para tirar fotos do que mais chamou atenção.
- Desenhos de observação da praça. Utilizando pranchetas, as crianças desenharam alguns pontos da praça.

Etapa 4 - Interação com as pessoas: eu, o outro, a cidade

- Proporcionar situações em que as crianças interajam com os transeuntes. Conversas prévias a respeito da relação com as pessoas que passam pela praça. Inicialmente, nos propusemos a desejar “bom dia” a todos que passassem por nós.
- Um olhar aos trabalhadores da praça. Garis, guardas, operadores de manutenção, aqueles que cuidam do nosso espaço. Entender a função de cada um, e entrega de desenhos e agradecimentos a quem cuida, além de valorizar e entender nosso papel neste trabalho de preservação dos espaços públicos.
- Leitura do livro “os Invisíveis”, de Tino Freitas e Odilon Moraes, no qual os autores contam a história de um menino com superpoder. Ele consegue ver os “invisíveis”, personagens cotidianos muitas vezes ignorados pelos adultos. Objetivo de um olhar atento aos idosos sentados na praça, as pessoas em situação de rua etc.
- Ações que promovam uma interação ativa das crianças com os personagens da praça: entrega de desenhos, flores, poesias e palavras acolhedoras, chá quente nos dias de muito frio, alimento. Conversas sobre a importância da gentileza para com o outro.

Etapa 5 - Expandindo o território: passeando para além da praça da República

- Expandir o passeio para outros locais na proximidade. Atravessar a Av. Ipiranga e pedalar pelo calçadão da Barão de Itapetininga.
- Pedalar até o Theatro Municipal.
- Pedalar até a Praça Dom José Gaspar e conhecer uma ciclovia.
- Pedalar até o Sesc 24 de Maio e outros espaços culturais próximos da escola.

Etapa 6 - Fortalecendo o território: encontrando parceiros

- Buscar equipamentos culturais próximos da escola que seriam possíveis para serem visitados de motoca. Apresentar o projeto e propor parcerias.
- Visitar o Sesc 24 de Maio e guardar as motocas no bicicletário.
- Visitar o Centro de memória do circo.
- Visitar a Biblioteca Mário de Andrade.
- Visitar o Edifício Copan.

- Visitar o espaço cultural Pivô.
- Ida à feira e outros pontos de comércio.

Etapas 7 - Criação da identidade visual do nosso projeto

- Criar uma identidade visual para o nosso projeto (logo e faixas) com desenho das crianças.
- Ateliês de desenho de observação de motocicletas, contando com apoio de artistas plásticos que possam conduzir esse momento com as crianças. O primeiro ateliê será realizado por Rayssa Oliveira, do Ateliê Itinerante Andorinha.

CRONOGRAMA

Cronograma do Projeto no ano de 2022 - Turma 7E - Professora Livia - Primeiro Semestre 2022

Fevereiro e março: Exploração das motocicletas dentro da Unidade escolar.

24 de março: Saída de motocicletas pela Praça da República.

30 de março: Expedição a pé pela Praça da República, proporcionando outra forma de observação da praça.

30 de março: Saída de motocicletas pela Praça da República. Lavagem dos nossos coletes de sinalização.

6 de abril: Saída pela praça com máquinas fotográficas para as crianças registrarem por meio de fotos a praça.

11 de abril: Interferência artística na praça: Saída de motocicletas pela Praça da República. Criação de lambe-lambes, para colocar no tapume do lado de fora da escola.

14 de abril: Saída de motocicletas pela Praça da República.

18 de abril: Saída de motocicletas pela Praça da República.

20 de abril: Saída de motocicleta trajeto: Escola- Teatro Municipal. Atravessar a Avenida Ipiranga e andar de motocicleta na rua Barão de Itapetininga.

25 de abril: Entrega de desenhos para transeuntes

29 de abril: Saída de motocicleta trajeto: Escola- Teatro Municipal. Atravessar a Avenida Ipiranga e andar de motocicleta na rua Barão de Itapetininga.

2 de maio: Saída de motocicletas pela Praça da República. Desenho de observação da praça: lago e pontes.

5 de maio: Saída de motocicletas pela Praça da República. Desenho de observação da praça: Secretaria Estadual de Educação.

10 de maio: Saída de motocicletas pela Praça da República. Visita ao Sesc 24 de Maio - Trajeto praça - Atravessar Av. Ipiranga - Barão de Itapetininga. Estacionar as motocicletas no bicicletário. Visitar o espaço do brincar do Sesc 24 de Maio.

13 de maio: Desenho de observação da motocicleta para criação da identidade visual do projeto. Oficina com Rayssa Oliveira, Ateliê Andorinha.

16 de maio: Saída de motocicletas pela Praça da República. Visita à praça Dom José Gaspar para andar na ciclovia de lá.

18 de maio: Saída de motocicletas pela Praça da República. Desenho de observação da praça: Coreto

19 de maio: Saída de motocicletas pela Praça da República. Entrega de chá de camomila para as pessoas da praça e entrega de desenhos para os garis da praça, em comemoração ao dia do gari.

20 de maio: Saída de motocicletas pela Praça da República. Desenho de observação da praça: Estátua do "Mercúrio em repouso". Fomos acompanhados nessa saída pelo Renato Moriconi, premiado autor e ilustrador de livros infantis e que é morador da região. Renato contou um pouco do seu trabalho, presenteou a escola com alguns livros, autografou outros e acompanhou a saída, sugerindo o objeto de observação.

23 de maio: Saída de motocicletas pela Praça da República. Visita à Biblioteca Mário de Andrade de motocicleta.

30 de maio: Saída de motocicletas pela Praça da República. Entrega de flores para transeuntes

31 de maio: Saída de motocicletas pela Praça da República. Visita ao Correio.

01 de junho: Saída pela praça com outros meios de transporte: Patinetes e cavalinhos de pau.

07 de junho: Saída de motocicletas pela Praça da República. Visita ao Sesc 24 de Maio. Estacionar motocicletas no bicicletário e visitar a biblioteca e o espelho d'água.

10 de junho: Saída de motocicletas pela Praça da República. Visita à feira do bairro e ao Copan.

14 de junho: Saída de motocicletas pela Praça da República. Entrega de chá para transeuntes.

22 de junho: Saída de motocicletas pela Praça da República. Visita à galeria Pivô, no Copan.

29 de junho: Saída de motocicletas pela Praça da República.

5 de julho: Saída de motocicletas pela Praça da República. Entrega de origamis para transeuntes.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Inicialmente treinamos as pedaladas dentro da unidade escolar, no parque da escola, para que as crianças se familiarizassem com as motocicletas. Cada criança tem o seu ritmo, mas sabíamos da importância de que, antes de sairmos, as crianças já tivessem tido um bom contato com o triciclo.

Paralelamente, a professora Regina, readaptada, criou uma placa com o nome do projeto, pois achamos importante ter essa sinalização, para sermos reconhecidos em nossas saídas, como estudantes da escola EMEI Armando. Muitas pessoas não se dão conta de que há uma escola de educação infantil no centro da praça, e a placa tinha o objetivo de reforçar esta presença. Separamos também os coletes que as crianças utilizam nas saídas, também com o nome da escola.

Após essa primeira etapa, iniciamos as nossas saídas pela praça sistematicamente, com a turma do 7E. Estas tinham sempre dois ou mais adultos: A professora da turma, Lívia, acompanhada da professora módulo Ivone, muitas vezes também com apoio do ATE Caetano, ou algum outro funcionário da escola. As crianças desde o início demonstraram muita empolgação com as saídas, respeitando alguns combinados prévios. Sempre deveriam andar junto com o grupo e nunca ultrapassar a professora Lívia, que guiava o grupo na frente. Outro combinado importante era de tomar cuidado com as pessoas, não “atropelar” ninguém e cumprimentar todos com um bom dia. Logo de início percebemos como as crianças humanizam a praça, como nossas saídas arrancavam sorrisos e que, de fato, chamavam a atenção das pessoas. Isso deu segurança para educadores e crianças se arrisarem mais nas interações. Algumas atividades aconteceram nesse sentido, com entregas de desenhos, chá, flores e outros para os transeuntes.

Com o passar do tempo, as crianças se mostraram bastante engajadas no projeto, demonstrando domínio do território da praça, inclusive sugerindo e solicitando rotas alternativas. A alegria do grupo era contagiante! Começamos, então, a propor desafios maiores. O primeiro foi atravessar a Avenida Ipiranga. Fazer esta travessia nos foi de vital importância, pois nos trouxe maior confiança para ampliarmos nosso território de percursos. As crianças não apenas passaram a se sentir mais à vontade na cidade, como também puderam explorar o pedalar em si, percebendo serem capazes de realizar percursos mais longos. A Rua Barão de Itapetinga virou uma extensão da praça, o que nos proporcionou pontos interessantes de observação, como as lojas, o comércio ambulante, assim como o Teatro Municipal, no fim do trajeto.

Começamos, então, a procurar parceiros nas imediações da escola, equipamentos culturais dispostos a receber o grupo, bem como suas motoquinhas. O Sesc 24 de Maio foi o primeiro local a receber nossa escola. Lá as crianças puderam fazer uso do bicicletário, o que é um marco importante do projeto: Agora usávamos a motoca como meio de transporte para chegar até algum lugar, e não só para andar pela praça. No Sesc as crianças puderam ir mais de uma vez, e a ideia é que a parceria perdure. Visitamos também uma outra praça, a Dom José Gaspar. Para chegar lá, andamos pela Avenida São Luís, outra via importante da região. Novos caminhos possibilitaram novas perspectivas de observação e aprendizagens. Na praça Dom José Gaspar, por exemplo, pudemos fazer uso de uma ciclovia do local, pedalando com mais tranquilidade. Visitamos também a Biblioteca Mário de Andrade e a Galeria Pivô. São espaços culturais próximos a escola, porém que nunca havíamos aproveitado. Sendo assim, o projeto motoca na praça também possibilitou novas parcerias. Algumas outras visitas já estão agendadas para o próximo semestre: Visita ao Centro de Memória do Circo e Visita mediada ao Teatro Municipal.

Importante ressaltar que todas as turmas do período da manhã da EMEI Armando de Arruda Pereira fizeram explorações pela praça da República, com diferentes frequências. A proposta teve início com apenas uma turma, mas conseguimos estimular todas as outras. Duas turmas do período da tarde também iniciaram a exploração pela praça.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

O projeto “Motoca na praça” tem atingido seus objetivos na medida que se torna algo frequente na rotina escolar. O vínculo é criado com a intimidade, por isso a constância semanal das saídas fez toda a diferença. Passear pela praça da República já não é mais algo esporádico e que envolve grandes logísticas, e sim algo simples, já incorporado à linha do tempo da turma. Importante ressaltar que as crianças na escola têm uma autorização de saída permanente para o entorno, assinada pelo responsável. Isso também desburocratiza as saídas pedagógicas.

O projeto, da turma do 7E, mobilizou toda a escola. Com o apoio da gestão, conseguimos envolver diversos funcionários da escola nas saídas, nos auxiliando e, conseqüentemente, fortalecendo laços destes com as crianças. Também é importante dizer que todas as turmas do período da manhã da EMEI Armando de Arruda Pereira começaram a sair de motoca na praça, cada

grupo com sua periodicidade, mas todas as crianças já passearam pela praça algumas vezes. Duas turmas do período da tarde também fizeram a exploração de motoca pela praça. Percebemos que o projeto incentivou outros professores da escola, e que, gradativamente, o projeto não é mais só de uma turma, mas da escola inteira. Novamente, só criamos intimidade com aquilo que conhecemos, por isso atingimos nosso objetivo quando boa parte da escola já se aproximou da praça.

No que se refere às crianças, a partir das rodas de conversa, comentários e desenhos, percebemos o quanto as crianças começaram a entender a praça como “delas” também. Já sabem que a escola EMEI Armando fica dentro da praça da República, localizada no centro de São Paulo. Reconhecem alguns prédios do entorno, como por exemplo o Edifício Copan e o Prédio da Secretaria Estadual de Educação. Observamos, também, que os caminhos da Praça estão cada vez mais familiares. Conhecem o coreto, a garça que está sempre no lago, a ponte com uma descida que as crianças mesmo deram o nome de ponte radical. Enfim, são inúmeros exemplos da familiaridade conquistada pela relação com a praça.

Formas de representação e pensamentos espaciais também foram trabalhados, como o início de uma alfabetização cartográfica: entender pontos de referência e conceitos básicos de lateralidade e localização. As crianças elaboraram mapas simples da praça e desenhos com base em itinerários e a partir desses registros foi possível observar as diversas aprendizagens das crianças.

Ter um novo olhar para a praça e para as pessoas da praça sem dúvida foi um ganho muito grande do projeto. Convidamos semanalmente as crianças a olharem todas as pessoas da praça, e isso possibilitou a quebra de alguns preconceitos, minimizando o medo e indiferença ao outro. Transeuntes e pessoas de situação de rua se emocionavam com a interação das crianças, o que de certa forma, ainda que de modo efêmero, nos mostra a transformação causada pelo projeto.

A criação da página do Instagram “@projetomotocanapraça” foi fundamental para a visibilidade do projeto. A página, que é usada para o registro e documentação do projeto, aproximou as famílias e comunidade escolar do projeto. E foi além, permitiu também que educadores de diversos lugares do Brasil tivessem contato com a proposta. Várias “pontes” foram criadas a partir dessa proximidade virtual. Serviu para apresentar o projeto para os equipamentos culturais, além de duas reportagens que foram feitas sobre o nosso projeto, uma para o site UOL e outra para o programa Fala Brasil, da rede Record. Recebemos o convite de apresentar o projeto na mesa de encerra-

mento do IX COPEDI (Congresso Paulista de Educação Infantil), em que o tema do Congresso foi “Entre lutas e resistências a defesa de uma Educação infantil emancipatória”, e o da mesa foi “Pedagogia dos sonhos possíveis: participação de bebês, crianças e mulheres e sua interação com a cidade”. Também foi possível a parceria com alguns moradores do bairro, que, a partir da página, conheceram a escola.

Nossa percepção do projeto e seus resultados é não apenas de satisfação e consciência da relevância da proposta, como da importância de sua sequência, e que este se estabeleça como ação permanente de nossa comunidade escolar.

DEPOIMENTOS

“O projeto da professora Livia “Motoca na praça” na EMEI Armando retomou com uma força necessária dentro do PPP da unidade, ainda mais em um cenário pandêmico em que muitas problemáticas cresceram significativamente. Pensando no público de crianças que a EMEI atende, que em sua maioria vem de dois anos de isolamento total das ruas, do lazer, do brincar, da falta da convivência social e da privação de ser criança em sua totalidade. O projeto torna-se IMPRESCINDIVEL no retorno das aulas presenciais, em que muitas crianças da unidade escolar, vem com as emoções totalmente desestruturadas, devido as condições sociais, e o que mais importa dentro desse contexto educacional, era e é restabelecer essas emoções de maneira saudável. Dentro dessa perspectiva, quando um projeto como o Motoca na praça traz de uma maneira muito assertiva e sensível a educação humanizada, é notório a importância das relações estabelecidas e reestabelecidas entre as crianças e os pedestres; moradores das praças; trabalhadores da praça e do entorno em suas diversas possibilidades. Foram nessas andanças, aventuras e ocupações da praça e do centro, que as crianças foram descobrindo a cidade; marcando território e ignorando as barreiras sociais. Foram levando em suas motocas a riqueza na troca de olhares; gentilezas; risadas; presentes em forma de desenho; aquecendo nos dias frios, ocupando os equipamentos públicos, e tantas outras aventuras e aprendizados em que elas vivenciaram e estão vivenciando para além das grades da escola. O processo do projeto é de uma riqueza imensurável, porque tanto as crianças quanto quem são tocadas por elas por gestos ou pelos olhares, tem sido afetado de diversas maneiras, e vem trazendo o que mais se faz necessário na sociedade atual, que é resgatar a humanização das ruas, quebradas, espaços públicos e privados e das pessoas que são invisíveis e marginalizadas no contexto social. Quando uma flor, um desenho, um copo de chá, um bom

dia ~são entregues diariamente na praça e nos entornos, é certo de que ninguém será mais o mesmo, porque a esperança ali foi semeada em um gesto singelo e que trará frutos imensuráveis nesses adultos do amanhã.”

Professora Eucilene

“O projeto Motoca na Praça possibilita uma interação plena com o território, partindo do olhar da criança e fazendo com que elas sejam enxergadas por adultos. O entorno da Praça da República tem uma diversidade próprio das grandes cidades, onde cabe o mundo, mas a criança passa despercebida. Nada melhor do que ofertar às crianças, vivências que as possibilitem fazer parte desta diversidade, explorar, interagir, modificar e usufruir de tudo que o território oferece.”

Diretora Eni Pereira de Souza

“No passeio de motocicletas pelo centro, as crianças paravam, acenavam e diziam bom-dia para todos com quem cruzavam o olhar. Eles verdadeiramente olhavam a pessoa. Em um determinado momento, uma criança parou em um grupo de moradores de rua dizendo ‘bom dia’. Foi lindo e nos fez olhar para aquele grupo diferentemente. Lembrei do livro ‘Os invisíveis’ de Tino Freitas e Odilon Moraes. E estou aqui desde hoje de manhã com o coração apertado e os olhos marejados toda hora, tentando entender como é que vamos perdendo esse superpoder.”

Noemi, professora da Faculdade de Fonoaudiologia da Santa Casa

“Eu acho o projeto motoca na praça perfeito. A gente gosta de andar de motoca na praça. Gostei de ir lá na biblioteca, tem muitos livros. Era longe, demorou e cansamos um pouco. Aprendi que na rua quando é descida a motoca escorrega, e quando é subida, temos que carregar a motoca.”

Ana Vitória, 5 anos

“Eu gostei desenhar o prédio amarelo, e de ir muito longe. é muito legal.”

Rafael, 4 anos, se referindo a Secretaria Estadual de Educação

“O projeto é legal porque a gente anda de motoca na praça. Eu adorei ir no Sesc.”

Heloisa, 6 anos

“Foi divertido e muito legal desenhar com o desenhista.”

Nicolly, 4 anos, se referindo a visita do Ilustrador Renato Moriconi

“Eu gosto de andar na praça da república por que é muito legal, um dia fizemos chá para as pessoas.”

Emily, 4 anos

“Eu gosto porque eu nunca andei de motoca na rua. E gostei do Sesc e de ir na biblioteca, lá contaram uma história para a gente. Na praça tem muitas árvores, quando saímos para desenhar, eu desenhei a ponte.”

Iancuba, 4 anos

“Eu gosto de vir para a escola e andar de motoca na praça, adorei atravessar a rua e descer a ponte.”

Thaila, 4 anos

“Eu gosto de andar de motoca, de desenhar a rua, de ir na biblioteca, de atravessar a rua e ver as árvores.”

Eliza, 4 anos

2º LUGAR

Projeto:

Comissão TEA: o orgulho de ser autista!

Unidade Educacional:

EMEI Borba Gato

Responsáveis:

Priscila Damasceno Arce, Ana Cristina Santos, Sandra Rejania da Silva e Thais Laurentino Martin

RESUMO DO PROJETO

A comissão de famílias das crianças com TEA tomou a frente da luta pela inclusão de qualidade em nossa escola e sinaliza uma grande transformação para a escola pública! Conforme Paulo Freire “uma das bonitezas do pensamento profético não apenas fala do que pode vir, mas falando de como está sendo realidade, denunciando-a, anuncia um mundo melhor”.

JUSTIFICATIVA

Em novembro de 1984, o chamado a partir de 1953 de Parque Infantil “Borba Gato”, através do decreto nº 20.348 passa a se chamar EMEI Borba Gato e a integrar as escolas de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Atualmente, atende 269 crianças em dois turnos distribuídos em 10 turmas. Antigo Parque Infantil 4 de Santo Amaro foi fundado em 1938, idealizado pelo poeta modernista Mário de Andrade ainda na década de 30 do século passado. A EMEI BORBA GATO está localizada no distrito de Santo Amaro, no chamado corredor histórico da zona centro-sul do município de São Paulo.

Iniciamos o ano letivo com um novo desafio: grande número de novas crianças matriculadas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista.

O que fazer? Como acolher as crianças? Como compreender seu desenvolvimento? Como organizar os espaços da escola, as práticas pedagógicas e o currículo? Como concretizar o direito a uma inclusão real e de qualidade?

A equipe ao acolher as crianças na primeira semana do ano letivo buscou conhecê-las e compartilhar muitas informações para melhor atendê-las. A equipe gestora em conjunto com a equipe escolar se intrigou com as primeiras experiências com as crianças e percebeu que seus conhecimentos a respeito das crianças eram insuficientes durante o acolhimento, e assim nos questionamos: por que não buscar primeiro nas famílias esses conhecimentos? Por que não aprendermos a partir de suas biografias? E assim, lançamos um primeiro convite a duas mães Thais Martin e Keila Couto para compartilharem sobre o que esperavam do acolhimento da escola e falar um pouco sobre a maternidade. Este convite foi estendido a comunidade em forma de bate-papo com mães através de convites na agenda e rede social da escola.

Não imaginávamos que este encontro marcaria nossa forma de viver a escola pública e que também impactaria muitas mães que sofrem com as dores da inclusão de seus filhos com o TEA seja na escola particular e pública. Em nossa primeira roda de conversa as mães relataram sofrimentos e experiências ruins em escolas privadas, em que seus filhos foram isolados em salas em momentos de crise, não saíam nas fotografias das atividades desenvolvidas pela turma, não criavam vínculo com todos os funcionários ou não tinham ajuda o suficiente no cuidado diário ou mesmo escuta de suas demandas ou medos. A angústia de encontrar um lugar onde seus filhos em primeiro lugar fossem respeitados e queridos permeavam os relatos que começavam da gestação, perpassando pelo luto quando da descoberta do diagnóstico e se transformando na luta por uma vida digna para suas crianças! Neste primeiro encontro mães que nunca tinham falado de seus medos e angústias com a inclusão de seus filhos ou ainda mães que buscavam a confirmação do diagnóstico puderam se fortalecer e trocar experiências, e nesse momento percebemos que não poderíamos parar por ali. Saímos daquele encontro diferentes, transformadas, empoderadas com histórias de outras mulheres e conscientes de nossa grande responsabilidade e importância do nosso papel, cada um do seu lugar de atuação impulsionando pequenas e grandes mudanças. Saímos com a certeza e sentimento coletivo de que desejávamos uma escola diferente, assim como aquela que aconteceu em uma manhã de março.

O desafio do acolhimento na primeira semana do ano letivo impulsionou a escola a se reinventar e a encontrar um caminho para participação dos pais de forma que não estivessem apenas nas reuniões bimestrais para receber

informações de seus filhos, mas em conjunto com a equipe, construindo dia a dia um verdadeiro Projeto Político Pedagógico e praticando a inclusão das crianças juntos, lado a lado com a escola. Ao não sabermos tantas coisas ao iniciar o ano com as crianças, a escuta ativa e comprometida das famílias foi um caminho seguro e inovador para incluí-las buscando a equidade, igualdade e qualidade na inclusão!

Embora, possamos saber muitas coisas na teoria apenas no encontro com as crianças, equipe escolar, famílias é que começamos a construir um caminho para garantir aprendizagens para todos e realizar esse trabalho na primeira infância é fundamental para as crianças com TEA seguirem sua escolaridade com ricas aprendizagens.

Diante esse novo universo e um contexto de complexidade política e pedagógica nasceu um lindo projeto, pois com muita alegria vieram outras ações, vivências, mas a partir deste primeiro bate-papo de maneira diferente da qual vínhamos fazendo: agora não apenas no discurso e sim na prática com as famílias das crianças e a partir delas e não mais para elas como sempre defendeu Paulo Freire. As famílias se organizaram e estenderam as vivências a toda a comunidade escolar, a comissão de mães primeiramente e depois de pais das crianças com TEA tomou a frente da luta pela inclusão de qualidade em nossa escola e tem inspirado e tem sido muito procurada por escolas de nossa região para socializar a experiência. Mesmo diante cenário político complexo com a tentativa de aprovação do retorno das escolas especiais, falta de AVE e estagiários nas escolas municipais, a aprovação do rol taxativo que compromete muitas terapias necessárias as crianças autistas, cenas de preconceito com o autismo viralizando nas redes sociais, e tantas outras notícias entristecedoras que saíam diariamente na imprensa não desistimos de lutar pela mudança.

Para Lisete Arelaro, “Paulo Freire não acreditava no fim da história, mas, ao contrário, defendia que o presente e o futuro são os homens e mulheres que os constroem - é célebre sua afirmação de que “ o mundo não é. O mundo está sendo”. Para ele, a possibilidade de transformação social é fruto da luta permanente pela humanização, que, se não existisse, não teria nos trazido ao desenvolvimento atual da luta pela implementação dos direitos humanos para todos”, assim é a nossa luta com a comissão.” Ainda para Paulo Freire, não é possível sequer pensar em transformar o mundo sem sonho, sem utopia e sem projeto. Sendo o sonho os projetos pelos quais se lutam!

OBJETIVOS

- Garantir o direito à aprendizagem e o acesso ao currículo das crianças com TEA.
- Garantir a inclusão das crianças com TEA na escola pública com equidade, qualidade e de maneira integral.
- Promover a participação que tenha como princípio a colaboração e cooperação entre famílias, escola, outros órgãos e parceiros externos a escola prezando por relações intersetoriais.
- Promover um espaço de escuta ativa das famílias, bem como, sua participação na construção do Projeto Político Pedagógico, especialmente no que concerne a inclusão.
- Garantir o acesso das crianças ao que prevê a Política de Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação articulando ações intersetoriais.

PÚBLICO-ALVO

Toda a comunidade escolar e todas as turmas.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Lamis Mahfoud, Caroline Reis Portillo, Francisca Cristiane Barbosa Lima de Sales, Julieta Peluso, Karla Goes Mendonça, Ana Karla Santos Cruz, Fabiana Ferreira Cavalcante, Keila Couto Rodrigues Seiler, Verônica Maria Garbin, Daniela Marques da Silva, Luis Henrique dos Santos, Eliana Ferreira dos Santos, Elizabeth da Silva de Moura, Fernanda Silva Malta Paganini, Jaqueline Maranhão Barros da Silva, Maria Isabel de Azevedo, Isabel Aparecida de Arruda, Juliana Barbosa Ramalho, Letícia Baroni Fantozzi, Lilian Morelli Mansano, Maria Aparecida de Albuquerque, Mariadna de Jesus Azevedo Miguel, Nely Gonçalves de Sousa Goissis, Simone Candido da Silva, Luciana Novais Pina e Aline Vieira de Souza.

METODOLOGIA

- Reuniões mensais com as famílias das crianças com TEA e abertas a comunidade.
- Formação Continuada dos docentes em Jornada Especial Integral de Formação e formação interescolas no território.
- Formação das famílias e comunidade escolar promovidas pelas famílias com crianças com TEA.
- Evento aberto a comunidade para visibilidade do Abril Azul.
- Criação de grupo de WhatsApp Comissão TEA com as famílias das crianças com TEA.
- Piquenique para celebração do Orgulho Autista.
- Criação de página @comissaotea no Instagram.
- Acompanhamento das aprendizagens na Reunião de Pais e Mestres e no cotidiano da vida da EMEI.
- Campanhas de sensibilização e promoção do Orgulho Autista.
- Ampla divulgação dos eventos no Facebook da escola.
- Participação de docente em jornada pedagógica: socializando estratégias e vivências.
- Parceria intersetorial, parceira CEFAl, PAAI, AVE.

CRONOGRAMA

Fevereiro: Acolhimento das crianças na escola e início da escrita do AEE pelos educadores da unidade.

Março: Bate-Papo com as mães “Acolhimento e Maternidade”, reivindicação de estagiários a DRE- Santo Amaro.

Abril: Bate-Papo sobre Inclusão, planejamento de evento com a comunidade e troca de experiências com estagiários de psicologia da UNIP, confecção de camiseta com logo criado pela comissão, evento com a comunidade em celebração do mês da conscientização sobre o autismo – Abril Azul, encontro interescolas palestra com a doutora Eliana Cunha aberto aos pais.

Maiο: evento dúvidas com a Nutri, reunião online google meet para criação da página no Instagram e acolhimento dos demais pais da escola, confecção de convite ao pai da Laura, pauta para próxima reunião direito dos autistas.

Junho: encontro de planejamento para evento de celebração do Orgulho Autista em 18/06, Piquenique do Orgulho Autista no Jardim aberto a comunidade.

Julho: divulgação da página do Instagram para comunidade escolar na reunião de pais, através da confecção de adesivo entregue na portaria para famílias e crianças, dividindo experiências na reunião de pais: registro/ documentação pedagógica, e modos de vida na EMEI, redação de projeto para o Prêmio Paulo Freire de Qualidade da Educação Municipal 2022 e sistematização de nossos registros e avaliação do 1º semestre e mar de ideias para o 2º semestre, relato de prática da professora Daniela Marques da Silva na Jornada Pedagógica.

Agosto: revisão do AEE escrito pelos educadores com a unidade em diálogo com as famílias, bate-papo com as mães turno da tarde, formação de GT de estudo e pesquisa para compra de brinquedos acessíveis com o PTRF, palestra com a rede intersetorial NAAP, CAPs, CRAS, UBS referência, visita para compartilhar experiências em outras unidades, revitalização com ajuda da comunidade dos parques multissensoriais da EMEI, planejamento de vivências e brincadeiras inclusivas entre famílias e crianças, estudo e divulgação do documento “Orientações Para Atendimento de Estudantes: Transtorno do Espectro do Autismo”.

Setembro: Clube do livro biografias, convite a escritores, GT materiais pedagógicos e brinquedos, acompanhamento da divulgação da Premiação entre a comunidade.

Novembro: Vivências Inclusivas, evento planejado pela comissão, palestra.

Dezembro: avaliação do projeto e transição para novas famílias. Ao longo do ano: formação continuada dos docentes JEIF, revisão periódica do Plano AEE, parcerias intersetoriais, palestras com convidados.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Nos primeiros meses do ano letivo, nos quais acontece o acolhimento das crianças começamos a nos questionar como iríamos acolher, compreender e incluir verdadeiramente as crianças com TEA em nossa escola. A partir da escuta ativa das famílias iniciamos o nosso projeto com encontros mensais com as famílias das crianças com TEA.

O nosso primeiro encontro se realizou com um bate-papo com mães com o tema “acolhimento e maternidade”. Este convite foi estendido a todos os

pais através de bilhetes na agenda e facebook da escola. Depois deste primeiro encontro, percebemos um caminho lindo de construção da inclusão das crianças em nossa escola. Conhecer as crianças por meio de suas famílias nos permitiu ter mais ferramentas e construir práticas pedagógicas mais assertivas para cuidar e educar das crianças com TEA, e, além disso, compreender a maneira como cada uma se comunicava e aprendiam. Pois, as crianças nascem em seus grupos familiares e é no seio da família que aprendem os modos de viver e são partilhados quando chegam a escola.

A partir deste primeiro encontro, aprendemos que a inclusão das crianças com TEA precisava ser pensada caso a caso e que em seu plano de atendimento educacional especializado, chamado em nossa rede de AEE deveríamos levar em consideração as especificidades de cada um e adotar estratégias diversas, assim como, para as demais crianças, todas são únicas! Dessa maneira, a partir do primeiro bate-papo com as mães decidiu-se ao final da reunião que inauguraríamos na unidade escolar uma metodologia de comissões para que as famílias pudessem participar, auxiliar, debater e ampliar frentes que necessitavam de um trabalho que exigisse diversos interlocutores. As mães participantes do bate-papo criaram um WhatsApp chamado comissão TEA e incluíram os pais do primeiro encontro que tinham filhos com TEA e alguns pais que estavam angustiados a espera de uma definição do quadro de seus filhos, ou seja, em investigação. Neste espaço privilegiado de comunicação puderam trocar terapias, caminhos percorridos e práticas que ajudaram atravessar os momentos mais difíceis, além disso articular os próximos encontros.

Posteriormente, continuamos com a metodologia de rodas de conversas com as mães e pais com filhos com TEA e com a participação de um grupo de estagiários de psicologia da UNIP de Santo Amaro em nossos encontros, que puderam ouvir as famílias e indicar ações e encaminhamentos para área da saúde. Com o avanço da propagação da covid-19 as mães tentaram um modelo híbrido com encontros presenciais e online por google meet para alinhar uma concepção de trabalho.

A comissão planejou e organizou um primeiro evento com toda a comunidade escolar apresentado sendo dirigido integralmente por ela. A mãe de uma das crianças que tinha formação em publicidade, mas dizia que deixava seu diploma guardado criou um logo junto as outras mães, Lamis desenhou uma árvore para trazer nosso coração símbolo da escola um jatobá de 200 anos que é protegido ambientalmente e conseguiu apoio financeiro de seu pai para confecção das camisetas para toda comissão e para as crianças com TEA. Planejaram a pauta do evento que envolveu toda a escola, chamado

“Conscientização da Inclusão na Escola” que visava dar visibilidade ao Abril Azul mês de conscientização sobre o autismo.

Durante a semana enviamos na agenda das perguntas que os pais tinham a respeito da inclusão das crianças, pois foi constatado pela comissão que nem todos as famílias com crianças típicas compreendiam a inclusão das crianças com TEA na escola. Assim, recebemos muitas perguntas e as mães responderam no sábado ao público presente, uma manhã de muito amor regado por um café coletivo, muito conhecimento sobre o autismo e por um sorteio de uma cesta de comida árabe oferecido pela mãe de Yasmin e entregue a mãe vencedora pelas crianças. Dentre os muitos aspectos apresentados e suscitados pelas respostas as famílias, as mães trataram sobre o que era o TEA, como o autismo interfere na vida da criança, as diferenças entre as crianças, como o autismo interfere na vida da família, como incentivar as famílias a acolher e incluir as crianças, termos que não devem ser usados, preconceito e enfrentamento da sociedade, suspeita de pais como buscar ajuda médica e suporte, sobre o dia do orgulho autista e as pautas pelas quais lutavam. Após este encontro adotamos esta metodologia de perguntas na agenda e realizamos um encontro com a nutricionista da DRE-Santo Amaro sobre a alimentação escolar e a reunião foi em modelo síncrono para ampliar a participação das famílias.

Outra frente de atuação buscou parceria com o CEFAl (Centro de Formação e Acompanhamento à Inclusão) de Santo Amaro através de suporte pedagógico e formação para equipe docente. A nossa PAAI (Professora de Apoio e Acompanhamento da Inclusão) veio ao horário coletivo dialogar com a equipe e compartilhar práticas necessárias à comunidade educativa. Tivemos também um evento interescolas da região com a palestra da Doutora Eliana Cunha que se colocou com uma parceira e ministrou uma palestra para escolas do território.

A comissão realizou também um encontro para criação do Instagram da comissão @comissaotea, como mais uma maneira de informar e sensibilizar a comunidade educativa da importância da inclusão de todas as crianças na escola. Nesta página as mães iniciaram postagens sobre o que vem discutindo na escola para que ela seja verdadeiramente inclusiva. No mês de junho se comemora o mês do orgulho autista e realizamos um piquenique muito afetivo e amoroso para também realizar os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil, e ao mesmo tempo afirmar nosso compromisso e o orgulho de fazer parte da história de cada família e criança envolvida em nosso Projeto. O dia

do Orgulho Autista foi vivenciado no nosso jardim pedagógico com comidas deliciosas e algumas músicas da preferência das crianças.

Aprendemos muitas coisas ao longo deste semestre, entre elas que alguns autistas apresentam seletividade alimentar, dificuldade em permanecer em ambientes que tenham muitos estímulos visuais e auditivos, que a postura visual e gestual de outra pessoa durante a comunicação importa, preferência acentuada que as crianças têm por alguma coisa ou pessoa, perda da comunicação verbal em tenra idade em alguns casos, sensibilidade ou desordem sensorial. Por outro lado, por meio das biografias das famílias aprendemos a sermos mais sensíveis e acolhermos a diferenças, e conhecer as crianças de maneira integral, através de suas histórias nos colocamos no lugar delas, e assim, constatamos que as crianças e famílias sofrem muito preconceito, já que, quando estão no mercado ou o metrô, por exemplo, a população acredita que a criança precisa apenas de limites ou ainda que o autismo é uma doença que será curada.

No dia da reunião de Pais e Mestres entregamos um adesivo surpresa do Orgulho Autista para todos os pais e crianças para ressaltar a importância da sociedade incluir as crianças! Foi um momento lindo no qual ampliamos a divulgação da comissão TEA no Instagram! E para encerrarmos o semestre realizamos uma reunião de avaliação do projeto e mar de ideias, pudemos comemorar a contratação de duas estagiárias, reapresentar o Instagram da Comissão para comunidade divulgar e compartilhar, além disso, assistir uma retrospectiva do trabalho, trocando afetos e forças para ida para o recesso escolar! Tivemos também a visita do cachorro da Yasmin o Maske que se transformou em outra ação do projeto. Por outro lado, tivemos o relato da professora Daniela Marques da Silva em nossa primeira jornada pedagógica na DRE Santo Amaro, com uma vivência com o Davi que é uma criança com TEA e não verbal, em seu registro dividiu com outras 3 escolas da região suas primeiras dúvidas, medos e vitórias, e pôde incentivar outras professoras a construir estratégias que destacam a importância de garantir o direito a aprendizagem de todas as crianças, sua inclusão com o coletivo da turma na sala referência e o suporte que recebeu da mãe e da escola em todo processo. Na reunião de pais socializamos as aprendizagens e apresentamos vídeos a comunidade escolar que demonstraram a inclusão de todas as crianças.

O projeto está em andamento e para o segundo semestre prevê uma parceria com o projeto de educação humanizadora Move para elaboração de políticas públicas para o público autista e formação de pais, grupo de estudo para compra de materiais pedagógicos e brinquedos acessíveis e ampliação

de ações intersetoriais, bem como, acesso a outros suportes necessários a inclusão das crianças, além disso, aprofundaremos a conscientização das famílias de crianças típicas e toda comunidade escolar. Ampliaremos a divulgação do documento “Orientações Para Atendimento de Estudantes “Transtorno do Espectro do Autismo” entre a comunidade escolar e possivelmente um clube do livro para trocarmos leituras e biografias escritas por crianças, jovens e adultos autistas. Consideramos que para o segundo semestre aceitaremos convites de outras escolas, pois fomos procuradas para implementar o projeto em outras unidades. Nos eventos promovidos por nossa escola vieram mães de ensino fundamental, um pai do ensino privado que passava na rua e pediu ajuda com a filha adolescente de 14 anos com autismo e não sentia que era incluída e assim muitas histórias de sofrimento e angústia se uniram a esperança que fora gerado no acolhimento e vida deste projeto.

O projeto está em andamento e continua porque o orgulho de ser autista é todo dia! A escrita deste projeto foi realizada de forma colaborativa com os pais e pelas famílias da comissão TEA, pois sonhamos em ganhar o prêmio para dar visibilidade a causa autista e levar nossas crianças a este lugar tão merecido! Há muitas mães e pais sofrendo com o a ausência de inclusão de seus filhos na escola, seja ela pública ou privada, durante todos os eventos fomos muito procurados por outras escolas, pais que passavam na rua e pediam pra participar mesmo sendo de escolas privadas, na busca de apoio, lugar de fala e na esperança que seus filhos encontrem um lugar de alegria onde possam crescer e se desenvolverem sem olhares preconceituosos, dores e frustrações de não serem aceitos, mas com equidade e de forma integral! Acreditamos que a comissão pode sinalizar uma nova política pública com a criação de uma comissão por escola na Rede Municipal de Ensino para promover formas de inclusão e educação integral para todas as crianças, estabelecendo uma relação escola e família em comunhão numa perspectiva de gestão participativa e democrática assim como defendia Paulo Freire.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Os pais se sentem mais seguros e contentes em participar da escola e ver que seus filhos vêm sendo respeitados, amados e demonstram felicidade e envolvimento com a vida da EMEI. Todos tem aprendido a respeitar as diferenças e temos compreendido que cada criança seja ela autista ou não, são únicas, devendo ser respeitadas em sua individualidade e ter acesso a todos

os bens culturais, históricos e ambientais da humanidade, tendo direito a brincar, se alimentar, e participar em grau de igualdade e equidade do Projeto Político e Pedagógico da Escola, não sendo tolerada práticas de exclusão. Percebemos que atitudes mínimas importam, desde um olhar, tom de voz, gestos, tudo educa as crianças, organização da escola e o coletivo da escola pode promover uma educação verdadeiramente integral.

DEPOIMENTOS

“Sou Thais Martin, tenho 31 anos, sou mãe do Davi de 5 anos diagnosticado com TEA nível de suporte moderado e não verbal. Percebi o atraso de desenvolvimento do Davi quando completou 1 ano de idade e nenhuma palavrinha veio, os comportamentos, como agitação, inquietação, rigidez com determinados brinquedos e distúrbio do sono foram chegando aos poucos. Por isso o ‘encontro’ do diagnóstico para a mãe é chamado de luto. É preciso ‘enterrar’ o filho criado sob suas expectativas e aceitar o filho que você gerou, criou e tem a responsabilidade de agir em prol do seu desenvolvimento. O diagnóstico não é o fim, mas o começo para uma trajetória com propósito. A vida escolar do Davi começou neste mesmo ano no maternal 1 em uma escola regular participar em São Paulo. A escola bilíngue e com várias atividades extracurriculares para mim era a melhor opção naquele momento. Não foi o que aconteceu. Infelizmente o Davi não era incluído nas atividades e quando tinha comportamentos inadequados era isolado em uma sala com uma professora para ‘entretê-lo’ e para que ele não ‘prejudicasse’ o andamento das aulas. Lembro-me da primeira festinha do Dia das Mães. O Davi chorou a festa toda, o som alto, os estímulos fizeram com que ele entrasse em uma crise. Triste com a falta de socialização e entendimento das condições do Davi, me vi sozinha. Haveria um lugar que a inclusão fosse feita de verdade? Muito ouvia falar do Parque Infantil EMEI Borba Gato. Uma escola pública da minha região, muito elogiada. O pré-conceito dos familiares me fez adiar o ingresso do Davi à EMEI. ‘Se a escola particular com todos os recursos não dava conta, o que uma escola pública faria?’. Sim, somos preconceituosos com escolas públicas, mas eu muito criticada fui ao encontro da Escola. Me lembro da Sandra, coordenadora pedagógica, me levar para conhecer todos os espaços da escola. Eu me questionava por dentro ‘Vão deixar eu ver tudo? Não há o que esconder dos pais?’ Não. Não havia o que esconder. Me senti acolhida desde o primeiro momento. Fiz a matrícula e em um mês saiu a vaga. Era agosto de 2021 e o Davi ficaria numa escola muito mais ampla, e tudo seria diferente. Mais colegas por sala, novos, um ‘risco’ talvez... Nos primeiros dias, fui acolhida pelo Luís da secretaria que também tem um filho autista. Ele enten-

dia cada situação que eu passava. No início foi um choro, a adaptação com a nova professora e várias descobertas. Mas todo passo foi acompanhado pela Ana Cristina, vice-diretora e pela Priscila, diretora.

O Colégio teve um índice muito alto de matrículas de autistas, 10 crianças, fora os com pré-diagnóstico. A força tarefa foi grande, e pude acompanhar de perto todas as mudanças que a escola fazia para que o Davi e as outras crianças fossem inseridos na rotina das crianças típicas. No refeitório foram feitos painéis sensoriais para que quando terminassem de comer pudessem fazer a autorregulação. Aos poucos as Tias da cozinha foram entendendo os pedidos do Davi, mesmo sem ele falar e o ajudavam, assim como a Ave. Brinquedos que pudessem agregar dentro da sala de aula foram adquiridos. E uma nova ideia surgiu, uma comissão de pais atípicos para troca de experiências entre os pais, o corpo docente e comunidade. Ali começava uma nova etapa da inclusão também em minha vida. A professora do Davi da época, professora Veronica tinha dúvidas dos gostos do Davi, das habilidades ou a falta delas e na roda de conversa pudemos compartilhar a visão do professor e dos pais. Isso foi de extrema importância, pois eu conheci a história da professora e ela a minha, num abraço fraterno pudemos entender os sentimentos e desafios uma da outra. Hoje caminhamos para novas conquistas, ideias e planos para cada dia melhorar mais. Vejo meu filho inserido na roda com as outras crianças, as adaptações que o corpo docente fez para que isso ocorresse e me sinto feliz e acolhida com a escolha que fiz. Quero agradecer a todos os envolvidos e que esse projeto possa se expandir para que mais famílias e escolas sejam auxiliadas. Minha eterna gratidão.”

Thais Martin (mãe do Davi)

“A inclusão escolar é muito importante para nós, famílias atípicas, e nos sentimos seguros em deixar nossos filhos em uma escola, onde sabemos que serão assistidos em suas necessidades, obrigada EMEI Borba Gato, por nos ouvir e por todo apoio!”

Francisca (mãe da Louise)

“A escola é muito acolhedora em tentar entender a dificuldade de cada criança atípica. Facilitando ao máximo a abertura para que os pais possam participar do momento do filho na escola. Respeitando suas particularidades para o melhor desenvolvimento. Me sinto à vontade em conversar qualquer dia com os professores e diretores para crescermos juntos. O EMEI Borba Gato está muito disposto a fazer uma inclusão de verdade.”

Caroline (mãe do João)

“A EMEI Borba Gato, nos trouxe uma nova visão de inclusão escolar. Ao olhar por cada criança, em especial, as com TEA, abrindo portas da escola para receber os pais e famílias. Junto com a coordenação, consegui orientar as professoras da Yasmin, minha filha autista nível 1 de suporte e assim fizemos juntos com que ela se desenvolvesse mais do que esperávamos. O espaço aberto para levar nosso cachorro Maske, da raça Golden Retriever, que acompanha a Yasmin, para que as crianças típicas e atípicas tivessem esse contato com um animal extremamente dócil e que trouxe muito conforto emocional para a Yasmin, foi muito emocionante e inovador. A escola olha por cada criança dentro ou fora do espectro de maneira humanizada e individualizada. Trouxe amparo aos pais com a oportunidade de fazermos parte da escola com a Comissão TEA.”

Lamis (mãe da Yasmin)

“A escola é muito acolhedora, e faz de tudo para que meu filho possa ter desenvolvimento adequado. Tenho fácil acesso a professores e coordenação, onde nos ajuda com algumas condutas”

Karla (mãe do Ethan)

“A EMEI é um ambiente que está preocupado com a inclusão. Isso vem acontecendo. Fico feliz em perceber que meu filho está sendo acolhido e que a escola está contribuindo para essa inclusão acontecer na prática”

Ana (mãe do Bernardo)

“Me sinto segura ao encontrar apoio no EMEI Borba Gato por receber nossas crianças tão bem. E se deixar abrir para a inclusão e cada vez mais entender este mundo diferente. Obrigada.”

Fabiana (mãe do Theo)

3º LUGAR

Projeto:

A escola tem elevador!

Unidade Educacional:

EMEI Professor Manoel de Alvarenga Freire Junior

Responsável:

Cintia Elidia Firmino

RESUMO DO PROJETO

O projeto foi desenvolvido a partir de uma escuta atenta da turma com relação ao elevador. Elaboramos propostas lúdicas que proporcionaram a ampliação dos conhecimentos. Com a elaboração da carta solicitando para a direção e partimos daí para as atividades sistematizadas. Envolvermos toda a comunidade escolar. O trabalho foi registrado em fotos, cartazes e depoimentos dos envolvidos, finalizando com a produção de um texto coletivo.

JUSTIFICATIVA

Estava com a turma brincando no espaço cozinha quando a porta do elevador se abriu e nesse momento várias crianças se aproximaram para olhar e assim começou o questionamento:

- Prô, alguém abriu o elevador.
- Cadê o buraco?
- O que é isso?
- Prô, eu nunca andei de elevador (Essa foi a fala da maioria das crianças).
- Quando fui passear no shopping, eu andei. (Alexia)
- Eu andei quando fui ao médico. (Emilly)

A ATE (auxiliar técnico de educação) Leila que estava comigo e a turma no local e foi rápido para fechar a porta do elevador e eu fiquei conversando com as crianças. Ouvindo suas experiências e curiosidades. A partir daquele

momento esse foi o assunto do dia. Mesmo eles voltando a brincar no espaço, fiquei ouvindo e a situação foi levada para o brincar, para o faz de conta. Começaram a apertar um botão imaginário chamando o elevador e assim trocar de andar no shopping e nos prédios. Na sala, sugeri as crianças que fizessemos uma carta para solicitar a diretora realizar um “passeio” de elevador.

Assim demos início ao nosso projeto.

OBJETIVOS

- Ouvir o grupo.
- Estimular a curiosidade e a pesquisa.
- Trabalhar com a elaboração de texto coletivo.
- Organizar ideias.
- Registrar com desenho suas impressões.
- Registrar informações em cartazes.
- Observar e comparar usando gráfico.
- Contagem.
- Identificar e selecionar meios de transporte.
- Classificar: terrestre, aquático e aéreo.
- Trabalhar com a noção das regras de trânsito.
- Trabalhar com a segurança na utilização de equipamentos/elevador.
- Promover brincadeiras para desenvolver coordenação motora, direção, equilíbrio e lateralidade.
- Confeccionar brinquedos com sucatas e dobraduras.
- Apreciar suas produções e a dos colegas.
- Estimular a autoestima.

PÚBLICO-ALVO

Sala multietária (4 a 5 anos).

METODOLOGIA

A base teórica que direcionou o trabalho foi a Pedagogia de Projetos, tema que estamos estudando no PEA, onde o trabalho desenvolvido busca ouvir o

grupo com suas necessidades e curiosidade para, a partir desse ponto, auxiliar a criança a construir seu próprio conhecimento, valorizando sua experiência de vida.

A abordagem que demos durante as propostas foram qualitativas, ampliando os conhecimentos com os desdobramentos, pesquisando e registrando os resultados. Formando parcerias nas diversas propostas como na elaboração da carta, nas rodas de conversa e nas brincadeiras. Leituras sistematizadas. Pesquisas em grupo. Valorizando as interações e as brincadeiras que são os eixos da educação infantil.

CRONOGRAMA

Cronograma mensal

25/3/2022 a 24/4/2022

- Ouvir a turma sobre a curiosidade com o equipamento: ELEVADOR.
- Roda de conversa.
- Roda de apreciação.
- Elaborar uma carta para a direção da escola solicitando “andar” de elevador, tendo a professora como escriba.
- Entrega da carta.
- Conversa com a diretora.
- Escolha do nome do projeto.
- Pesquisa sobre segurança.
- Realizar o passeio de elevador.
- Atender as crianças que faltaram no dia da realização da proposta.
- Segundo passeio de elevador.
- Cartaz com fotos e desenhos.
- Cantos diversificados.

25/04/2022 a 26/05/2022

- Meios de transportes.
- Recorte e colagem com a classificação: terrestre, aquático e aéreo.
- Dobradura avião.
- Desenho com interferência.
- Assistir um vídeo explicativo.
- Andar de motoca na pista que temos desenhada na área externa da EMEI.
- Brincar com pista de madeira, rolinhos de papel higiênico, placa de papelão e carrinhos.

- Roda de conversa.
- Roda de apreciação.
- Cantos diversificados.

27/05/2022 a 24/06/2022

- Leitura: Turma da Mônica - Educação no trânsito não tem idade.
- Contação de história: A menina que parou o trânsito.
- Cantigas com a temática meios de transporte.
- Confecção de brinquedo: Pista.
- Confecção de brinquedo com sucata: AVIÃO ou CARRO.
- Roda de conversa.
- Roda de apreciação.
- Cantos diversificados.
- Depoimento das famílias sobre o projeto.
- Depoimentos das crianças.
- Depoimento de funcionários.
- Terceira volta no elevador com a turma.
- Produto: texto coletivo.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

As crianças estavam brincando no espaço cozinha quando a porta do elevador se abriu nesse momento várias crianças se aproximaram para olhar e começaram os questionamentos:

— Prô, alguém abriu o elevador. (isso acontecia sempre que estávamos nesse espaço, mesmo com os combinados).

— Prô, eu nunca andei de elevador (fala da maioria das crianças).

— Eu já andei quando fui passear no shopping. (Alexia)

— Eu andei no médico quando fui com a minha mãe. (Emilly)

A ATE Leila (auxiliar técnico de educação) que estava comigo acompanhando as crianças foi rapidamente para fechar o elevador e eu fiquei conversando com a turma. Frente aos questionamentos fui respondendo o que era um elevador, perguntei se eles sabiam para que serve? Alguns ficaram com uma carinha de interrogação e a colega Emily respondeu que serve para levar a gente lá pra baixo, apontando com o dedo.

A partir daí, eles voltaram a brincar e ficaram conversando e levantando hipóteses, contando quem já tinha andado de elevador. Nesse dia o assunto foi

só esse. Então na roda de conversa já na sala de convivência sugeri que fizéssemos uma carta solicitando à diretora que pudéssemos andar de elevador.

A empolgação foi tanta que já queriam escrever a carta e eu fui anotando as ideias na lousa, conversando fui perguntando o que sabiam sobre o que é preciso constar em uma carta. A primeira coisa é o nome da pessoa que iremos enviar, nesse caso a diretora. Dei para eles essa missão de descobrir qual é o nome e que poderiam perguntar pela escola. Foi levantado que todos iriam assinar a carta ao final, então o Breno me disse que não sabia escrever e foi na lousa procurar a primeira letra do seu nome para me mostrar a letra B, eu respondi que todos têm suas plaquinhas com o nome e que eu iria ajudar.

Quando voltaram do lanche estavam animados, pois perguntaram para a ATE Evani (auxiliar técnico de educação) o nome da diretora e ela responde: “Dona Cida”.

Na aula seguinte, quando cheguei, já queriam ir andar de elevador, então expliquei que temos que entregar primeiro a carta. Na conversa, já fui colhendo mais dados sobre o que eles sabiam do funcionamento do elevador, eles falaram que tem um botão para ir para cima e uma para ir para baixo. A Isabella Borges falou que tem um botão na parede para chamar o elevador e quando aperta ele acende.

Na aula seguinte, começamos a escrever a carta e todos assinaram. Mesmo os que não registram de forma convencional com o auxílio da professora, todos fizeram seus nomes. Ao final pediram para segurar a carta e LER, procurando onde estava a sua assinatura. Colocamos a carta no envelope para ser entregue no dia seguinte. Nesse dia escolhemos o nome do projeto em coletivo. Fomos conversando sobre qual o melhor nome para representar as propostas que a turma estava realizando. Daí saiu o nome: A escola tem elevador!

Ao chegar à sala (na quinta-feira) a turma estava me esperando para entregar a carta para a diretora. O Gustavo disse: “Eu vi a diretora na escola” e o Kaio disse: “Estou com medo dela não deixar a gente andar de elevador.”

Então reuni a turma e combinamos de ir juntos até a direção. A dona Cida já estava a nossa espera. A Thayla entregou a carta, o Erick foi o representante para falar qual era o pedido da turma, ela conversou com eles, fez algumas perguntas do tipo: quem já andou ou não de elevador. Contou que ela mora em prédio e usa o elevador todos os dias e que um dia acabou a energia e teve que ir de escadas. Mostrando como o elevador é útil. Por fim disse que a turma está autorizada a andar de elevador. Os olhinhos brilharam. Voltamos para a sala e vamos marcar o grande dia. Na sala, eles gritaram comemorando, alguns até me abraçaram.

Na roda de conversa elencamos quais seriam os motivos para usar o elevador, as crianças disseram que é para subir e descer, fui questionando sobre mobilidade. Levantei a problemática: mesmo uma escada sendo pequena quem não consegue subir fica sem poder acessar o andar de cima. A conversa caminhou até que falamos sobre cadeirante e rapidamente às crianças falaram que na escola temos um colega que faz uso da cadeira de rodas, e que ele já ficou em nossa sala e ficamos de convidá-lo a voltar. Estávamos na sala brincando quando a AVE Valquíria (auxiliar da vida escolar) estava levando o Lorenzo, que é cadeirante, da turma 7J da professora Marcela ao elevador, pois estava indo para encontrar sua turma.

Os convidei para entrarem em nossa sala. Conversamos com ele e a Valquíria e contamos que ele ia descer para realizar uma atividade com a turma dele no pátio. Que sem o elevador seria muito difícil para ele acompanhar seus colegas. Os meus alunos já sabiam que ele ia de elevador por causa da sua necessidade e responderam: “ainda bem que a escola tem elevador.”

Foi um momento de interação e muito rico para ambos. Momento significativo. Fomos com eles até o elevador e o Lorenzo disse: “Eu sei apertar o botão para chamar o elevador.”

Fez o movimento de esticar o braço e apertou o botão. Mesmo com dificuldade ele fez questão de mostrar que o sabia. Mostrando ser capaz.

Ao retornamos para a sala continuamos com a conversa e o Lucas, que é uma criança mais reservada, se sentiu confortável para compartilhar com a turma a sua experiência: “Prô, a minha mãe é como o Lorenzo. Ela anda de cadeira de rodas também.”

As crianças ficaram curiosas e falaram que nunca tinham visto uma mãe cadeirante. E o Lucas de pronto respondeu: “Tem sim. A minha mãe.”

Nas salas com os cantos diversificados as crianças começaram a brincar com as bonecas e colocaram uma delas no carrinho de supermercado e diziam que era cadeirante como o Lorenzo e a mãe do Lucas. O lúdico realmente é o lugar seguro para as crianças brincarem e para trabalhar com questões que mexeram com eles de alguma forma. Por diversas vezes e em dias diferentes essa representação foi repetida nas brincadeiras.

Fomos pesquisar quais eram as orientações para usar o elevador com segurança. Como por exemplo, a quantidade de pessoas e peso por vez. Criança não pode andar sozinha e sim na companhia de um adulto. Não pular dentro do elevador. Apertar somente o botão do andar para onde está indo. Nas paredes próximas ao elevador colocamos cartazes que confeccionamos com as dicas de segurança.

Chegou o tão sonhado dia do “passeio”. Com a ajuda da Coordenadora Fernanda e a ATE Evani fomos levando as crianças em grupos pequenos de andar em andar, parando e olhando o que tinha em cada andar. Cada criança teve a oportunidade de apertar os botões e observar o que aparecia no painel. No estacionamento ficaram encantados de ver o carro da professora, de lá também foi possível ver a casa de alguns alunos. Que fizeram questões de mostrar, indicando a cor do portão para facilitar a localização. Com um dos grupos tivemos a oportunidade de fazer o percurso junto do Lorenzo e a AVE Valquíria (auxiliar da vida escolar), pois estava na hora do lanche dele e da turma. As crianças gostaram demais dessa interação.

Na sala eles foram expressando verbalmente suas impressões. Que dia, que momento especial. Tinha criança com dor de barriga, outros tremendo. Todos animados e dispostos à descoberta. No dia seguinte organizamos um painel com os desenhos que fizeram no dia anterior como registro da proposta. Colocamos o cartaz no corredor e a Alexia apontou nossos trabalhos dizendo: “Prô, as outras crianças vão ver nossos desenhos e vão querer andar de elevador.”

No dia seguinte as crianças que faltaram ficaram desapontadas quando descobriram que perderam o dia do “passeio”. Os acalmei e disse que eles iriam dar uma volta sim. Quem a acompanhou essa turma foi a ATE Evani (auxiliar técnico de educação).

Nessa atividade todos tiveram a oportunidade de dar mais uma volta assim como tinham solicitado. Dessa vez tivemos uma novidade, no estacionamento vimos duas funcionárias que estavam saindo de carro. Tomamos todos os cuidados e aproveitamos para conversar no retorno na sala de aula durante a roda de conversa.

Ao realizar a segunda volta de elevador, paramos nos andares e observamos os espaços novamente, espaço esse que as crianças conhecem bem, mas que agora estavam vendo de uma nova perspectiva. Assim trabalhamos os numerais, as quantidades de andares que ele faz suas paradas registraram os números. Contamos a quantidade de crianças que participaram da atividade, lembramos que não podem ir todos juntos por causa da capacidade e das normas de segurança. Realizamos um gráfico com os dados obtidos.

Com as fotos no pen-drive, fomos vendo na TV quais tinham ficado com uma boa qualidade e quais iriam representar melhor a nossa proposta, além de contemplar todas as crianças. Então escolhemos e enviei para a coordenadora Fernanda realizar a impressão. As fotos foram compor o cartaz que já estava na parede com os desenhos e agora estava completo.

O desdobramento do projeto veio com a ampliação dos conhecimentos sobre os meios de transporte. Como vimos o elevador é o meio de transporte em prédios, shoppings, escolas e em vários locais. Quais são os outros meios de transporte? Como as crianças vêm para a escola: de carro, de moto, de transporte escola ou a pé?

Realizamos uma pesquisa e fizemos a classificação deles em terrestre, aquático e aéreo. As leis de trânsito. Como podemos ter um trânsito seguro? Foi o tema de algumas rodas de conversa. Assistimos ao um vídeo explicativo e a uma contação de história: A menina que parou o trânsito. Confeccionamos brinquedos de sucata: avião e/ou carrinho. Dobradura. Desenho com interferência. Desenho livre. Brincadeiras dirigidas com a motoca na pista que temos desenhado na área externa para tratar da segurança no trânsito. Brincadeiras livres. Proporcionar atividades que através do lúdico as crianças pudessem vivenciar e construir seu próprio conhecimento e desenvolver suas habilidades.

Na quadra como uma das últimas propostas do projeto levamos carrinhos para brincar e novamente surgiu a pergunta: “Carrinho para as meninas também?” e eu devolvi a questão: “Meninas podem brincar de carrinho?”

Eles responderam que sim. Eu disse que sei dirigir e vou trabalhar de carro. Eles foram contando as mães que dirigem e as que não. Levantamos que tem motorista de ônibus e piloto de avião mulher. Chegamos à conclusão de que as meninas podem e devem brincar de carrinhos. Na sala, retomamos o assunto.

Como produto, elaboramos um texto coletivo onde a professora foi a escriba da turma. Na roda de conversa foram colhendo os dados para organizar em texto, onde fui anotando na lousa e com a ajuda das crianças fomos construindo um texto que transmitisse o que as crianças gostariam de registrar com coerência e uma estética agradável.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação foi realizada durante todo o percurso do projeto. Com as devolutivas das crianças em suas falas e no seu comportamento, pois a partir dessa proposta as crianças não sentiram mais a necessidade de apertar o botão que aciona o elevador. Além de terem explorado, aprenderam sobre a segurança para manutenção do equipamento, quanto para os usuários. As famílias avaliaram o projeto de forma positiva, pois a maioria das crianças nunca tinham andado de elevador e tiveram essa oportunidade, além de aprender na

prática sobre inclusão, pois além do nosso aluno cadeirante temos familiares que também apresentam necessidades e trabalhamos esse tema nas rodas de conversa.

Fomos pesquisar quais eram as orientações para usar o elevador com segurança. Como a quantidade de pessoas e peso por vez. Criança não pode andar sozinha e sim na companhia de um adulto. Não pular dentro do elevador. Apertar somente o botão do andar para onde está indo. Nas paredes próximas ao elevador colocamos alguns cartazes que confeccionamos com as dicas de segurança.

Chegou o tão sonhado dia do “passeio”. Com a ajuda da Coordenadora Fernanda e a ATE Evani e fomos levando as crianças em grupos pequenos de andar em andar, parando e olhando o que tinham em cada andar, pois já conheciam os ambiente e estavam tendo a oportunidade de ver de uma nova perspectiva.

DEPOIMENTOS

“A Emily contou que na escola tem um elevador. E que tem um coleguinha que é cadeirante e que o elevador era muito importante para o coleguinha ir ao banheiro e no pátio para brincar. Eu como pai gostei muito, a atividade mostra que existem pequenas maneiras de se importar com os outros no dia a dia. E ajuda a criança ter empatia e se colocar no lugar do outro.”

Pai da Emilly

“Ele falou que andou de elevador na escola com os amigos e a professora e foi muito legal.

Como mãe gostei pelo fato dele nunca ter andado e foi uma experiência muito boa para ele.”

Mãe do Gustavo

“Ela gostou muito. Eu achei legal.”

Mãe da Alexia

“Ela me falou que amou andar de elevador. Ela chegou toda feliz e disse: mãe andei de elevador hoje. Fui à escola e lá ela me mostrou a foto que estava no cartaz e pedi para tirar uma foto. Como mãe achei legal. Ela nunca tinha andado de elevador.”

Mãe da Mirelly

“Prô Cintia, ele falou que vocês foram andar de elevador, que ele viu o estacionamento e o negócio lá da merenda (refeitório). Eu achei muito bom. Eu gostei.”

Mãe do Breno

“Eu gostei muito. Achei legal!”

Breno, aluno

“Nunca tinha andado de elevador. Fui junto com o Isaac.”

Isabella, aluna

“Só andei de elevador aqui na escola. Não fiquei com medo, nem quando ele balançou.”

Erick, aluno

“Achei que foi legal. Porque a gente desceu e subiu. A gente viu o parque e o estacionamento cheio de carros.”

Enzo Henrique, aluno

“Prô, a gente conheceu o Lorenzo, aquele menino da cadeira de rodas. Ele veio aqui na sala. Você lembra dele?”

Isaac, aluno

“Eu, Evani, ATE (auxiliar técnico de educação) da EMEI Manoel de Alvarenga, participei de uma atividade com a professora Cintia e sua turma 7M. Primeiro dando suporte ficando com a turma na sala enquanto a professora em pequenos grupos com as crianças usaram o elevador para observar os espaços da escola e também o funcionamento do mesmo e depois ativamente com duas crianças que no dia tinham faltado. O que observei é que por ser uma novidade para muitas crianças, o uso do elevador, elas gostaram bastante dessa atividade mostrando entusiasmo através dos comentários. E com certeza muitas aprenderam o funcionamento. Foi finalizado com fotos.”

Evani, ATE (auxiliar técnica de educação)

“Eu sou a Valquíria (auxiliar da vida escolar) e acompanho o aluno Lorenzo da turma 7J que faz uso de cadeira de rodas, fazendo a locomoção do mesmo de um andar para o outro. As crianças da professora Cintia estavam fazendo uma atividade sobre a importância do elevador e cuidados com a segurança quanto ao utilizá-lo. E fui de um andar para o outro com uma parte da turma e para o Lorenzo foi uma experiência diferente e ele ficou surpreso durante o percurso dentro do elevador. Quando

chegamos ao piso superior ele saiu do elevador e falou assim: Que legal quero ir de novo com as crianças.”

Valquíria, AVE (auxiliar da vida escolar)

“No início do ano recebi uma criança com paralisia cerebral, já tive alunos com necessidades especiais antes, mas nunca um com cadeira de rodas. Inicialmente foi um pouco complicado, pois eu ficava meio sem saber o que fazer e como incluí-lo nas propostas verdadeiramente, fomos criando estratégias, perguntei para as colegas e aos poucos fomos adequando, o Lô e eu, pois era tudo novo para nós dois. Estava tudo bem, mas então o novo parque de grama ficou pronto, porém lá é o único espaço não acessível da escola. A turminha estava insistindo para irmos e eu fiquei pensando em como levar o Lorenzo em segurança, sendo que o único acesso é pela escada e tinha medo de levá-lo no colo e cair. Enfim, depois de uma semana aceitei o fato de que o espaço não é acessível e eu não poderia fazer nada a respeito. Então pensei que o deixar em outra sala seria a solução mais viável, porém como fazer isso e ao mesmo tempo ter certeza que ele não se sentiria abandonado ou triste, conversei, mostrei foto da escada e disse que ele ficaria por pouco tempo com outra turma e conheceria novos amigos. Na época a professora Cintia estava iniciando seu projeto e convidou o Lorenzo para ir conhecer a sua turma e foi uma ótima oportunidade para que nas outras crianças o conhecesse e ele se sentisse acolhido. Eu achei incrível como a professora Cintia aproveitou de ter um cadeirante na sua sala para ensinar a turma sobre inclusão, acolhimento e como utilizar o elevador.”

Marcela, professora 7J

“Fui surpreendida certo dia com a professora Cintia a me procurar com um ‘requerimento’ da sala, ‘assinado’ por todas as crianças no qual faziam uma solicitação para a direção andar no elevador da unidade, que era usado, prioritariamente pelas crianças que fazem uso de cadeira de rodas. Foi uma proposta pedagógica de grande sensibilidade que demonstra a escuta atenta às necessidades das crianças.”

Fernanda, Coordenadora

CATEGORIA II

ENSINO FUNDAMENTAL I

1º LUGAR

Projeto:

Para além da SRM

Unidade Educacional:

EMEF João de Deus Cardoso de Mello

Responsável:

Cynthia Porto Müller

RESUMO DO PROJETO

O projeto possui como foco principal desmistificar a SRM, um local muitas vezes visto como a “sala dos doidinhos”, além de mostrar a capacidade dos alunos com deficiência e dar-lhes oportunidades de visibilidade e valorização, diante de suas potencialidades. Na busca por essas visibilidades, agregamos valor a materiais que seriam descartados, os modificamos e assim tornamos os momentos de recreio mais divertidos.

JUSTIFICATIVA

Com o intuito de dar visibilidade e valorizar a potencialidade dos alunos com deficiência, abrimos as portas da SRM e levamos o trabalho que é desenvolvido em sala, a toda a comunidade escolar. A integração, o olhar de admiração, o conhecimento, ajudam a desmistificarmos as necessidades desses alunos, oportunizando que sejam vistos como pessoas capazes e que consigam agregar valor aos que estão ao nosso redor.

OBJETIVOS

- Desenvolver empatia.
- Sensibilização da comunidade.

- Promover integração.
- Promover a interação social.
- Apresentar resultados interessantes, oriundos de ideias/ações de alunos com deficiência.
- Desenvolver coordenação, concentração e foco.
- Desenvolver habilidades de negociação entre os estudantes, através das pequenas competições.
- Tornar o recreio mais atraente e um espaço de desenvolvimento.
- Compreensão de regras de jogos e execução delas.
- Raciocínio lógico.
- Coordenação motora.
- Zelo e respeito pelos pertences do outro.
- Ampliar as possibilidades criativas.
- Promover a sustentabilidade e o conceito de reutilização de materiais.

PÚBLICO-ALVO

O projeto atende aos alunos com deficiência participantes da SRM, bem como todos os alunos do Ensino Fundamental I e II.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

O projeto é exclusivo da SRM, mas conta com o apoio dos professores do EFI que nos abrem espaço durante as aulas, para divulgação. Também contamos com os ATEs que disponibilizam o material durante o recreio e monitoram a utilização deles.

METODOLOGIA

Passo 1 – foram propostos aos alunos com deficiência, dentro da SRM, nos contraturnos, a possibilidade de execução e de construção de jogos e brinquedos através de materiais não estruturados. A cada proposta, os alunos construam, jogavam coletivamente e levavam esse material para casa, para que pudessem continuar a manuseá-los. Utilizamos palitos, caixas de ovos, retalhos de papéis, folhas coloridas, bandejas de isopor, frascos de desodorantes

roll-on (retiramos as bolinhas), tinta, cola, tesoura, papel contact, tampinhas, garrafa pet etc.

Passo 2 – Vários exemplares do mesmo material foram construídos, pela PAEE, com a ajuda das estagiárias do CEFAL e pelos próprios alunos da SRM, formando assim, um acervo de jogos.

Passo 3 – A cada novo jogo, eu, PAEE da Sala de Recursos Multifuncionais, fui até a sala de aula dos alunos de EFI e apresentei o projeto, explicando o novo jogo, como eram as regras de uso e conservação.

Passo 4 – A proposta foi apresentada aos ATES e mães POT que se mostraram engajados em disponibilizar o material aos alunos, no horário do recreio.

Passo 5 – Os alunos não frequentes da SRM e tiveram interesse em adquirir o jogo, puderam vir até a SRM, solicitar o material para a construção do seu próprio jogo.

CRONOGRAMA

Abril – execução dos passos 1 e 2 na SRM.

02 a 13 de maio – construção de jogos na SRM, divulgação dos projetos nas salas e disponibilização do primeiro jogo no horário do recreio – “Desafio dos Palitos”.

16 a 31 de maio – construção de jogos na SRM, divulgação de novo jogo nas salas e disponibilização no horário do recreio – “Desafio do Tangran”.

01 a 14 de junho - construção de jogos na SRM, divulgação nas salas de novo jogo e disponibilização aos alunos no horário de recreio – “Acerte o Ovo”.

15 a 20 de junho - construção de jogos na SRM, divulgação dos projetos nas salas e disponibilização do jogo no horário do recreio – “Desafio do Movimento”.

20 a 01 de julho - construção de jogos na SRM, divulgação dos projetos nas salas e disponibilização do jogo no horário do recreio – “Bilboquê”.

O projeto possui a intenção de permanecer vigente até o mês de setembro, porém o acervo de jogos ficará disponível até o término do ano letivo de 2022.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto foi desenvolvido em etapas. No início aconteceu somente dentro da SRM, com os alunos com deficiência. Após a apropriação, manuseio e construção de acervo, este foi disponibilizado aos demais estudantes e os próprios alunos da SRM ajudaram no monitoramento e manuseio dos jogos, durante o recreio.

Como parte do projeto está relacionado à construção de jogos, na SRM os alunos tiveram a oportunidade de ver a modificação do material e muitos acabaram se projetando dentro dessa transformação.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Este projeto trouxe muitos frutos e alcançou um objetivo essencial, a valorização da criança com deficiência.

Os alunos e familiares que frequentam a SRM, perceberam que existe possibilidade de transformação e de crescimento através de ações simples. O fato de levarem o próprio jogo promoveu um espaço gostoso de interação dentro de casa.

Os momentos do recreio propiciaram a junção de vários alunos, que se mostraram interessados em jogar o jogo, oportunizando momentos de competição e de cooperação.

A comunidade escolar teve acesso ao que acontece nos atendimentos pedagógicos da SRM e muitos mostraram-se interessados em conhecer um pouco mais sobre as necessidades dos colegas.

DEPOIMENTOS

“Eu adoro construir esses jogos, acho muito divertido.”

Miguel, aluno de 8 anos (TEA)

“Eu gosto de brincar com os meus amigos no recreio.”

Glenda, aluna de 11 anos (TEA)

“Foi uma grata surpresa quando recebi a proposta da professora Cynthia. O fato de estar tão preocupada e sensibilizada com as questões da inclusão e conseguir aliar

um projeto que desmistifica a SRM e qualifica os horários de recreio das turmas do Ensino Fundamental I, agregou muito valor ao primeiro semestre”.

Mônica Azevedo, Coordenadora Pedagógica

2º LUGAR

Projeto:

Colcha de retalhos

Unidade Educacional:

CEU EMEF Manoel Vieira de Queiroz Filho

Responsável:

Eliane Hessel dos Santos

RESUMO DO PROJETO

Projeto desenvolvido com os estudantes dos 4ºs anos do Ensino Fundamental I da Escola Municipal EMEF Manoel Vieira de Queiroz Filho com a supervisão e auxílio dos professores regentes e especialistas. Houve a participação/envolvimento de toda a comunidade escolar.

JUSTIFICATIVA

A história de uma pessoa é como uma colcha de retalhos, ela é formada dos acontecimentos, dos momentos de alegria, de tristeza e de sonhos da vida de cada um, desta forma, há grande importância na relação afetiva entre as pessoas da família e da escola, pois é assim que a criança aprende a amar e ser amada. Principalmente nesse momento de pandemia em que estamos vivendo, o amor, a interação e o conhecimento das vivências de cada um, tornam-se fundamentais para o enfrentamento das adversidades deste momento difícil na vida de todos.

OBJETIVOS

Conhecer a história de cada aluno e sua família com a interação de todos e aprender com as diferenças. Observando: Aumentar os conhecimentos dos

alunos sobre si mesmos. Estimular a leitura e o gosto por ela. Produzir textos a partir de histórias de vida. Valorizar e incentivar o conhecimento da história de vida de cada um. Melhorar a leitura e escrita.

PÚBLICO-ALVO

250 alunos, quartos anos com faixa etária de 10 e 11 anos.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Eliane Lacerda, Maria da Graça, Elisabete, Leandro, Michela, Regilene, Sheyla, Viviane, Rafael e Helena.

METODOLOGIA

Vídeos, narrativas biográficas e autobiográficas, pesquisa, textos com histórias sobre avó, questionários impressos para entrevista, tinta para pintura do solário e tecido para a confecção da colcha, que será o produto desse projeto.

CRONOGRAMA

06/09/2021 - Vídeo do Youtube que conta a história “A colcha de retalhos”. Explicação do projeto, etapas e finalização do projeto.

13/09/2021 - Texto “A colcha de retalhos” para leitura e estudo do texto.

20/09/2021 - Leitura compartilhada do texto “Colo de avó” e roda de conversa.

27/09/2021 - Perguntas para entrevista com a avó (pode ser a avó ou parente próximo).

04/10/2021 - Roda de conversa sobre a entrevista realizada.

11/10/2021 - Ilustração em papel de uma lembrança de cada aluno.

18/10/2021 - Roda de conversa para compartilhamento das lembranças.

25/10/2021 - Produção textual de cada lembrança.

01/11/2021 - Cada aluno leva um retalho e fala sobre ele (o retalho). Ilustração no retalho.

08/11/2021 - Ilustração em papel da lembrança de um membro da família.

22/11/2021 - Início da união de cada retalho realizada pelo professor.

29/11 à 10/12/2021 - Pintura dos solários da EMEF pelos alunos, com auxílio dos professores.

17/12/2021 – Exposição na última reunião de Pais dos materiais produzidos: colchas de retalhos, livros com textos das lembranças e ilustrações dos alunos e familiares.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Foram desenvolvidas brincadeiras “do tempo da avó” na aula de educação física, pesquisadas anteriormente pela professora Sheyla com a família de cada aluno.

A professora Regilene desenvolveu o trabalho “Animais Preferidos”, no qual os alunos ilustraram com tinta guache seu animal favorito.

O professor Rafael, da disciplina de Inglês, trabalhou o tema “Família”, apresentando aos alunos o filme “Viva, a vida é uma festa”, e desenvolvendo um trabalho com ilustrações sobre as famílias dos estudantes.

A professora Helena, da disciplina de Leitura, apresentou a contação da história “A Colcha de Retalhos” e músicas da jovem guarda.

A professora Viviane, da disciplina Informática, organizou os registros fotográficos com as etapas do projeto.

Sob a orientação do professor Leandro, os alunos e demais professores participantes do projeto escolheram diferentes temas e cores para a ilustração dos seis solários da EMEF, ficando uma turma responsável por cada solário.

Durante as etapas do projeto os alunos relataram histórias que ouviram dos pais, muitas das quais os estudantes ouviram pela primeira vez. Os pais fizeram desenhos para ilustrar as histórias contadas aos alunos e esses, por sua vez, fizeram os próprios desenhos inspirados nas lembranças dos pais.

Na última reunião de pais ocorreu a exposição das colchas produzidas pelas turmas, assim como as ilustrações das memórias das famílias, dos alunos e demais trabalhos produzidos pelos alunos durante todas as etapas do projeto.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Avaliação contínua, durante todo o processo, em que observamos a interação dos estudantes com seus familiares através das histórias de vida de

cada família contadas nas entrevistas e ilustrações dos membros de gerações anteriores. Houve respeito de todos pelas histórias contadas e representadas nas exposições apreciadas por toda a comunidade escolar.

DEPOIMENTOS

Muitos familiares comentaram sobre as lembranças vividas ao longo da sua vida e que por meio deste projeto conseguiram reviver e compartilhar essas vivências com os filhos, netos, sobrinhos etc. Também alguns alunos relataram como foi prazeroso conhecer mais sobre o passado de seus familiares.

3º LUGAR

Projeto:

De olho no céu: desvendando os mistérios do universo

Unidade Educacional:

EMEF Paulo Duarte

Responsáveis:

**Regina Maria Nara, Isabel Alves Borges, Renata Fernandes
Borrozino Marques e Vera Aparecida de Melo Silva**

RESUMO DO PROJETO

O Projeto “De olho no céu: desvendando os mistérios do Universo” promove um olhar expandido do céu. Através do alinhamento de tecnologias para aprendizagem, métodos científicos, instrumentos ópticos e o STEAM (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Arte e Matemática) promove um verdadeiro encantamento pela Astronomia e a busca de novas informações pelos mistérios o que a cercam.

JUSTIFICATIVA

Vivemos tempos confusos e conturbados, nos quais o método científico e toda a história da Ciência que já estava pacificada e consolidada é questionada com base no senso comum e ancorada em teorias que desprezam a ciência e toda a construção histórica. Nesse sentido, as aulas que envolveram o projeto buscaram promover debates sobre temas sugeridos pelos próprios alunos, porque despertam a curiosidade e aguçam o conhecimento científico. Assim, a Astronomia é uma das áreas que atrai muita atenção e interesse dos alunos. Os mistérios que envolvem o Universo, a curiosidade em saber como são os outros planetas e se há vida por lá projetam olhares científicos em busca de respostas. Atualmente contamos com vários softwares, aplicativos e sites que contemplam algumas respostas. A utilização de alguns instrumentos ópticos

contemplam os saberes científicos e o colocar a mão na massa, permitem uma prática que simula os acontecimentos reais como o lançamento de um foguete. O Projeto “De Olho no Céu: desvendando os mistérios do Universo”, promove conhecimentos científicos mediados pelas tecnologias para aprendizagem com objetivo de despertar nos estudantes a vontade de conhecer e se aprofundar cientificamente nos temas ligados a Astronomia.

OBJETIVOS

- Tornar o céu uma temática de aula expandida e desvendar alguns mistérios do Universo.
- Apropriar-se de tecnologias para aprendizagem e para aquisição de conhecimento científico.
- Instrumentalizar os estudantes para a leitura do céu.
- Promover ações que valorizem o protagonismo estudantil.
- Seguir os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento do currículo da cidade de Tecnologias para aprendizagem e de Ciências Naturais, juntamente com as matrizes dos saberes: pensamento científico, crítico e criativo. resolução de problemas. comunicação. autoconhecimento e autocuidado. autonomia e determinação. abertura à diversidade. responsabilidade e participação. empatia e colaboração. e repertório cultural.
- Trabalhar as ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) da Educação de qualidade, igualdade de gênero, inovação e infraestrutura, cidades e comunidades sustentáveis.

PÚBLICO-ALVO

Alunos do ciclo interdisciplinar – 4ºs e 5ºs anos. Faixa etária de 9 a 10 anos, perfazendo em torno de 200 alunos.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Professora Kelly Cristina Ribeiro Ventura, Professora Ana Lúcia Vieira, Professora Camila Rosa da Silva, Professora Michelle Gomes da Silva e Professora Katia Cilene Guedes.

METODOLOGIA

Utilizamos o método científico, ações empíricas e práxis. Aliados às tecnologias para aprendizagem, cultura maker (mão na massa), STEAM (Ciências, Tecnologia, Engenharia, Arte e Matemática) e a aprendizagem criativa permitindo a construção de novos saberes, da prática à teoria. Durante o desenvolvimento do projeto, as aprendizagens baseadas em jogos proporcionaram uma viagem pelos planetas em busca de novas informações e, de forma lúdica, os estudantes foram estimulados a superar desafios na conquista do espaço.

CRONOGRAMA

Fevereiro: Pesquisa sobre os astros que compõem o Sistema Solar no site Escola games; quiz sobre estrelas e constelações no PowerPoint.

Março: Atividade colaborativa no site Escola games – Sistema Solar onde é preciso levar o foguete até o último planeta; pesquisa na internet sobre os Planetas que compõem o Sistema Solar; montagem do Sistema Solar; leitura especializada dos tópicos de Astronomia.

Abril: Visita ao Planetário Municipal do Carmo; confecção do foguete; utilização do telescópio; montagem do cubemerge para visualizar o Sistema Solar em Realidade Aumentada; uso dos óculos de Realidade Virtual para andar na Lua.

Mai: Lançamento do foguete; visualização do céu em tempo real utilizando o site Stellarium; simulado das Olimpíadas de Astronomia e Astronáutica; quiz no site Wordwall; prova das Olimpíadas de Astronomia e Astronáutica (20 de maio); relatos da experiência em lançar um foguete e autoavaliação por rubrica.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

No primeiro momento foi apresentado aos estudantes, o Sistema Solar e os seus astros por meio de jogos pedagógicos no site escolagames.com.br e no quiz desenvolvido no PowerPoint para entender conceitos como planetas, planetas-anões, luas, eclipses, estrelas e constelações. Em seguida, com o objetivo de facilitar a compreensão das dimensões e especificações de cada astro, houve uma atividade colaborativa que conduziu as naves espaciais on-

line para vencer o jogo. Viajamos com as narrativas da corrida espacial, construindo uma representação do Sistema Solar com informações dos próprios alunos provindo das pesquisas.

Na segunda etapa, foi realizado o aprofundamento dos conhecimentos com aplicação das tecnologias para aprendizagem e utilização de recursos como os óculos de Realidade Virtual para que os alunos conhecessem e vivenciassem o andar na Lua. Na sequência, ocorreu a montagem do cubomerge e através de um aplicativo, foi possível conhecer o Sistema Solar em Realidade Aumentada. Isso possibilitou a visualização de detalhes do Universo.

Ampliando as possibilidades para que os estudantes compreendam o Universo, trabalhamos com o telescópio e instrumentalizamos com técnicas para que conseguissem utilizar o aparelho, e assim, identificar os astros no céu.

Os alunos foram ao Planetário Municipal do Carmo - Professor Acácio Riberi para uma sessão de novos aprendizados: Via Láctea, galáxias, objetos astronômicos, estrelas, nebulosas e os planetas do nosso Sistema Solar foram apreciados dentro da cúpula.

Em uma outra etapa, além de colocarem a mão na massa (cultura maker), introduziu-se a aprendizagem criativa e o STEAM (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Arte e Matemática) na construção de um foguete reaproveitando materiais. Além disso, os estudantes aprenderam conceitos de Física e da Engenharia Aeroespacial como aerodinâmica, centro de gravidade, centro de pressão, ângulo de lançamento, atrito, aceleração e velocidade. Após a construção e personalização do foguete, ele foi lançado de uma base construída com cano de PVC.

Na conclusão do projeto, os estudantes se preparam por meio de simulados e participaram das Olimpíadas Brasileira de Astronomia (OBA).

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

O projeto foi avaliado de forma individual e coletiva. No individual, os alunos realizaram uma autoavaliação na forma de rubrica e realizaram pitch de elevador (pequenos depoimentos). Na forma coletiva, a avaliação foi realizada a partir de uma roda de conversa, em que os alunos, mediados pela professora, dialogaram sobre os avanços proporcionados pelo projeto em suas aprendizagens. O outro ponto a se destacar na avaliação coletiva foi a habilidade de lidar com as frustrações e refletir a respeito da importância do erro no

processo de ensino e aprendizagem. Após muito debate, todos chegaram à conclusão de que o erro é importante, pois só a partir dele podemos avançar no conhecimento.

DEPOIMENTOS

“Foi gratificante ver a alegria e empolgação dos alunos durante a realização do projeto. As aulas foram dinâmicas e os alunos se sentiram motivados a aprender mais sobre o assunto. Os que receberam medalha comentaram que foi o melhor dia da vida deles.”

Professora Vera Aparecida de Melo da Silva

“Um ar de mistério em descobrir o que há no céu promove euforia no pesquisar e descobrir, proporcionando aprendizados empolgantes tanto de alunos como professores. Apreendi muito com os alunos e descobrimos novas luas dos planetas. Viajamos nas narrativas da conquista do espaço, visitamos a Lua com os aplicativos e tecnologias para aprendizagem aliadas para conhecimentos em Astronomia. A alegria em construir o seu próprio foguete e lançá-lo foram inesquecíveis. Aprenderam com os erros e os reconhecimentos deles, transformou o aprendizado em conhecimento. A felicidade foi tanta, que alguns dos ganhadores das medalhas até dormiram com ela. O céu se tornou uma aula expandida e os estudantes estão ansiosos para os certificados e medalhas da OBA (Olimpíada Brasileira de Astronomia) e do MOBFOG (Mostra Brasileira de Foguete).”

Professora Regina Maria Nara

“Eu leciono nesta Unidade Escolar, EMEF Paulo Duarte, há 7 anos. Desde que cheguei me interessei pelos Projetos de Astronomia. Como gosto muito desse assunto, colaborava e continuo colaborando com as atividades, incentivando os meus alunos, motivando-os, trazendo materiais e textos sobre Astronomia, aguçando o interesse deles pela Ciência. O Projeto “De Olho no Céu: Desvendando os mistérios do Universo” foi ótimo. Tivemos um conteúdo excelente, muita “bagagem” textual diversificada para os alunos. Também participaram de práticas fantásticas, como por exemplo, a visualização de todo o Sistema Solar por Realidade Aumentada e o lançamento de foguetes preparados por eles mesmos. Foi uma experiência valiosa para todos.”

Professora Isabel Alves Borges

“As crianças iniciaram o ano bem animadas pelo motivo de terem ficado tanto tempo longe da escola. Assim que contei que iríamos participar do projeto “De olho no céu: desvendando os mistérios do Universo” os olhinhos brilharam. Quando começamos a pesquisar sobre os planetas prestavam muita atenção. Chegavam na escola comentando que tinham pesquisado em casa. Foram dias de muitas descobertas. Eu percebi que através desse projeto conseguimos estimular nas crianças o gosto pela Ciência. Depois que acabou o projeto, as crianças continuaram com as perguntas, com a curiosidade e estão sempre querendo aprender coisas novas. ‘Toda criança é uma cientista nata’ Carl Sagan. As crianças ficaram encantadas em aprender que a Terra gira.”

Professora Renata Fernandes Borrozzino Marques

CATEGORIA III

**ENSINO FUNDAMENTAL II
E ENSINO MÉDIO**

1º LUGAR

Projeto:

Plano de Bairro e o Direito à Cidade

Unidade Educacional:

CEU EMEF Professor Paulo Gonçalves dos Santos

Responsáveis:

Luiz Carlos de Souza Victoreli, Francisco do Amparo Lopes, Francisco Vanderlei Nascimento de Sousa e Tania Maria Uehara Alves

RESUMO DO PROJETO

Profundamente impactada pelos efeitos perversos da pandemia, a comunidade escolar buscou construir aprendizagens significativas, num projeto que propõe vivências interdisciplinares de descoberta dos bairros e do distrito no qual se inserem, refletindo sobre a produção desigual do espaço por meio da confecção do Jogo Banco Imobiliário Pedreira. Com a parceria de arquitetos e urbanistas, a discussão do projeto Plano de Bairro se aprofundou e fez surgirem sonhos na conquista do direito a uma cidade acolhedora, inclusiva e educadora.

JUSTIFICATIVA

A pandemia trouxe efeitos arrasadores para a educação, sobretudo aos estudantes da escola pública, que sofreram com as dificuldades de acesso, permanência e continuidade no ensino, gerando privações de vivências nos aspectos de socialização e aquisição de diversos objetos do conhecimento. Em pesquisa socioeconômica realizada junto a 358 estudantes frequentes do Ensino Fundamental II em 2022 (89,2% do total), apurou-se, entre outras informações que: 40,5% tiveram perdas de familiares e amigos vitimados pela covid-19; 43,4% alegam enfrentar problemas emocionais diversos entre membros da família; 25,3% possuem problemas financeiros e 27,2% fazem suas refeições

principais na escola. Além desses dados, decorrentes e agravados pelos impactos relacionados à crise sanitária de dimensões mundiais, o contexto da EMEF Professor Paulo Gonçalo do Santos, localizada no distrito de Pedreira, ao sul da cidade, apresenta problemas estruturais na área ambiental (situada próxima às margens da represa Billings, manancial degradado pela poluição das águas; a destinação inadequada dos resíduos no território e a ocupação desordenada do solo), no campo da moradia (escola encontra-se vizinha a várias ocupações em áreas de risco; famílias que moram de aluguel e sentem dificuldades para o pagamento) e na falta de infraestrutura urbana, nos serviços básicos.

Diante desse quadro, a equipe escolar iniciou um projeto em agosto de 2021, momento em que a Rede Municipal de Ensino de São Paulo optou pelo Ensino Híbrido, passando a acolher seus(as) estudantes tanto por meio do Ensino Presencial quanto do Ensino Remoto. Os meses anteriores mostraram desânimo de parte dos educandos nas aulas presenciais, com organização em forma de rodízio a depender da classificação de fase pandêmica, sobretudo dos anos finais do Ensino Fundamental. Havia pequena participação no estudo Remoto, condicionada a vários fatores que vão desde o acesso e domínio das ferramentas digitais, a evasão escolar e a detecção de enormes lacunas nas aprendizagens. Partindo da experiência pedagógica de vivências e oficinas elaboradas desde o início da pandemia para pequenos grupos, todos os estudantes do 9º ano foram convidados a pensar o lugar onde vivem, engajar seus familiares em pesquisas, aprofundar estudos interdisciplinares, elaborar saberes coletivamente e registrar e expor opiniões no Projeto Plano de Bairro. A contribuição para um olhar em direção às novas possibilidades urbanísticas, resultou na construção do Jogo Imobiliário Pedreira. Todas as ações ocorreram tanto no Ensino Presencial quanto no Remoto. Em 2022, a experiência passou a integrar as atividades do Ensino Regular Presencial, no 8º ano, com o apoio dos ex-estudantes da escola, ampliando o atendimento no projeto e ganhando novos contornos pedagógicos.

Compreendemos a escola como um observatório, que adentra e pesquisa o território, permitindo ao estudante conhecer, compreender, sentir-se pertencente e atuante no lugar onde vive. Enfim, o Projeto Plano de Bairro e o Direito à Cidade, conta com a parceria da Universidade Presbiteriana Mackenzie no curso de Arquitetura e Urbanismo, e o valioso apoio direto do arquiteto Leonardo Otávio Oliveira Rodrigues (morador do território), tendo como finalidade mapear o distrito junto com os estudantes, desenvolvendo um planejamento participativo que dá voz aos jovens e à comunidade, visando uma cidade, ruas e bairros que se tornem mais inclusivos e educadores.

OBJETIVOS

O propósito central do Projeto Plano de Bairro e o Direito à Cidade é conhecer e pensar o território na perspectiva da construção coletiva do espaço, no qual a cidadania pode ser sonhada ou conquistada a partir da discussão sobre a realidade, as ações e os horizontes de mudanças. A escola pública hoje é um dos principais equipamentos na rede de proteção social, difusão da cultura e do conhecimento a que têm acesso os bebês, as crianças, adolescentes e jovens na cidade. Neste sentido, o projeto aborda aspectos relativos à qualidade de vida nos bairros do entorno da escola, seus problemas e pontos positivos, levando estudantes e familiares a pensar sobre as condições do lugar no contexto da cidade e a se perceberem como sujeitos capacitados a escolhas e decisões.

Os objetivos gerais que norteiam o projeto são:

- Pensar os bairros e o distrito Pedreira, buscando compreender as relações urbanas, mapear demandas sociais e ambientais, de maneira a vislumbrar possibilidades nos locais em estudo.
- Integrar, reinserir e reconstruir o papel da escola, em tempos de pandemia, promovendo a participação, avanços e conquistas por parte dos (as) estudantes em seu processo de recuperação/aquisição das aprendizagens em uma perspectiva lúdica, organizada e participativa.

Objetivos específicos nas Oficinas de Arquitetura e Urbanismo:

- Aproximar pesquisadores de Arquitetura e Urbanismo – no âmbito dentro e fora da universidade – ao chão da escola.
- Fomentar debates entre pesquisadores, professores, comunidade e estudantes da escola pública.
- Organizar e auxiliar na continuidade de Projetos existentes na unidade escolar bem como na criação de novos Projetos, como a difusão do conhecimento em tecnologias específicas utilizadas por arquitetos e urbanistas para que professores e estudantes possam utilizar dentro e fora da escola.
- Organizar e produzir materiais base que possam ser utilizados em sala de aula como recursos didáticos e junto à comunidade.
- Promover debates sobre Educação Ambiental, urbana e desenvolvimento sustentável nas comunidades.
- Difundir o papel do arquiteto e urbanista e exemplos de trabalho em conjunto com a comunidade.

Objetivos específicos na construção e vivência do Jogo Banco Imobiliário Pedreira:

- Analisar a especulação imobiliária, a valorização dos imóveis em função dos investimentos públicos e perceber a desigualdade na produção dos espaços.
- Compreender os problemas do bairro e vislumbrar possíveis alternativas e soluções, a partir dos estudos e discussões.
- Recuperar aprendizagens de modo significativo, a partir de oficinas que envolvem conceitos de medidas, cálculos diversos e conceito de média aritmética no campo da Matemática.
- Recuperar aprendizagens de modo significativo, a partir de oficinas e atividades que envolvem o preenchimento de fichas e a elaboração de textos para a confecção de notícias, regras e cartas de jogo, em Língua Portuguesa.
- Ler e criar imagens, fotografias e desenhos, refletindo sobre as formas de leitura, representação e expressão em Arte.
- Refletir sobre a produção do espaço e as desigualdades, relacionando o lugar aos contextos urbanos, em Geografia.
- Pesquisar a história dos lugares, pessoas e construções, relacionando-os ao processo de urbanização, fluxos migratórios e ao desenvolvimento do capitalismo mundial, em História.
- Refletir sobre os problemas ambientais do território causados pela ação antrópica e suas possíveis soluções, em Ciências Naturais.
- Vivenciar momentos lúdicos/ reflexivos no espaço escolar, compartilhando dúvidas e saberes com colegas e educadores.

Partindo das ações e reflexões suscitadas pelo projeto, a escola procura ampliar o território para além de seus muros, olhar as paisagens desordenadas e tentar entender as dinâmicas de relações estabelecidas nesse espaço, onde as pessoas produzem as suas existências. Ouvir os estudantes e problematizar as demandas que trazem. Garantir a participação dos familiares e membros da comunidade para construir coletivamente esses saberes. Enfim, caminhar no sentido de afirmar e conquistar o direito à cidade. Lembrando o ensinamento de Paulo Freire (1968, p. 213): “Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”.

PÚBLICO-ALVO

3 turmas de 9º ano em 2021 (104 estudantes) e 2 turmas de 8º ano em 2022 (65 estudantes).

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Arquitetos e urbanistas: Leonardo Otávio Oliveira Rodrigues, Bruna Donegá e Tereza Herling (Professora da FAU Mackenzie).

Professores: Ademar Degasperi (Língua Portuguesa); Ana Rita de Jesus de Carvalho (Ciências Naturais); Andreia Bernardo da Silva (Polivalente); Clauderice de Oliveira Ferreira Souza (Arte); Credelânia Aparecida Ferreira Mendes (Informática); Elicioneia Pasqualini Simões (Polivalente); Elisângela Cristina França de Oliveira (Língua Portuguesa); Joseane Marinho (Ciências Naturais); Jucelia Ferreira (Matemática); Lúcia Acirole Guedes (História); Lucimara Gabriel (Apoio Pedagógico); Márcio Anatole de Sousa Romeiro (História); Marli Covissi (Arte); Mitue Shoegima (Inglês); Otávia Patrícia Gomes (Matemática); Shamara Rosa (Língua Portuguesa) e Talita Ponso de Jesus (Educação Física).

Gestores: Ezequiel Marcos de Carvalho (Coordenador Pedagógico); Edivânio Carlos da Silveira (Assistente de Diretor) e Sheila Cavalcanti Tomé (Diretora de Escola).

Revisão textual: Alex Fernandes da Silva Santos (Coordenador Pedagógico).

METODOLOGIA

O projeto teve seu embrião no ano de 2020, quando o então estudante de arquitetura Leonardo Rodrigues, morador do entorno da escola, propôs aos educadores um trabalho de oficinas de Plano de Bairro com estudantes na comunidade de um bairro próximo à represa, abrangendo crianças de várias faixas etárias, como parte de sua pesquisa acadêmica relativa ao tema educação e território. O trabalho de campo consistiu em três encontros na garagem aberta de uma mãe líder do Conselho de Escola, seguindo protocolos de proteção à saúde, abrangendo saídas para observação do bairro, discussão sobre os problemas e possíveis soluções, confecção de desenhos e pequenas maquetes com propostas de intervenção – obtendo muito entusiasmo e a

participação reflexiva das crianças. Nos primeiros meses do ano seguinte, as oficinas seguiram no modo Remoto, com estudantes de 6º ano, que produziram desenhos e um pequeno vídeo sobre seus sonhos para um bairro melhor.

No segundo semestre de 2021, o desafio da equipe consistiu em dar continuidade nas ações iniciadas com as oficinas, tornando-o um projeto que englobasse a experiência obtida abrangendo o conjunto de estudantes do 9º ano, aos sábados, em período de reposição de aulas, nas Modalidades Presencial e Remota. A escolha desse ano de término do Ensino Fundamental se deu para encerrar o ciclo com um novo projeto (em anos anteriores à pandemia as turmas participaram de projetos inovadores, um deles selecionado no Prêmio Paulo Freire, Sementes de Sonhos – agroecologia na cidade, em 2019). Além de garantir a recuperação de aprendizagens em vários componentes curriculares, de modo interdisciplinar, a proposta deveria ter caráter lúdico, como forma de envolver os adolescentes nos estudos, ao mesmo tempo em que refletisse de modo aprofundado sobre os bairros que compõem o distrito de Pedreira, seus problemas e aspectos que satisfazem seus moradores. A ideia de desenvolver o Jogo Banco Imobiliário Pedreira, do professor Francisco Vanderlei Sousa, de Geografia, possibilitou um engajamento dos estudantes, familiares e da comunidade no estudo do distrito, com o apoio do arquiteto Leonardo Rodrigues e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie na construção do projeto e na constituição de um importante material didático interdisciplinar para compreender criticamente a realidade do território.

Em 2022, o projeto prosseguiu com os estudantes do 8º ano e ex-estudantes do 9º ano, nos sábados de reposição, em aulas-piloto para a elaboração dos caminhos metodológicos do Jogo Banco Imobiliário Pedreira (uma vez que o jogo foi confeccionado no ano anterior, por outras turmas), preparação das Oficinas de Arquitetura e Urbanismo, formação de monitores e construção do planejamento interdisciplinar para introduzir o projeto de modo consistente nas aulas regulares de todas as turmas do Ciclo Autoral, ocorridas a partir do mês de maio. O projeto visa garantir a vivência integral para todos os estudantes do Ciclo Autoral e ampliar a discussão do Plano de Bairro, possibilitando futuros debates da comunidade no CEU, pensando e sonhando as alternativas para a melhoria das condições de vida no distrito.

CRONOGRAMA

Ano de 2021: Construção do Jogo Banco Imobiliário Pedreira

Todas as atividades ocorreram nas Modalidades Presencial (período da manhã) e Remota (período da tarde), com os estudantes dos 9ºs anos A, B e C. Os encontros foram acompanhados e elaborados pela equipe de professores e o arquiteto Leonardo Rodrigues.

(11/09/2021)

- Apresentação Google Earth com fotos enviadas de locais de interesse de cada estudante. Apresentação do Projeto Plano de Bairro. Apresentação do jogo Super Banco Imobiliário. Prática – os estudantes jogaram o jogo convencional, percebendo regras e estrutura; Atividade prática com o professor de Matemática – unidades e sistema de medidas de comprimento, utilizando papel de jornal para representar o metro quadrado. Proposta de divisão em grupos para o mapeamento do território, segundo interesses dos estudantes: escolas, campos de futebol, parques, equipamentos de cultura e lazer, restaurantes, lanchonetes, supermercados, entre outros.
- Ensino Remoto: apresentação do jogo e aula sobre as medidas de comprimento. Divisão dos grupos para os mapeamentos.

(18/09/2021)

- Apresentação do portal Geosampa. Prática – os estudantes jogaram o Super Banco Imobiliário. Laboratório de Informática – explorando o Geosampa.
- Ensino Remoto: exploração do portal Geosampa.

(25/09/2021)

- Reunião entre professores e organizadores para estruturar e desenvolver o Projeto.
- Ensino Remoto: Reunião de organização dos grupos de estudantes para o mapeamento de equipamentos escolhidos (escolas, campos de futebol, áreas de lazer e cultura, restaurantes, lanchonetes, supermercados) e entrevista com um músico e pesquisador da região.

(02/10/2021)

- Apresentação da atividade em ficha para levantamento de pontos positivos e negativos da região (preenchida pelo estudante e responsável, de modo a mostrar os diferentes pontos de vista). Explicação sobre a confecção das cartas do jogo de sorte e revés a partir dos problemas levantados nas fichas, com a professora de Língua Portuguesa mostrando exemplos de escrita. Matemática na teoria – recapitulando cálculos de área e perímetro, revisão

feita pelo professor de Matemática. Matemática na prática – representação de figuras geométricas no chão do pátio utilizando barbante e fitas vermelhas. Vivência realizada pelo professor de Matemática.

- Ensino Remoto: construção das cartas de sorte e revés a partir das fichas; cálculo de área e perímetro.

(09/10/2021)

- Ensino Remoto para todos: Matemática na teoria – recapitulando cálculos de área e perímetro. Matemática na prática – vídeo apresentando as atividades práticas realizadas pelos estudantes. Entrevista realizada pelos estudantes com uma professora/ proprietária de um restaurante na região – parte da atividade de levantamento de equipamentos comerciais do bairro.

(16/10/2021)

- Mapeamento no Laboratório de Informática.
- Ensino Remoto: mapeamento dos equipamentos.

(23/10/2021)

- Ensino Presencial e Remoto: Pesquisa em imobiliárias do valor dos imóveis nos diversos bairros e cálculo do valor do metro quadrado.

(30/10/2021)

- Ensino Presencial e Remoto: Apresentação dos resultados das pesquisas e cálculos do valor imobiliário nos diversos bairros. Notícia sobre valores de moradias na cidade e a relação com a infraestrutura urbana.

(13/11/2021)

- Reunião de Pais. Apresentação do projeto.
- Ensino Remoto: Levantamento dos nomes de ruas por bairro para o tabuleiro do jogo.

(04/12/2021)

- Apresentação do jogo confeccionado e vivência - sábado (estudantes e familiares).
- Apresentação do jogo confeccionado e vivência nas classes 9ºA, 9ºB e 9ºC, dias 07/12 e 8/12.

Ano de 2022: Vivências das Oficinas de Arquitetura e Urbanismo e do Jogo Banco Imobiliário Pedreira.

Sábados de reposição

(05/02/2022)

- Reunião on-line de avaliação do projeto (com a participação da professora Tereza Herling, da FAU Mackenzie, arquiteto e urbanista Leonardo Rodrigues, educadores, responsáveis pelos estudantes, estudantes).

(12/02/2022)

- Reunião presencial com a comunidade sobre o projeto.

(19/02/2022)

- Reunião de professores e o arquiteto e urbanista Leonardo Rodrigues para planejamento do projeto em 2022. Confecção de pesquisa socioeconômica a ser aplicada aos estudantes do Ensino Fundamental II.

(26/03/2022)

- Oficina de Arquitetura e Urbanismo, ministrada pelo arquiteto Leonardo Rodrigues aos grupos de estudantes do 6º, 7º e 8º anos. Localização do local de moradia, em mapa feito a partir de imagem de satélite. Vivência do Jogo Banco Imobiliário.

(02/04/2022)

- Oficina de Arquitetura e Urbanismo, ministrada pelo arquiteto Leonardo Rodrigues aos grupos de estudantes do 6º, 7ª Oficina com estudantes de 6º e 7º anos. Referências de projetos arquitetônicos em espaços públicos e Brasil e no mundo. Análise de maquete do distrito de Pedreira. Confecção de maquete pelos estudantes.

(09/04/2022)

- Vivências de atividades de Matemática: cálculo de área e perímetro, no pátio da escola. Cálculos de valores do m² em diferentes bairros. Discussão sobre as estratégias que cada grupo utilizou para a resolução da tarefa. Professores de Matemática.

(30/04/2022)

- Oficina de confecção de materiais que servirão como pontos de referência nos mapas (bairros, comércio, escolas). Planejamento de atividades para a 1ª Semana de Arquitetura e Urbanismo, com os professores de Matemática, Inglês, Arte, Língua Portuguesa, Geografia. História e Ciências.

(07/05/2022)

- Planejamento do cronograma de atividades das Oficinas do Jogo Banco Imobiliário. Preparo de materiais para as oficinas presenciais com todos os estudantes dos 8ºs anos.

(14/05/2022)

- Reunião de planejamento das oficinas da 2ª Semana de Oficinas do Jogo Banco Imobiliário. Análise dos dados obtidos na pesquisa socioeconômica realizada junto aos estudantes do Ensino Fundamental II.

(21/05/2022)

- Oficina de confecção de maquetes (estudantes do 6º e 7º anos).

(28/05/2022)

- Oficina de confecção de maquetes (estudantes do 6º e 7º anos).

Oficinas de Arquitetura e Urbanismo e Jogo Banco Imobiliário Pedreira, nos horários de aulas regulares do 8ºA e 8ºB.

(10/05/2022 – 8ºA e 09/05/2022 – 8ºB)

- Apresentação da proposta das oficinas e início das atividades de reconhecimento do bairro: estudantes identificam na foto satélite o local de moradia e demarcam o caminho realizado até a escola. Elaboração de lista com pontos positivos e negativos do bairro em que vivem. Elaboração de manchete de notícia baseada nos pontos positivos e negativos levantados.

(11/05/2022 – 8ºA e 13/05/2022 – 8ºB)

- Apresentação em slides das fotos enviadas individualmente, expondo um ponto positivo e negativo do bairro em que vivem. Apresentação de referências de intervenções de arquitetura e urbanismo nacionais e internacionais. Elaboração de um projeto de arquitetura e urbanismo para algum local do bairro em que vivem.

(16/05/2022 – 8ºA e 25/05/2022 – 8ºB)

- Apresentação do jogo Banco Imobiliário Pedreira, realizado em 2021, através de slides demonstrando o cronograma e atividades realizadas. Primeira atividade interdisciplinar com a Matemática, partindo de conceitos que envolvem o Jogo: atividade teórico-prática em grupo para a confecção de um metro quadrado com folhas de jornais.

(17/05/2022 e 27/05/2022 – 8ºB)

- Continuação e da atividade teórico-prática de Matemática, expondo conceitos como aplicação de valor no metro quadrado, o adensamento nas cidades, valorização e desvalorização de terrenos.

(19/05/2022 – 8ºA 24/05/2022 – 8ºB)

Apresentação em slides do processo de confecção das cartas sorte e revés e cartas notícia do jogo Banco Imobiliário Pedreira, demonstrando sua interdisciplinaridade com a Língua Portuguesa. Vivência do jogo.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto, no ano de 2021, promoveu um intenso movimento de descoberta do território por parte dos estudantes, familiares, funcionários, arquitetos e educadores. A confecção de materiais como banners grandes, contendo mapas do distrito de Pedreira em diferentes épocas feitos a partir de fotografias aéreas (1957) e imagens de satélite (2017), despertaram a curiosidade e a imaginação da comunidade escolar, gerando reflexões sobre o espaço, localização, distâncias, pontos de referência, diferentes formas de ocupação e seus impactos na qualidade de vida nos diversos bairros do distrito.

Um potente trabalho organizado nas aulas presenciais e remotas, permitiu: a análise de paisagens em fotografias registradas pelos estudantes; o mapeamento de equipamentos públicos e privados que oferecem diferentes serviços à população e a reflexão sobre a sua distribuição desigual; a elaboração de cartas de sorte e revés do bairro (construídas a partir da ficha de registros de pontos positivos e negativos do bairro, preenchida pelos estudantes e seus responsáveis) e a análise de resultados diferentes em relação às demandas, a exemplo dos adultos trabalhadores que apontaram o problema do transporte, e de jovens que carecem de áreas de lazer; a confecção dos elementos do tabuleiro do jogo, nos quais os educandos calcularam e problematizaram os valores do metro quadrado nos diversos bairros do distrito e os motivos das diferenças, como a presença de elementos de infraestrutura urbana; a experiência compartilhada de estudantes e familiares jogarem e descobrirem elementos da realidade presentes no jogo, entre muitas aprendizagens.

No ano de 2022, o trabalho aos sábados serviu para a avaliação do processo percorrido e replanejamento do projeto. Além disso, oficinas-piloto foram realizadas com um grupo reduzido de estudantes, permitindo que os professores e o arquiteto Leonardo Rodrigues redimensionassem o tempo, as dinâmicas, os materiais e os agrupamentos visando as aulas regulares, nos dias da semana. Essa adaptação propiciou a adequação do uso didático do Banco Imobiliário Pedreira por educandos que não o construíram, garantindo que os propósitos pedagógicos do material fossem alcançados.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Articulando a escola e o território na construção de saberes, percebemos o aumento do envolvimento, aprofundamento e aprendizagens de objetos do conhecimento nos diversos componentes curriculares. Prova do engajamento dos estudantes do 9º ano em 2021, foi que a participação dos educandos no projeto, aos sábados (nas modalidades Presencial e Remota), superou a frequência nas aulas regulares e a participação na plataforma Google Sala de Aula. Houve o caso de um estudante, que foi reinserido ao contexto escolar por meio das aulas do projeto.

A devolutiva dos familiares também mostrou a parceria estabelecida entre a escola, os familiares e os (as) estudantes no processo de estudo e pesquisa, além do orgulho pela qualidade do produto do projeto. A comunidade abrangida reconheceu a importância de refletir sobre os bairros e seus problemas, a partir de um olhar sobre lugares que passam cotidianamente e sobre os quais não têm a oportunidade de discutir, já que faltam espaços organizados com essa finalidade.

No ano de 2022, a pandemia ainda ressoa no trabalho a ser realizado pela escola, com a descontinuidade do ensino em consequência de casos e afastamentos pela covid-19. A proposta de introduzir o Jogo Banco Imobiliário e as Oficinas de Arquitetura e Urbanismo, inicialmente no 8º ano, representou uma nova perspectiva de trabalho interdisciplinar, além da possibilidade de discutir o projeto nos encontros formativos de professores. Do ponto de vista dos estudantes, as oficinas foram muito significativas, vários deles apontaram na avaliação a diferença em relação ao ensino tradicional, a importância de analisar problemas reais de suas vivências e a possibilidade de criar e sonhar com alternativas às demandas que enfrentam no território.

Como desafio, a escola precisa organizar e criar oportunidades, tempos e espaços, para que a comunidade como um todo possa participar de atividades que proporcionem o diálogo, a reflexão e a construção de saberes e ações para pensar o seu bairro, o distrito e o direito de todos à cidade.

DEPOIMENTOS

“Esse projeto do Jogo Banco Imobiliário Pedreira, arrisco dizer que foi o mais complexo que já fizemos, pois iniciamos na pandemia, e como ele exigia muita pesquisa de campo, as opções ficaram limitadas, recorreremos à ajuda de sites de localização para facilitar. Mas, apesar das dificuldades, conseguimos fazer um excelente trabalho

com a ajuda das aulas de Matemática que foram bem interativas, as pesquisas que fizemos nas aulas de Geografia, e os arquitetos, que foram de grande importância. No final, quando o jogo já estava finalizado conseguimos tirar muito aprendizado, como trabalhar em equipe para alcançar bons resultados, sobre os comércios locais que existem no bairro, os problemas e as qualidades da região.

Agora que estou no Ensino Médio, consigo ver a importância, não apenas desse, mas de todos os projetos que já realizamos. Pois eles trazem uma perspectiva maior de como realmente funciona “o mundo lá fora” com os seus problemas, e como lidar com isso, e em especial o Jogo Banco Imobiliário Pedreira que pode nos ensinar muito sobre o bairro, dificuldades e seus benefícios, que muitas vezes acabam passando despercebidos pela população.”

Gabrielly, estudante do 9º A, em 2021

“Primeiramente, começamos a pesquisar sobre o nosso bairro e a encontrar equipamentos públicos e comerciais, para nos aprofundarmos em realizar pesquisas. Decidi estudar a área de restaurantes e lanchonetes. Fizemos vários estudos na região e mapeamentos. É nesse ponto que o Banco Imobiliário entra. O intuito é recriar o jogo, porém, no nosso bairro, com o nosso dia a dia, estudando os nossos problemas. Várias pesquisas que fizemos durante o trabalho ajudaram a construir o jogo e aprendemos também outras coisas nas diferentes matérias, como cálculos de área e o preço do metro quadrado. Assim que o jogo ficou pronto me surpreendi pela qualidade.

Conhecemos um pouco mais do local onde vivemos e aprendemos juntos a construir um lugar melhor para todos, afinal, existem muitos problemas na região que podem ser resolvidos por nós, cidadãos.”

Henrique, estudante do 9º B, em 2021

“Quando iniciei em 2020 o Trabalho Final de Graduação (TFG/TCC) de arquitetura e urbanismo, orientado pela Prof.^a Tereza Herling, tive o primeiro contato direto com a comunidade à minha volta, na região da Pedreira, local em que cresci e vivo até hoje. A ideia foi desenvolver um Plano de Bairro a partir dos sonhos das crianças, ou seja, um plano de intervenções na região da Pedreira com pequenos projetos de arquitetura e urbanismo realizados por crianças do entorno da EMEF Paulo Gonçalo dos Santos, em uma série de oficinas que ministrei entre 2020-2021, com auxílio de alguns professores da escola, como a Prof.^a Tania Uehara e da Fernanda Gumbys, líder comunitária e membro do Conselho Gestor do CEU Alvarenga. Ao me formar, através da parceria consolidada com professores da EMEF Paulo Gonçalo dos Santos, pude auxiliar, desde o início, na concepção e execução do projeto Plano de Bairro e o Direito à Cidade. Para mim, o contato direto no chão da escola com tantos alunos e

educadores teve um profundo impacto pessoal e profissional – o sentimento de poder “devolver” à comunidade em que vivo conhecimentos adquiridos em cinco anos de graduação. Dessa forma, foi muito gratificante ter tido a possibilidade de elaborar tantos materiais e bases de trabalho, como fotos satélites em banner, imagens históricas da região, maquetes e desenhos, atrelados ao conhecimento adquirido na graduação. Este é um trabalho único e potente e que me incentiva cada vez mais a seguir a carreira acadêmica e me tornar também professor.”

Leonardo, arquiteto e urbanista

“O trabalho pedagógico desenvolvido pela equipe da EMEF Professor Paulo Gonçalves dos Santos é inovador e se constrói através de um forte compromisso com a comunidade escolar. A troca rica de saberes entre escola e comunidade se ampliou com a participação do arquiteto Leonardo Otávio, quando ainda estudante de arquitetura e urbanismo da FAU Mackenzie. O desenvolvimento de seu Trabalho Final de Graduação, que tive a felicidade de orientar, aponta inúmeras possibilidades de projetos transformadores pelos alunos e alunas da escola, jovens conhecedores de sua realidade local, que têm no urbanismo uma ferramenta a mais para a formulação de sonhos e propostas e para ampliar o conhecimento sobre seus direitos - direito à segurança alimentar, à moradia digna, ao ambiente saudável, à vida coletiva, ao lazer, à arte, enfim, direito pleno à vida e à cidade. Nosso compromisso como educadores extrapolou o tempo de realização do TFG e continuamos contribuindo para a formulação de projetos coletivos dessa comunidade.”

Tereza, arquiteta urbanista professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie

“Em análise ao Projeto intitulado Plano de Bairro e o Direito à Cidade, verificou-se que o seu desenvolvimento contribui para o enriquecimento de aprendizagem dos estudantes no que tange ao pertencimento na realidade que se impõe. Leva o educando à reflexão e compreensão das contradições existentes neste contexto e, também, a indicação de possibilidades de sua superação.

O projeto propõe o fomento à investigação, leitura e problematização do mundo real, a partir de pesquisas que envolvam diferentes vozes e visões, oferecendo várias possibilidades de apropriação, criação, divulgação e sistematização de saberes transformando professores e estudantes em produtores de conhecimento, criando oportunidades para que elaborem propostas e realizem intervenções sociais para melhorar o meio em que vivem.

Ao participar das atividades propostas pelo projeto o estudante desenvolve sua autonomia, criticidade, iniciativa, liberdade e compromisso com seu território, reconhecendo suas limitações e propondo ações que levem a melhorias.”

Eloéte, supervisora escolar

2º LUGAR

Projeto:

CFE – Consciência Feminina na Escola

Unidade Educacional:

EMEF Padre José Pegoraro

Responsáveis:

**Lucidalva de Azevedo Ribeiro Gonçalves
e Hilda Amélia Behling da Silva**

RESUMO DO PROJETO

A CFE - Consciência Feminina na Escola nasceu da necessidade de expandir as reflexões sobre igualdade e equidade de gênero dentro da escola. Busca, dentro das narrativas e atuações das meninas envolvidas, a ampliação do debate sobre o protagonismo feminino no contexto escolar e ultrapassar o campo tornando possível a existência de alternativas reais para as discussões sobre gênero no âmbito familiar e comunitário.

JUSTIFICATIVA

“No mês de março de 2019, um grupo de alunas bateu à porta da sala de arte me pedindo apoio para fazer uma intervenção no banheiro feminino da escola. Organizadas, tinham tudo esquematizado com anotações, desenhos e no alto da folha escrito: “CFE – Consciência Feminina na Escola”. O movimento começou por uma motivação, um incômodo das estudantes e por isso tão valoroso e permanente... Nesse dia, nenhuma de nós sabíamos, mas estava nascendo nossa revolução”. Professora Lucidalva Gonçalves (registro gravado durante o curso “Feminismo” para o PROVE - Projeto de Valorização do Educador e Melhoria na Qualidade de Ensino em novembro de 2020).

As ideias e questionamentos sobre as diferenças de gênero estão sendo experienciadas e reivindicadas em amplas esferas sociais, seja nas redes virtuais, nas manifestações de ruas ou em espaços educacionais. Podemos situar a escola como um local de ambiguidades em relação às questões de gênero, isso porque, se por um lado seus dispositivos pedagógicos (re)produzem normatividades em relação aos papéis masculinos e femininos, por outro lado novas construções e experiências estão sendo construídas e as atitudes de resistência ganham corpo.

Destacamos os ambientes educacionais, com seus potenciais de construção de novas representações, também um local de tensões e disputas muitas vezes desiguais diante das dualidades que separam o mundo “dos meninos e das meninas”.

Por meio da descrição e análise da trajetória das estudantes participantes do Projeto “CFE – Consciência Feminina na Escola”, podemos sugerir que o contexto educacional hoje se apresenta como um espaço em que as perspectivas de desconstrução de gênero podem ser encaminhadas. É no conflito e embate cotidiano, relacionando o local com o global e articulando outros marcadores sociais, como classe e sexualidade, que as vivências e práticas feministas vão ganhando corpo, num campo contraditório e ambíguo que faz florescer novas questões e posicionamentos.

Assim, apresentamos um projeto que busca, dentro das narrativas e atuações das meninas e mulheres envolvidas, a ampliação do debate sobre o protagonismo feminino no contexto escolar. Capaz de ultrapassar o campo do universo escolar, torna-se possível a existência de alternativas reais para que as discussões sobre gênero sejam tocadas e levadas para as pessoas de convivência diária: âmbito familiar e comunidade.

Dessa forma, levando em consideração a longa trajetória que a EMEF Padre José Pegoraro construiu em torno de uma educação que valoriza a prática de projetos interdisciplinares, bem como o protagonismo estudantil em seus diversos aspectos, nosso projeto busca a consolidação de um trabalho que consiga articular os princípios norteadores dos direitos humanos, cidadania e a cultura escolar erigida nesta unidade, tendo em vista que esses pontos já apresentam várias intersecções, e com um trabalho pedagógico orientado, descobrimos poder construir ainda mais possibilidades para uma aprendizagem significativa.

A partir de um levantamento social, histórico e naturalístico sobre a mulher na sociedade, surgiram encontros amorosos, regados à escuta, acolhimento, longas conversas sobre assuntos pessoais e da sociedade, risos e si-

lêncios criativos. As estudantes decidiram utilizar elementos da Arte, como a performance, intervenção artística e vídeos para abordagem de temas que lhes causam incômodo, como: valorização da beleza natural, sororidade, Dia Internacional da Mulher, entre outros de igual importância. As ações se conformaram organicamente à lógica que perceberam melhor operacionalizar o trabalho pedagógico. Ressaltamos, sobretudo, em nossa inspiração para tal tipo de organização a pedagogia freireana a Ação – Reflexão – Ação.

O encontro das estudantes com os pensamentos feministas está resignificando suas trajetórias de vida e a se localizarem dentro dos seus percursos cotidianos. Conseguem identificar e se mobilizar em ações de não equidade de gêneros, além de desconstruir pensamentos machistas e de outra ordem que normalmente vem da criação.

A maioria das estudantes fundadoras do projeto já está no Ensino Médio e outras chegaram, CFE ampliou fronteiras, o que era projeto virou coletiva e está presente em outras quatro Escolas Estaduais e uma ETEC. A CFE permanece construindo um jeito periférico de falar sobre sexualidade, gênero, afetividades e a troca da rivalidade por uma rede de proteção pactuada entre as garotas e é uma feliz realidade em nossa EMEF e na comunidade do Grajaú.

OBJETIVOS

- Promover a igualdade de gênero no ambiente escolar.
- Igualdade de gênero – Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas (Objetivo de Desenvolvimento Sustentável da ONU).
- Ampliar o desenvolvimento humano e a valorização da qualidade de vida das meninas e mulheres da comunidade.
- Intensificar ações/intervenções que reforcem a importância do papel da mulher e meninas na sociedade, bem como, expandir o feminino e as reflexões sobre gênero dentro da escola.
- Refletir criticamente sobre desejos e comportamentos, a fim de estabelecer relações interpessoais pautadas pela igualdade e equidade de gênero.
- Desenvolver intervenções artísticas que interfiram no cotidiano escolar de forma positiva e educadora.
- Ampliar o repertório técnico-científico dos estudantes, em especial ao que se refere a igualdade de gênero.

PÚBLICO-ALVO

Atendidos: Toda comunidade escolar, bem como estudantes de outras escolas e entidades não governamentais.

Estudantes envolvidas na direção e andamento projeto: 40 estudantes de 11 a 15 anos;

Faixa etária: De 5º ano do ensino fundamental I ao 9º ano.

Estudantes fundadoras do projeto: 10 estudantes de 17 anos.

METODOLOGIA

O trabalho foi, até aqui, desenvolvido em dois tempos e espaços diferentes, a saber:

- Encontros presenciais duas vezes na semana;
- Abertura do encontro com leitura de trecho de um livro, poesia, frase ou algo que as estudantes queiram compartilhar;
- Confecção ou instalação da Intervenção Artística dentro do âmbito escolar ou fora;
- Durante isolamento social pelo covid-19, estudo e pesquisa histórico e naturalístico sobre meninas e mulheres na sociedade e/ou questões de gênero e rodas de conversa para decisão de novas estratégias com uso de tecnologias;
- Incursões pelo território a fim de conhecer as “mulheres de luta do Grajaú”.

CRONOGRAMA

2019

Março: Apresentação da proposta de intervenção no banheiro feminino por parte das estudantes à professora Lucidalva de ensino de Arte.

Abril: Confecção, apresentação e aprovação do projeto junto à gestão escolar e conselho de classe.

Maiο/dezembro: Incursões artísticas pelo espaço escolar com o intuito de promover a igualdade de gênero, quebra de estigmas e tabus.

2020

Março: Performance e intervenções com a comunidade e outras escolas para “Dia Internacional da Mulher – Dia de luto, Dia de luta!”.

Abril/dezembro (isolamento social): Criação de perfil no Instagram, preparação e produção de vídeos e lives para/com a comunidade escolar e convidados, bem como incursões além do âmbito escolar com participação em lives de perfis diversos: grupos, coletivos, cursos e momentos formativos.

2021

Fevereiro a dezembro: Preparação para a presença do “CFE – Consciência Feminina na Escola” em outras unidades escolares. Incursões além do âmbito escolar em lives e participações em perfis e entidades diversas, e momentos formativos a fim de estabelecer relações interpessoais pautadas pela igualdade de gênero.

2022

Fevereiro a abril: Formação da “2ª geração CFE” dentro da EMEF.

Março a dezembro: Intervenções, instalações e visitas dentro e fora do âmbito escolar que contemplem questões de equidade e igualdade de gênero. Participações em escolas e entidades para momentos formativos a fim de estabelecer relações interpessoais e de fortalecimento do movimento. Incursões pelo território a fim de conhecer as “Mulheres de luta do Grajaú”.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Motivação:

Em uma dinâmica não muito comum no âmbito escolar, em março de 2019, uma equipe de estudantes do 8º ano apresentou à professora Lucidalva de ensino de Arte uma proposta para ações feministas na escola. A professora pôde tirar suas dúvidas e fazer sugestões quanto aos objetivos e procedimentos do projeto.

2019

Intervenção no banheiro feminino da escola: Para dar o pontapé inicial ao projeto, a proposta das estudantes foi propor uma intervenção no banheiro feminino das estudantes. Dessa forma, fizeram kits com itens de higiene feminina e escreveram mensagens de motivação, autoestima e sororidade, como:

“*Você pode ser o que quiser*” e “*Nós não somos inimigas*”, que foram pregadas nos espelhos, portas e paredes do espaço;

“*Vamos juntas?*”: Estudo e Intervenção artística no espaço escolar sobre o que é sororidade e o incentivo a não competição feminina;

Logotipo: Criação do primeiro logotipo do Projeto;

Abaladas por um sentimento melancólico advindo das crises que atravessam nossos dias, mais do que para manter a frequência de um projeto vigente entre a professora e as estudantes, os encontros promovidos via vídeo chamada tiveram o caráter de espaço de fala e escuta. Dessa forma, podemos afirmar que nenhuma intervenção, por mais bem sucedida que tenha sido, teve mais importância do que os momentos em que estivemos “rodeadas” uma das outras, compartilhando afetos, inspirações e lágrimas. Tínhamos consciência dos aprendizados, erros e acertos, mas durante esse triste momento histórico o “Consciência Feminina” amadureceu, a potência dos encontros e afetos transbordou.

A tomada de decisões foi lenta e gradual. Entendemos que adequar o aprendizado significa ter o foco na aprendizagem do que é mais importante, desenvolver as habilidades socioemocionais previstas na BNCC, reorganizar conteúdos de acordo com a nova realidade educacional, rever e adaptar objetivos. As docentes deixaram as estudantes à vontade para permanecerem ativas ou não durante o isolamento e todas foram unânimes em permanecer e adequar as intervenções para o uso de tecnológicas disponíveis, sendo elas:

- Abertura de um perfil no Instagram para documentar a história do projeto - @consciencia__feminina;
- Gravação de vídeos com temas escolhidos no decorrer dos encontros;
- Realização de *lives* com convidados e extensão para todo o grupo escolar;

Logotipo: Criação do segundo logotipo do Projeto voltado aos estudos sobre feminismo negro e a busca de identidade;

“*Manifesto CFE*”: Desses primeiros encontros, via vídeo chamada, as estudantes escreveram um manifesto e a partir dele gravaram seu primeiro vídeo.

“*Violência Doméstica*”: Motivadas pelo triste aumento de denúncias de violência doméstica no país durante a pandemia, as estudantes sugeriram o estudo e pesquisa desse assunto em seus encontros semanais. Como proposta, a docente levou o documentário: “*Quem matou Eloá?*”, a posterior análise sociológica desta produção acerca de relações íntimas e afetivas; estereótipos de gênero – com destaque para o feminino – e a violência contra as mulheres,

incluindo percepções de gênero e ideais de relacionamentos afetivos e sexuais, levou o grupo a produção de um novo vídeo no qual mobilizaram professoras e gestões para a confecção. No vídeo as meninas e mulheres aparecem em fotos pretas e brancas, segurando placas que formam uma mensagem destinada às vítimas de violência. A ideia é encorajá-las e mostrar que não estão sozinhas. Essa produção foi inspirada por um vídeo feito pelo Tribunal de Justiça de São Paulo e largamente vinculado nos grupos de mensagens e redes sociais.

“Lives pra que te quero?” a terceira meta do grupo foi o de estabelecer um contato com os demais estudantes por meio de encontros promovidos por vídeo chamada (*google meet*), com transmissão ao vivo pelo Facebook da unidade escolar, pelo Instagram do projeto e gravação para o “Padrecast”, o programa de podcast produzido pelos estudantes e professores da EMEF.

Os momentos promovidos, foram:

- “Feminismo Negro”, convidada: Madu Figueroa, educadora social, ativista, estudante de psicologia e ex-aluna da EMEF Padre José Pegoraro;
- “Mulher, natureza e seus ciclos” convidada: Flávia Soares, artista visual, artesã e estudante dos ciclos feminino e medicina natural;
- “Sexualidade: múltiplos olhares”, convidado: Yuri, Artesão gráfico, professor, quadrinista, escritor, não binário e drag queen.

Entrevistas, conversas e cursos em 2020:

- Entrevista concedida à Hilda Amélia Behing da Silva, assistente de direção da unidade para sua formação em direitos humanos, módulo: gênero na escola, oferecido pela UFABC;
- Participação no “Ocupa Cidade 2020”, evento que promove ocupação da cidade com cultura e educação, com uma roda de conversa sobre “gênero e sexualidade”. A edição de 2020 foi exclusivamente online;
- Entrevista para a psicóloga e ativista pelos direitos humanos Elânia Francisca para canal “Espaço púbere”;
- Roda de conversa com o coletivo “As Marias” sobre o tema “Feminismo Classista”;
- Contempladas para o curso “Minhas escolhas”, promovido pela Plan Internacional do Brasil patrocinada pela UNICEF;
- Participação na reelaboração do Projeto Político Pedagógico da unidade;
- Compartilhamento do projeto para o Coletivo Paulo Freire;

- Participação na *live* do “Coletivo Infâncias Capela do Socorro”;
- Participação no fechamento do PROVE- Projeto de Valorização do Educador e Melhoria na Qualidade de Ensino com a declamação do “Manifesto CFE”;
- Contempladas para o curso “Meninas com ciência” promovido pela mediadora Elânia Francisca;
- Participação no Sarau dos Mesquiteiros com leitura de trechos do livro: “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus e um poema autoral;
- Participação no debate “democracia e eleições municipais” transmitido pelo facebook do “Café Filosófico da Periferia”.

2021

Para o ano de 2021 decidimos permanecer com os métodos adotados durante o isolamento social: encontros online, produção de vídeos e textos para internet. A maioria das alunas fundadoras chegou ao ensino médio e, portanto, tiveram que ir para outras escolas. Mas permanecem com a ideia de discutir a igualdade de gênero no espaço escolar, dessa forma, decidimos permanecer com o modelo de encontros semanais virtuais para facilitar a dinâmica de rotina de todas, bem como a gravação de vídeos e *lives* com temas diversos.

“Dia Internacional da Mulher – eu sou meu próprio lar” – Inspiradas pela música: “Triste, louca ou má”, composta por Ju Strassacapa da banda Francisco el hombre, o grupo fez um vídeo que expressa suas inquietações diante dos enquadramentos sociais aos quais as mulheres são submetidas e classificadas quando fogem do padrão estabelecido pela sociedade (vídeo 3) e a confecção de um cartão virtual encaminhado por grupos de mensagens e redes sociais às meninas e mulheres.

Abertura do Prêmio “Territórios”: Participação na abertura do 5º Prêmio Territórios a convite do Instituto Tomie Ohtake.

Estudo do livro “O feminismo é para todo mundo” de Bell Hooks: Para os encontros semanais, nos debruçamos no estudo e análise do livro “O feminismo é para todo mundo” de *bell hooks*, uma das mais importantes feministas negras, falecida no mesmo ano.

“Campanha Pegoraro Contra a Fome – rede de apoio no Grajaú”: Campanha de financiamento coletivo promovido pela EMEF Pegoraro com o objetivo final a compra de alimentos (cestas básicas), materiais de limpeza e higiene pessoal, a fim de atender a comunidade escolar e pessoas que vivem no entorno.

CFE apoia a ação com:

- Gravação de vídeos;
- Divulgação junto às redes sociais e grupos de mensagens;
- Produção visual da campanha;
- Contato às famílias para agendamento de retirada dos produtos, com a finalidade de evitar aglomerações.

Prêmio “Criativos da Escola”: O projeto foi premiado na categoria equidade pelo “Criativos da Escola” (“*Design for change*”), oportunizando trocas com estudantes e educadores do Brasil e de outras partes do mundo.

Instituto Singularidades – “Sábado com Freire”: Participação na *live* promovida pelo “Instituto Singularidades” em homenagem aos 100 anos do educador Paulo Freire.

2022

Quem somos e por onde andamos: Gravação de vídeo com breve apresentação do projeto com a finalidade de convidar novas meninas para a coletiva.

Entrevista: Publicação de entrevista feita pelo jornalista Cleberson Santos da “Agência Mural” para o site “Terra”. Em 10 de março de 2022 com título de “Alunas da zona sul de SP vão às ruas levar pautas feministas”.

“Mês Internacional das Mulheres: Respeita as Mina”:

O tema escolhido para março, mês Internacional das meninas e mulheres, foi o assédio.

- Vista-se de preto: Acreditando que o uso de alguma peça de roupa preta nesta data é bastante simbólico, o CFE sugeriu ao grupo gestor e de professores a repetição da mesma ideia do ano de 2020, vestindo o luto pela violência que meninas e mulheres sofrem;
- Convite: Cartazes foram espalhados pela escola e vídeos pelo Instagram pedindo adesão ao ato: “*Dia 08-03, Dia Internacional da Mulher, vista-se de preto e diga não a violência contra meninas e mulheres*”;
- Bandeira: Uma bandeira com a frase: “Mês internacional da mulher: Mês de luta, resistência e memória” foi hasteada.
- Quadra: Considerando a quadra um espaço que é ocupado quase que exclusivamente por homens e meninos, outra bandeira foi fixada nesse local, lê-se: “Mês internacional das Mulheres: Respeita as mina”, um outro letreiro

impresso também foi colocado: “A regra é clara: Não é não”, fazendo uso de um jargão presente no futebol;

- Dignidade íntima: As estudantes passaram nas salas de 4º a 9º entregando kits feitos pela unidade escolar com produtos de higiene e um folheto que explica de forma didática o que é pobreza menstrual e que “menstruação não é vergonha”, um importante diálogo foi promovido, meninos e meninas tiraram dúvidas com tranquilidade e falaram livremente sobre o assunto.
- Botons: Botons foram entregues para toda comunidade escolar com o dizer: “Mês internacional da mulher – Respeita as minas”;
- Cartazes: Cartazes foram espalhados pela escola com frases como: “Fio, fio não é elogio”, “Minha roupa não é um convite”, bem como falando do que é consentimento e o valor da palavra “não”.
- Ocupação do banheiro masculino: Os banheiros masculinos ganharam atenção especial, diversos cartazes foram fixados nas paredes e nos espelhos.

O grupo gestor encaminhou bilhetes às famílias e participou os funcionários e prestadores sobre ação;

Assim como em 2020, o evento contou com grande adesão da comunidade escolar, familiares e, por meio de convites, divulgação e forte empenho das estudantes, o ato aconteceu simultaneamente em outras quatro escolas, sendo: EE. Irmã Chalita, ETEC Irmã Agostina, EMEF CEU Vila Rubi e EE Professor José Vieira de Moraes.

- CEU Rubi: Interação com as meninas do projeto “Meninas podem” no auditório da EMEF do CEU Vila Rubi;
- “Juventude em foco”: Participação juntamente com o coletivo “Masculinidade quebrada” para o projeto “Juventude em foco” promovida pelo SESC Interlagos.
- CFE 2ª geração: As meninas fundadoras do grupo contam com seus 16/17 anos e, além de movimentarem suas atuais escolas são, juntamente com as educadoras adultas, formadoras de um novo grupo de estudantes do 5º aos 9º anos do ensino fundamental. Percebe-se um grande amadurecimento por parte das meninas fundadoras.
- “Mantinhas do amor”: Dado o desafio das duas gerações do projeto aprenderem algo juntas, CFE convidou a multiartista Luce Girassol para ensinar crochê ao grupo. Luce usa sobras de suas lãs para confeccionar mantas para presentear idosos em lares de repouso. Por fim, “Mantinhas do amor” teve tanto sucesso que virou projeto da escola com adesão de estudantes, fami-

liares, professores e gestão. Até o fechamento desse documento a coletiva já confeccionou 14 mantas;

- “Por Muito tempo acreditei ter sonhado que era livre”: Convidadas pelo Instituto Tomie Othake para conhecer a exposição “Por muito tempo acreditei ter sonhado que era livre” promovida pelo “Arte atual”, programa que direciona esforços para pesquisa e acompanhamento da produção de artistas mulheres.
- “Meninas podem”: Participação no fechamento semestral do projeto “Meninas Podem” no CEU Vila Rubi. Para essa ocasião, a CFE propôs um encontro com as estudantes do 9º ano e tiveram a oportunidade de apresentar o projeto para a comunidade escolar. (foto 19);
- Editora Intrínseca: Publicação da matéria no site da Editora Intrínseca, no campo destaques/listas com o título: “Revolução nas escolas: 5 projetos estudantis feitos por jovens inspiradoras, em 24 de junho de 2022.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

As avaliações são feitas pelo sistema de rubricas, rodas de conversa e questionário. Acontecem a cada fim de semestre, onde não se pretende avaliar as estudantes, mas o impacto do projeto em suas vidas e na escola. Dessa forma, duas questões são lançadas: “Qual diferença que o projeto faz na minha escola?” e “Qual diferença que o projeto faz na minha vida?”. Considerando a importância da formação do grupo e do protagonismo das estudantes, as educadoras responsáveis passam por essa etapa avaliativa tanto quanto as estudantes.

A coletiva Consciência Feminina na Escola, já com três anos de existência, é uma realidade consolidada dentro da EMEF Padre José Pegoraro, atuando em diversos momentos de embate e discussão sobre igualdade e equidade de gênero. O movimento tem sido incansável na luta pela efetivação dos direitos das meninas dentro e fora das escolas, com a afirmação de todas as identidades femininas e o reconhecimento da diversidade humana e o respeito à liberdade.

DEPOIMENTOS

“O projeto consciência feminina me ajuda a entender realmente o que era o feminismo, sororidade e entender esse mundo é extremamente machista. Não é apenas um projeto, a gente conversava muito sobre tudo e começamos a entender mais. Conseguimos aproximar mais e com isso acabou (ainda bem) afetando toda a escola de uma forma muito positiva, muito boa. Nós sentimos a diferença. Foi visível de como os meninos também mudaram sua postura e que começaram a procurar saber mais sobre.

O nosso projeto se expandiu para fora dos muros da escola e como isso foi muito bom porque outras pessoas começaram a conhecer o CFE. (E lembrando que a ideia no começo era só fazer uma intervenção dentro do banheiro feminino da nossa escola). E não nos mudou apenas na escola. Em casa também, de uma forma tranquila, e gradativa, foi mudando também, os locais que frequento também. Sempre tinha uma pessoa que perguntava algo, para se informar”

Layane, cofundadora do projeto, 17 anos

“O CFE começou como algo descontraído, e nunca pensamos que tomaria a proporção que tomou. Iniciamos o projeto com uma intervenção em um dos banheiros femininos da escola. E foi com essa linda ação que o CFE nasceu, vimos muitos comentários e reações positivas com a intervenção, e daí, começou coisas muito maiores, não só para a escola e o projeto, mas como para nós mesmas.

Esse projeto tem um significado muito grande para minha vida, e nunca vou esquecer aqueles momentos maravilhosos que passei, toda sexta-feira ao meio-dia, o dia favorito da semana. Era uma reunião, um local de acolhimento, de exposição de ideias, de apoio. Onde aprendemos muito e ensinamos muito, um refúgio para cada uma de nós. Fazer com que outras meninas se sentissem bem, era incrivelmente gratificante, ver reconhecimento, ver que fazíamos a diferença ali dentro, era um sentimento muito forte de gratidão.

Nunca vou esquecer os momentos que passei naquele projeto, um ano, que passou voando, e se pudesse faria tudo de novo.

O impacto que o projeto teve na vida de cada uma das meninas, pode ter sido diferente, mas falando por mim, eu aprendi muitas coisas, que apliquei na minha vida e que me fez uma mulher mais forte, eu evolui como pessoa, e não há nada que se compare a isso.

E fica meu agradecimento, a minha orientadora, professora e amiga, Lu.”

Hallana, cofundadora do projeto, 17 anos

“O CFE é muito importante para a minha vida pois ele me ajuda a ver o mundo com outros olhos, eu tinha pensamentos muito “machista” e quando eu entrei para o projeto, comecei a ver as situações com outros olhos e evolui muito como pessoa e estudante, cada encontro foi maravilhoso e as publicações no Instagram também foram muito necessárias, fez muitas pessoas entender mais sobre o feminismo.”

Marjorie, 15 anos

“Para mim o projeto CFE é muito especial, de forma que me ajudou a ter mais conhecimentos sobre alguns assuntos que eu costumava ser ignorante porque como eu cresci ouvindo muitas falas machistas, acabava tendo uns pensamentos machistas e achava normal..., mas com o tempo fui entendendo melhor as coisas e o mundo. E o projeto CFE me ajudou muito no meu conhecimento, quebrando meus pensamentos de patriarcado que eu tinha bastante, e ajudando na minha trajetória de vida como menina mulher nessa sociedade machista, que vivemos. Estou em harmonia, aprendendo e crescendo sempre cada vez mais com o CFE.”

Giovanna, cofundadora do projeto, 15 anos

“Faço parte do projeto Consciência Feminina na Escola (CFE) Sempre tive muito interesse em participar da CFE, até que chegou o momento. Até então eu achava que seria comunhões e palestras sobre feminismo. Quando entrei, fiquei muito surpresa porque mais do que os estudos sobre gênero, feminismo, racismo, saúde da mulher... as meninas colocavam a mão na massa, criando espaços de interação e reflexão na escola, eu achava que sabia muito sobre os temas e na verdade sabia pouco. Através do CFE fui inserida em um outro projeto chamado “Minhas Escolhas” pela Plan Internacional, que era parecido com um CFE onde me ajudou muito. O CFE me ajuda a entender que preciso lutar pelos meus direitos, que meu lugar é onde eu quiser e que tenho voz, para ser ouvida!”

Victoria, 12 anos

3º LUGAR

Projeto:

De portas abertas: por uma escola antirracista

Unidade Educacional:

EMEF Virgílio de Mello Franco

Responsáveis:

Patrícia Alves da Silva e Edilson da Silva Cruz

RESUMO DO PROJETO

Este projeto busca conscientizar a comunidade escolar sobre a dimensão institucional/estrutural do racismo, através da intervenção artística do Trabalho Colaborativo Autoral (TCA), que nomeou as salas de aula da EMEF Virgílio de Mello Franco em homenagem a personalidades negras do campo das artes, cultura, esporte, ciência, política. A intervenção estética contribuiu para desocultar verdades (revelar/denunciar o racismo) e sublinhar bonitezas (visibilizar o legado africano e afro-brasileiro), conforme inspiração freireana.

JUSTIFICATIVA

Certa vez, em uma conferência na PUC de São Paulo, Paulo Freire afirmou que a tarefa de uma universidade, ao produzir conhecimento, é a de “desocultar verdades e sublinhar bonitezas” (FREIRE, 2001, p. 117). Ou seja, o conhecimento produzido deve contribuir para relações e trocas autênticas do ser humano com a natureza e a sociedade, contribuindo para tornar o mundo um lugar mais bonito para se viver. Da mesma forma acontece na escola. Aqui devemos levar aos educandos e educandas um conhecimento poderoso sobre a realidade. E isso não pode se dar “fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 2011a, p. 139), o estético a serviço do ético, da formação humana integral.

São estes os valores principais que guiaram nossos educadores educandos a desenvolverem o projeto “De Portas Abertas: por uma escola antirracis-

ta”. A partir de uma Trabalho Colaborativo Autoral (TCA), os educandos promoveram a discussão do racismo a partir de vivências dos próprios estudantes negros. Esse tema foi trabalhado tendo o diálogo como forma e conteúdo: forma, pois os encontros eram baseados em “círculos de cultura”, momentos em que os conhecimentos eram construídos de forma colaborativa entre educadores e educandos; conteúdo, pois o racismo foi entendido em uma perspectiva estrutural (ALMEIDA, 2019), a qual exige diálogos interdisciplinares e propostas ousadas para sua superação.

Segundo Almeida (2019), o racismo é um problema estrutural na sociedade brasileira. Trata-se de “um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade”, de modo que “as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo”, que exige um processo de conscientização para seu combate. A partir do estudo do racismo em Almeida (2019), o projeto que ora apresentamos como postulante ao Prêmio Paulo Freire contribuiu para desenvolver nos educandos e educadores a consciência em torno do caráter estrutural do racismo, em especial o modo como ele acontece nas instituições, entre as quais a escola, despertando para ações visando sua superação.

A consciência da dimensão institucional do racismo levou a uma proposta de intervenção social, no âmbito do TCA, que constituiu em nomear as salas de aula da EMEF Virgílio de Mello Franco em homenagem a personalidades negras do Brasil e do mundo: Rosa Parks, Marielle Franco, Jaqueline Góes, Lélia Gonzalez, Milton Santos, Martin Luther King, Tod One, Will Smith, Thiago Torres “Chavoso da USP”, Carolina Maria de Jesus, Mulheres da Nasa (Katherine, Dorothy, Mary).

Abdias do Nascimento, um dos maiores intelectuais negros do Brasil, afirmava que o processo de branqueamento de nossa cultura tem como uma de suas estratégias de aculturação a “ausência de memória e de história da África e de referenciais adequados ao africano e ao negro no sistema educacional” (apud RATTI E RIOS, 2010, p. 43). Já Lélia Gonzalez, também intelectual brasileira negra, uma das homenageadas em nossa escola, atribui à memória um caráter de resistência, pois a entende como “o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita” (GONZÁLEZ, 2020, p. 74). Há, portanto, uma relação dialética entre uma tentativa de apagamento da cultura negra, denunciada por Nascimento, e a necessidade de resgate da memória afro-brasileira, como sugeria González, especialmente na escola.

Iniciativas como a Lei 10.639/2003, reformulada pela Lei 11.645/08, contribuem para resgatar essa memória e resistir à aculturação. No entanto, sua aplicação requer, além de políticas públicas estruturais, também compromissos em cada instituição escolar e por parte de cada educador. Nosso projeto se inscreve como uma dessas tentativas, pois a intervenção proposta busca justamente resgatar uma memória de personalidades negras, de ontem e de hoje, visando fazer frente ao silenciamento a que a cultura africana e afro-brasileira ainda sofre no contexto escolar.

Esse objetivo, por sua vez, dialoga com o referencial teórico freireano em dois sentidos: a denúncia da assimilação como característica de uma ação antidialógica e a necessidade de conscientização como “reflexão verdadeiramente transformadora da realidade, fonte de conhecimento reflexivo e criação” (FREIRE, 2011b, p. 127).

Em *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2011b) Paulo Freire identifica a ação antidialógica como a negação da práxis verdadeira às massas oprimidas. E isso se dá mediante alguns mecanismos, entre os quais a conquista, que implica que “o sujeito da conquista determina suas finalidades ao objeto conquistado que passa, então, a ser possuído pelo conquistador” (p. 215). Ora, a assimilação e aculturação denunciadas por Abdias do Nascimento cumprem esta tarefa de determinar aos negros seu lugar no mundo, a partir do ponto de vista dos brancos, através de sua invisibilização pela imposição da estética da branquidade, pelo mito da democracia racial. Nesse sentido, o regate de personalidades negras e seu legado, tornados elementos permanentes do prédio, do cotidiano e do currículo escolar, funciona como uma ação dialógica, antiaculturadora, que permite o diálogo entre “sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para sua transformação” (FREIRE, 2011b, p. 227), descolonizando o currículo.

Ainda em Freire, a conscientização é entendida como um processo educativo que deve ser “acompanhado de um trabalho educativo crítico, dialógico, democrático, em que se desenvolve a capacidade de pensar, deliberar, decidir e fazer opções conscientes de ação” (FREITAS, 2017, p. 88). Numa perspectiva dialógica, portanto, o processo de conscientização exige o resgate da memória dos oprimidos como caminho para se libertar da aculturação. É aqui que Gonzalez dialoga com Freire quando, para ela, a memória funciona como o acesso ao conjunto de saberes tácitos, inscritos nos sujeitos, que devem emergir para tornar o conhecimento sobre a realidade uma experiência gnosiológica de desvelamento das opressões. Nesse sentido, o resgate da memó-

ria da negritude, tal qual o fazemos em nosso trabalho de TCA aqui descrito, contribui para gerar consciência e ação transformadora no mundo.

A partir dos depoimentos daquelas e daqueles que participaram do TCA, demonstramos seu caráter emancipador, uma vez que permite o diálogo com práticas da educação popular, como os círculos de cultura, os quais propiciam a educadores e educandos aprenderem juntos. Enquanto os educadores pesquisam sobre o assunto, descobrem as vivências dos estudantes, propõem caminhos que levam à construção conjunta das intervenções, os educandos têm espaço para se colocar, dar seus depoimentos, construir sua autonomia na incorporação do conhecimento, propor intervenções.

O combate ao racismo, tarefa de todos nós, educadores e educadoras, precisa se dar nas duas frentes defendidas por Freire, quando disserta sobre a produção do conhecimento, ou seja, “desocultar verdades e sublinhar bonitezas” (FREIRE, 2001, p. 117). Por um lado, é necessário demonstrar o caráter estrutural do racismo, presente no cotidiano, não só em ações individuais, mas em relações institucionais que precisam ser transformadas – a isso chamamos desocultar verdades. Por outro lado, é preciso valorizar o legado da cultura africana e afro-brasileira, dar visibilidade para pessoas e produções do passado e do presente no campo das artes, ciências, cultura, esporte etc. – a isso chamamos sublinhar bonitezas.

Baseados nessa dialética freireana que une ético com estético, científico com político, desenvolvemos o projeto “De portas abertas: por uma escola antirracista” entre 2021/2022, com os 8º/9º anos. A arte foi o principal instrumento de intervenção social, tornando a escola um espaço cheio de beleza e alegria. Feia é a ignorância, o preconceito, o racismo. Bonito é nos conscientizar sobre essa feiura e atuar para que ela dê lugar à beleza de uma escola e uma sociedade sem violências.

OBJETIVOS

- Que os educandos sejam capazes de reconhecer o caráter estrutural do racismo como dimensão que precisa ser transformada pela ação consciente dentro e fora da escola.
- Que os educandos sejam capazes de elaborar intervenção social em diálogo com a arte, considerando o tema do combate ao racismo.

- Que os educadores envolvidos sejam capazes de repensar suas práticas a partir do referencial freireano de construção de autonomia dos educandos e diálogo como forma e conteúdo dos processos escolares.
- Que os educadores tenham acesso a novas formas de tematizar a cultura africana e afro-brasileira, em diálogo com a arte e a “boniteza”, visando construir uma educação antirracista.

PÚBLICO-ALVO

Estudantes dos 8º e 9º anos do Ciclo Autoral (13 a 15 anos), entre 2021 e 2022.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Açunciara Aizawa Silva – Professora Orientadora de Educação Digital
Alessandro Ferreira da Silva – Professor de História
Alexandro Gomes Santos – Arte-educador e grafiteiro
Anderson Reis Felix – Professor de Geografia
Elaine dos Santos Melo – Professora Orientadora de Sala de Leitura
Ericson de Melo Sabino – Professor de Matemática
Gislaine Gonzaga – Professora de Matemática
Jessica Maria dos Santos – Arte-educadora e grafiteira
Ligia Santana Rocha- Coordenadora Pedagógica
Luis Carlos Mendonça de Queiroz – Educador e design gráfico
Marcelo Rodella Bettanim – Professor de Educação Física
Mykhaela Serak – Professora de Ciências da Natureza
Nicole D’Fiori – Vudu Filmes e Produções
Pedro das Oliveiras – Vudu Filmes e Produções
Pedro Henrique Silva – Arte-educador e grafiteiro
Patrícia dos Santos Fermino – Coordenadora Pedagógica
Thiago Torres – Ativista, Youtuber, estudante de Ciências Sociais da USP

METODOLOGIA

Para este projeto, a metodologia escolhida foi a do diálogo aberto a partir de rodas de conversa em sala de aula. Nas aulas, organizamos um círculo

com as cadeiras para os educadores educandos se acomodarem e, ao centro deste círculo, ambientamos o espaço com objetos relacionados ao projeto. A espacialidade da sala de aula, marcada historicamente por sua constituição hierarquizada e fabril, deu espaço para um verdadeiro “círculo de cultura”, ou seja, um espaço no qual “o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a dizer a sua palavra” (BRANDÃO, 2017, p. 69).

Nas rodas de conversa, utilizamos uma metodologia dialógica, na qual os educadores (professores ou convidados) expunham aspectos relacionados ao objeto e abriam espaço para os questionamentos dos estudantes. Dessa forma, permitiu-se uma troca de experiências e uma construção coletiva do conhecimento. Tal metodologia condiz com a concepção de educação como situação gnosiológica, como a entendia Paulo Freire, na qual “o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos, igualmente cognoscentes” (FREIRE, 1985, p. 78), promovendo a problematização do objeto e da realidade onde ele está imerso.

Por fim, também nos valem do diálogo problematizador no registro do projeto, que se tornou um documentário baseado nos depoimentos de cada um dos envolvidos e um livreto formativo para os professores. Nosso intuito, com isso, foi construir uma avaliação pautada na dialogicidade e no protagonismo dos sujeitos, além de criar um material que pudesse, posteriormente, ser utilizado como meio de conhecimento sobre o assunto e sobre a possibilidade de construção de metodologias freireanas na escola básica.

CRONOGRAMA

1ª etapa – Introdução ao TCA (agosto/2021):

1ª aula: O que é um TCA/Levantamento de temas possíveis;

2ª aula: Votação e escolha do tema por cada agrupamento;

2ª etapa – Rodas de conversa e primeiras aproximações ao tema (agosto e setembro/2021):

3ª aula: Roda de conversa “A presença do racismo entre nós”/definição de subtemas;

4ª aula: Roda de conversa “Rompendo a invisibilização”: personalidades negras e seu legado/ manifestações cotidianas de racismo (Almeida, 2019);

5ª aula: Roda de conversa: Aprofundamento sobre as formas de manifestação do racismo: individual, institucional, estrutural;

3ª etapa – Subtemas (setembro/outubro/2021):

6ª aula: Subtema 1 - A LGBTIfobia equiparada ao racismo;

7ª aula: Subtema 2 - A presença do racismo no esporte;

8ª aula: Subtema 3 – Racismo e os padrões estéticos;

9ª aula: Roda de Conversa com Thiago Torres, o “Chavoso da USP”;

4ª etapa: aprofundamento do tema (outubro/novembro 2021):

10ª aula: Aproximação com o campo da arte – O trabalho fotográfico de Angélica Dass;

11ª aula: Revisitando as definições de racismo segundo Almeida (2019);

12ª aula: Visita à Expo Consciência Negra (Anhembi);

5ª etapa: Intervenção (novembro/dezembro 2021):

13ª aula: Roda de conversa para levantamento de sugestões de intervenção/ votação;

14ª aula: O Grafite no combate ao racismo – primeira parte da intervenção;

15ª aula: O Grafite no combate ao racismo – segunda parte da intervenção;

6ª etapa: Apresentação do trabalho (janeiro a maio 2022):

Janeiro: entrevista ao site Agência Mural;

16ª aula: Retomada do projeto e organização das apresentações;

Atividade 1: Quem foi Marielle Franco?

Atividade 2: Quem foi Rosa Parks?

Atividade 3: Quem foi Milton Santos?

Atividade 4: Quem é Will Smith?

Atividade 5: Quem foi Martin Luther King?

Síntese: Elaboração de livreto formativo e Documentário (maio/junho 2022):

Atividade 6 (educadores): elaboração de livreto formativo para os docentes;

Atividade 7 (educadores e educandos): gravação do documentário.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O TCA que deu origem ao projeto “De portas abertas: por uma escola antirracista” iniciou-se em agosto de 2021, com duas turmas de oitavos anos (Ciclo Autoral) e teve sua continuidade em 2022, com as mesmas turmas, agora no nono ano. Foi um percurso cheio de desafios, em meio à pandemia da covid-19, que nos exigiu organizar os conteúdos considerando revezamentos

de turmas, quarentenas de alunos e professores, afastamentos por infecção pelo coronavírus etc. Mas também com muito empenho por parte dos que estavam à frente do projeto e dos alunos em construir um trabalho que fosse significativo para todos.

O projeto foi desenvolvido em seis etapas, entre agosto de 2021 e junho de 2022 (em andamento), que foram sendo construídas junto com os educandos, em diálogo com os educadores responsáveis e outros docentes, bem como artistas da comunidade, convidados e outros estudantes da escola.

A primeira etapa foi de introdução geral e contou com duas aulas. Na 1ª aula, fizemos um bate-papo com os estudantes a partir da memória de outros TCAs já desenvolvidos e cujo resumo encontra-se no PPP da escola. Os estudantes foram instados a identificar, através de um quebra-cabeças montado por nós, o que é um tema social relevante, o que significa uma intervenção social, quais as etapas desse tipo de projeto. Puderam, então, fazer um primeiro levantamento de temáticas possíveis, relacionando suas vivências dentro e fora da escola com a construção da autoria. Na 2ª aula, pudemos desenvolver melhor as ideias de pesquisa apresentadas, os estudantes tiveram um espaço para argumentar em favor dos diferentes temas possíveis. Dentre as propostas (racismo, LGBTfobia, violência contra a mulher, reciclagem, bullying etc.), a mais votada foi o “racismo”. Consideramos que este primeiro bloco, com o uso de técnicas de metodologias ativas de aprendizagem (bate-papo, quebra-cabeça, espaço para argumentação, autonomia na escolha), foi importante para despertar o protagonismo dos educandos e a escuta ativa por parte dos educadores, processos necessários a um percurso de problematização. Também a dialogicidade foi importante na escolha do conteúdo programático do projeto.

Na segunda etapa, iniciamos as rodas de conversa, no estilo círculos de cultura, e fizemos as primeiras aproximações ao tema. Na 3ª aula, aconteceu a roda de conversa “A presença do racismo entre nós”, com o intuito de ouvir dos estudantes o porquê de terem preferido este tema. Foi impactante para nós, educadores, verificar que a principal motivação apresentada veio do relato de alunos negros que já sofreram racismo em diferentes situações, como abordagens policiais, bullying etc. Nessa aula, também buscamos identificar os subtemas que poderiam ser desdobramento do tema maior. Assim, definimos: a) LGBTIfobia equiparada ao racismo; b) a presença do racismo no esporte; c) racismo e padrões estéticos. Na 4ª aula, “Rompendo a invisibilização”, realizamos uma roda de conversa na qual apresentamos aos estudantes o perfil de algumas personalidades negras: Marielle Franco, Jaqueline Góes, Daiane

dos Santos, Milton Santos, Lélia Gonzalez, Carolina Maria de Jesus, Tod One. A partir da foto e de um pequeno texto biográfico, os estudantes tinham a tarefa de identificar nome, profissão, quais situações aquelas pessoas tiveram que passar em decorrência do racismo e como lutaram/lutam contra o racismo. Para isso, baseados no livro de Silvio Almeida, “Racismo Estrutural”, identificamos junto com eles o que caracteriza as concepções individual, institucional e estrutural do racismo. Na 5ª aula, retomamos o texto de Almeida (2019) para fixar os conceitos novos. Este bloco aprofundou o diálogo horizontal entre educadores e educandos, favorecendo as relações pedagógicas em sala de aula, numa perspectiva dialógica, fomentando o olhar para o mundo como um espaço em construção e possível de ser transformado.

A terceira etapa foi de abordagem dos subtemas. O professor de Educação Física, Marcelo, ministrou uma aula sobre a presença do racismo no esporte e ajudou os estudantes a identificar posturas que devem ser desconstruídas, seja nos atletas, seja nos torcedores. As professoras Elaine, de Sala de Leitura, e Patrícia, de Artes, mediarão uma reflexão sobre a dimensão estética do racismo, ou seja, como ele se manifesta através de padrões de branqueamento e como isso afeta a população negra. Elas apresentaram uma entrevista de Pedro Bial com Emicida e seu irmão, Evandro Fióti, falando sobre a série documental “O Enigma da Energia Escura”, que eles lançaram em agosto de 2021, abordando discussões sobre desigualdade, racismo estrutural, privilégio e outras pautas relacionadas. O Diretor Edilson abordou o tema “A LGBTIfobia equiparada ao racismo”, na qual construiu com os estudantes o “boneco da sexualidade”, metodologia que serve para explicar a diversidade sexual e de gênero; abordou também a relação entre racismo e LGBTIfobia, mediante a determinação do STF que equiparou ambos os crimes. Este bloco se encerrou com a roda de conversa com o ativista e youtuber Thiago Torres, o “Chavoso da USP”, que veio até a escola em 5 de outubro de 2021. Na atividade, os estudantes puderam questionar diversas questões referentes ao assunto. Thiago indagou sobre o pertencimento racial dos estudantes e obteve os seguintes dados: 6% se declara indígena; 7% se declara branco; 9% se declara negro ou preto; 12% não sabe ou não quis responder; 66% se declara pardo ou moreno Segundo Thiago, “conseguimos desenvolver vários assuntos importantes, sem qualquer “imposição” de ideias da minha parte, mas sempre partindo da pedagogia da pergunta: levantando questões e ouvindo as respostas e as justificativas dos alunos e ajudando eles a refletirem sobre como e por que formaram essas concepções.” Estas aulas foram importantes para mobilizar outros educadores, para aproximar o tema da realidade e interesse dos es-

tudantes e, com isso, fazer a transição de uma curiosidade ingênua para uma curiosidade epistemológica.

Na quarta etapa, aprofundou-se o tema em diálogo interdisciplinar, especialmente com o campo da sociologia e das artes. Na 10ª aula, a professora Patrícia apresentou aos estudantes o *Humanæ*, trabalho fotográfico da artista Angélica Dass, que reflete sobre a cor da pele e documenta sua incrível variedade entre seres humanos, para além das etiquetas falsas “branco”, “vermelho”, “preto” e “amarelo” associadas à raça. Atualmente, existem mais de 4000 imagens no projeto, tiradas em 36 cidades, 20 países, de pessoas de diferentes idades, lugares e classes sociais. Depois que os alunos conheceram o projeto da artista, eles refletiram sobre questões importantes, por exemplo a nossa identificação de cor, como cada um de nós nos enxergamos e nos autodeclarámos em relação ao pertencimento étnico-racial. Na 11ª aula, retomamos o livro de Silvio Almeida para recordar novamente com os estudantes os conceitos de racismo e suas manifestações individuais, institucionais e estruturais. Os estudantes realizaram exercício de precisar melhor esses conceitos a partir da leitura direta do autor. Como fechamento desta etapa, visitamos a exposição Expo Consciência Negra, no Anhembi, evento que buscava dar visibilidade à história e a cultura africana e afro-brasileira, contando com exposições, estandes de vendas, shows temáticos etc. Esta etapa, portanto, foi marcada pela dialogicidade e pela boniteza da experiência estética. Diversas vozes em diferentes campos foram mobilizadas para aprofundar o tema e a arte esteve presente em várias situações.

Finalmente, a quinta etapa do projeto, a última de 2021, foi a da intervenção. Na 13ª aula, novamente nos valemos da metodologia horizontal do círculo para indagar dos alunos as possibilidades de intervenção social. A ideia era pensar uma intervenção em diálogo com o campo das artes. A partir das contribuições dos presentes, optou-se por uma intervenção na própria escola, considerando o combate ao racismo em suas dimensões institucional/estrutural. Algumas sugestões surgiram por parte dos alunos: fazer desenhos e frases feitas em forma de adesivo e espalhar pela escola; pesquisar sobre informações relacionadas ao tema Racismo, incluindo auto declaração étnico racial para ser respondida por alunos e funcionários da escola; realizar slam com o tema racismo; apresentar o tema do TCA para outras turmas; gravar depoimentos dos alunos e realizar pinturas permanentes feitas em algum espaço da escola das personalidades negras apresentadas no projeto. Assim surgiu a ideia de grafitar as portas das salas e nomeá-las em homenagem às personalidades negras. Além daquelas que eles conheceram no projeto, os

próprios estudantes sugeriram outras: Will Smith, Martin Luther King, Rosa Parks. A proposta foi submetida pelos próprios estudantes ao Conselho de Escola, visando angariar apoio de toda a comunidade escolar, que referendou a proposta. Na 14ª e 15ª aulas, iniciamos a intervenção. Convidamos três grafiteiros da comunidade, Chuck (Alexsandro Gomes Santos), Pedro Henrique Silva e Jéssica Maria dos Santos, que compõem o coletivo Arte e Cultura na Kebrada e que já haviam feito intervenções em nossa escola. Assim, esta aula foi uma conversa sobre história do grafite, as técnicas de pintura e uma oficina, pois, enquanto um dos artistas interagiu com os estudantes, o outro iniciou o processo de pintura das portas. Ao final, os estudantes de ambas as turmas puderam também eles contribuir com algum trecho da obra pintada. Encerramos o ano com esta intervenção artística fruto de um processo de conscientização que se estendeu para além do TCA e dos educadores e educandos nele envolvidos. A intervenção acabou alterando a configuração do espaço escolar, provocando outros sujeitos a se envolverem com o assunto, instigando futuras transformações no próprio currículo escolar.

O ano de 2021 terminou com a intervenção ainda em andamento e o compromisso dos estudantes de retomar o assunto no início de 2022. Foi assim que se iniciou a sexta etapa do projeto, de publicização da intervenção, que ainda está em andamento. Em janeiro ainda, a jornalista Patrícia Vilas Boas, da Agência Mural, site que aborda assuntos das periferias, veio até a escola após ver fotos em redes sociais, para entrevistar estudantes e educadores. Em fevereiro, na 16ª aula, juntamos ambas as turmas, agora no nono ano, para definir como o tema seria apresentado aos outros estudantes da escola (os protocolos de distanciamento estavam mais flexíveis). Divididos em grupos, eles se responsabilizaram por aprofundar as pesquisas sobre as personalidades retratadas em cada sala, para apresentar aos estudantes do ensino fundamental I e II. E assim começaram as atividades. O primeiro grupo, composto por 4 alunas, foi até a Sala 3 e apresentou aos estudantes do sexto ano (tarde) e terceiro ano (manhã) a história de Marielle Franco, que dá nome àquela sala, com a leitura do livro *O Jardim de Marielle* (Ed. Mostarda) e uma atividade de plantar girassóis na horta da escola (flor símbolo da ativista assassinada em 2018). Outro grupo, composto por 6 estudantes, apresentou a história de Martin Luther King e Rosa Parks para estudantes do sexto e primeiro anos. A mediação foi a leitura do livro *Martin e Rosa* (Cia. das Letras) e o livro *Rosa* (Ed. Mostarda). Outro grupo apresentou um pouco da trajetória de Will Smith para estudantes do primeiro ano, mediados pela autobiografia do ator, Will. Também algumas alunas leram o livro *Milton Santos* (Ed. Mostarda) para educandos do

quinto ano. Em cada apresentação, as crianças recebiam uma lembrancinha (doce ou chocolate) com algumas frases da personalidade retratada. Embora não tenha sido possível ainda realizar esta atividade em todas as salas, isso está previsto para o segundo semestre. As apresentações realizadas este ano fizeram da escola um grande círculo de cultura, ou seja, um espaço onde “se difundem práticas de ensinar e aprender fundadas na horizontalidade das intervenções pedagógicas, no diálogo e na vivência da aprendizagem como um processo ativo e partilhado de construção do saber” (BRANDÃO, 2017, p. 69).

Por fim, como síntese do trabalho, a Professora Patrícia e o Diretor Edilson confeccionaram um material de apoio aos docentes, contando um pouco da história de cada personalidade retratada, indicando livros e vídeos para aprofundamento do tema, visando tornar o assunto presente no currículo ao longo do ano. O livreto elaborado também conta com um quadro que propõe um diálogo entre as disciplinas do currículo, os objetivos de aprendizagem do Currículo da Cidade e a história de cada uma das pessoas que dão nome às salas de aula. Devido à repercussão do projeto, tivemos contato com a produtora Vudu Filmes e Produções e iniciamos a gravação de um documentário, que está em fase de pós-produção, sobre a trajetória do projeto. Educandos e educadores foram entrevistados entre maio e junho de 2022. Dessa forma, queremos deixar um legado para educadores e educandos, para que o tema do racismo seja vivenciado na escola como processo de “desocultar verdade e sublinhar bonitezas” (FREIRE, 2001, p. 117), para além de um projeto isolado, mas como compromisso ético, estético e político-pedagógico por uma educação emancipadora e antirracista.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Sem dúvidas este projeto proporcionou a todos os envolvidos uma importante reflexão sobre um assunto extremamente relevante e necessário de ser discutido e estudado: o racismo. E não apenas identificando situações de racismo, mas também sobre como combatê-lo, de modo individual, institucional, estrutural. Com isso, percebemos que o projeto construiu um percurso de problematização que levou à conscientização de educadores e educandos, sobre a importância de intervenções concretas visando superar opressões e desigualdades.

O documentário que será lançado (alguns depoimentos estão no vídeo de dez minutos que acompanha este material), permite-nos antever a capacidade dos estudantes em assimilar conceitos, mudar posturas, identificarem-se

com as personalidades retratadas e se fazerem sujeitos porta-vozes de valores antirracistas. Como afirmava Paulo Freire, “qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar” (apud FREIRE, 2021, p. 379).

Também avaliamos a repercussão do projeto na escola. Segundo a professora Patrícia, em depoimento ao documentário, coordenar este TCA a ajudou a modificar a forma como ela enxerga à docência “Dentro desse processo eu fui percebendo a importância de valorizar a participação do aluno, de perceber que a fala dele pode conduzir por um outro caminho, um caminho não planejado, talvez diferente, desconhecido pra mim, que me faça sair do lugar, ter que pesquisar outras coisas (...) e me colocar no lugar do aluno, de correr atrás, pesquisar, de estar junto com ele”. Ora, o processo vivenciado pela Professora Patrícia é o que Paulo Freire descreve como a passagem de uma educação bancária para uma educação problematizadora, onde educador se percebe como educando e o educando exerce a função de educador, pois também ensina. Para Freire, “a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível.” (FREIRE, 2011b, p. 94-95).

Por fim, este trabalho proporcionou a nossa escola uma “cara nova”. Pessoas que por muito tempo foram esquecidas ou nem sequer chegaram a ser conhecidas, agora passam a fazer parte do nosso dia a dia. Assim, eles representam todas as pessoas negras, inclusive muitos alunos que, ao olharem para as pinturas feitas, se identificam e se sentem valorizadas e representadas. Essa presença desperta diferentes sentimentos e incômodos também nos educadores, que se sentem impelidos a dialogar com aquela presença. Verificamos cotidianamente outros educadores reivindicarem o projeto, falarem sobre a importância do legado cultural africano e afro-brasileiro, discutirem sobre as biografias nos momentos coletivos etc. Isso mostra que o projeto atingiu um objetivo muito maior do que imaginamos.

DEPOIMENTOS

“De volta às escolas, coleí ontem no Jardim Helena, extremo-Leste de São Paulo, para trocar ideia com alunos de oitavo ano sobre como o racismo estrutura nossa sociedade e, dentre outras coisas, dificulta nosso acesso à universidade. A primeira coisa

que fiz: pedi que as cadeiras não fossem enfileiradas, mas formassem um círculo (...) A partir daí, conseguimos desenvolver vários assuntos importantes, sem qualquer “imposição” de ideias da minha parte, mas sempre partindo da pedagogia da pergunta: levantando questões e ouvindo as respostas e as justificativas dos alunos e ajudando eles a refletirem sobre como e porque formaram essas concepções. Foi uma experiência maravilhosa, agradeço bastante aos alunos pela recepção e respeito e aos educadores da escola pelo convite e pelo espaço.”

Thiago Torres, “Chavoso da USP”, estudante e influenciador digital, homenageado em uma das salas

“Hoje eu fui surpreendido com essa homenagem feita pelos artistas Jéssica e Chuck na escola Virgílio de Mello Franco que tem na direção o grande Edilson. Não mereço tamanha homenagem, porém agradeço de todo coração, ver uma sala de aula que leva o meu nome é surreal. Saber que Jéssica passou por minhas oficinas de arte e hoje tem a arte como estilo de vida é mais lindo ainda. O universo me presenteia com cada coisa, nossa. Muito obrigado a todos vocês e espero sempre responder a altura da grandeza que todos vocês têm. Obrigado mesmo e irei nesta escola para um bate papo com os alunos.”

Tod One, grafiteiro e arte-educador homenageado em uma das salas

“Muito obrigada pela homenagem. Fico muito feliz. O trabalho dos artistas ficou incrível!! Parabéns!! Seguimos juntos!”

Dra. Jaqueline Góes De Jesus, biomédica, pesquisadora, homenageada em uma das salas

“É gratificante adentrar os espaços da escola e vivenciar com vocês um projeto pedagógico de grande relevância e de extrema importância. Acredito que estas práticas potentes, de um currículo pensando e construído por toda comunidade educativa, a partir de olhares e escutas aproximadas que permitem aos educandos, suas famílias, educadores, funcionários em geral e toda a comunidade do território condições e oportunidades de acesso a informação e formação aos educandos, é indispensável a uma educação para a vida e para o exercício da Cidadania, de maneira que possamos contribuir para formar cidadãos éticos, responsáveis, solidários que fortaleçam uma sociedade mais inclusiva, democrática, próspera, sustentável. E que na reflexão sobre suas ações e interações sociais tenham práticas antirracistas que não contribuam para perpetuar ou validar qualquer forma de discriminação ou exclusão social. Vale ressaltar aqui que a escola se faz e constrói-se democrática com práticas pedagógicas diárias de escuta, de potencializar vozes, de autoria e no protagonismo da

diversidade da comunidade educativa e peculiaridades do seu território. Parabéns a todos vocês que fizeram parte da construção de um movimento tão necessário que, na alteridade da ação, se faz grandioso e inclusivo.”

Adriana Cristina, Supervisora Escolar

“E veio um tema que eu me identifico. Eu, por me considerar uma garota negra, uma mulher negra, por ter a minha família toda negra, com raízes indígenas, africanas, se sentir representada é muito bom.”

Ana Clara, estudante do 9º ano

“Quando eu era pequeno, eu nunca tive uma figura negra pra me inspirar. A gente nunca via nos filmes, nas séries, heróis, pessoas que foram importantes, eu não conhecia. Aí com a pintura das portas, eu finalmente consegui ver aquilo que realmente importa: pessoas negras que lutaram pelos seus direitos.”

Vinicius, estudante do 9º ano

“Estudar numa escola onde você tem pessoas negras pintadas nas portas já dá um impacto. Eu sempre estudei em escola pública e as portas eram pintadas, simplesmente. Então, por que essas pessoas aparecem na porta da minha sala de aula? Aí já faz uma provocação para os alunos: quem são essas pessoas? Por que elas estão fazendo parte da minha educação nesse momento?”

Fátima, professora de Inglês

“Quando eu cheguei aqui na escola, eu fiquei muito feliz. Como uma mulher negra, que passou por um ensino que não tratava dessas questões, chegar numa escola e encontrar tanta representatividade, que partiu dos estudantes, é uma alegria. E é nessa escola que eu acredito, nessa diversidade, nessa representatividade. Então, eu fiquei muito feliz.”

Patrícia, Coordenadora Pedagógica

“Eu fiquei muito surpresa [ao ver as portas grafitadas] porque na secretaria a gente faz uma vida à parte, não participa tanto do pedagógico, mas a gente acaba ouvindo, percebendo. E, quando eu percebi as portas [grafitadas] eu fiquei me sentindo homenageada. Primeiro, por mulheres estarem ali, mulheres negras, personalidades negras. Porque ninguém quer ser o herói negro, ninguém quer ser o mártir negro, sempre é um branco. E, de repente, você vê que existe a história. E não é lá na África somente, é aqui também.”

Viviane, Secretária Escolar

“Quando eu entrei na escola pela primeira vez e vi as portas [grafitadas] eu me senti bem acolhida. Porque eu dou aula há 15 anos, passei por muitas escolas, tanto do estado quanto da prefeitura, porém, a única que tem essa representatividade das pessoas negras, que eu vi um projeto fora do mês de novembro, foi o Virgílio.”

Ana Paula, professora de Inglês

“Quando eu cheguei aqui e vi todas essas figuras, essas personalidades, ativistas representados nas portas, foi muito impactante, eu me senti bem representado. Geralmente, em vários locais, falta esse tipo de representatividade. Muitas pessoas não têm muito conhecimento sobre esses ativistas negros, essas pessoas que batam bastante todos os dias. E, infelizmente, dentro do contexto geral, o negro é sempre difamado como escravo, favelado, bandido. E ver essas figuras, essas personalidades traz a ideia de que o negro pode muito mais, muito mais do que ser tachado de escravo ou bandido.”

Juliano, Auxiliar Técnico de Educação

“Eu acho que esse trabalho perpassa nosso currículo, pelo conceito de equidade, com o objetivo de dar notoriedade a essas pessoas, dar local de destaque a elas, de desconstruir nosso currículo.”

Ligia, Coordenadora Pedagógica

CATEGORIA IV

**EDUCAÇÃO DE JOVENS
E ADULTOS**

1º LUGAR

Projeto:

**Brigadas de Alfabetização: o bairro educador
de Heliópolis pelo direito à Educação**

Unidade Educacional:

EMEF Luís Gonzaga do Nascimento Júnior

Responsáveis:

Meire Regina de Lima e Marília de Santis

RESUMO DO PROJETO

O projeto “Brigadas de Alfabetização” aconteceu de fevereiro a julho de 2022, realizado a partir de uma parceria da EMEF Gonzaguinha, a UNAS e a Universidade Federal do ABC, realizando círculos de cultura inspirados nos temas geradores: Memória e Cultura da Paz, com o objetivo de garantir a alfabetização dos estudantes que retornavam à escola depois do isolamento provocado pela pandemia. Finalizamos com a Caminhada Noturna da EJA e MOVA pelas ruas de Heliópolis, gritando pelo direito à educação.

JUSTIFICATIVA

“Começa a entrar dentro da gente a responsabilidade política, educacional e social. E isso foi o que o bairro educador mais me mostrou”.

(Professora Teresinha Sarteschi,
Alfabetizadora da EMEF Gonzaguinha).

O projeto “Brigadas de Alfabetização: o Bairro educador de Heliópolis pelo Direito à Educação” nasceu do compromisso de toda a equipe escolar atuante na EJA da EMEF Gonzaguinha, de garantir aos estudantes da EJA a educação como direito, impedindo, assim, a evasão, que vinha aumentando devido a diversos fatores, mas intensificada pela pandemia da covid-19.

Nos deparamos com uma crise sanitária, uma crise política e econômica, que nos desafiou como educadores, nos obrigou a rever nossos planejamentos, nosso projeto político pedagógico e procurar novas metodologias para atender esses estudantes que, após dois anos retornavam presencialmente à escola, sem que tivessem condições de real participação no ensino remoto, sem acesso a políticas públicas de auxílio naquele momento e em condições de vida bastante vulneráveis, com inúmeras perdas causadas pela pandemia: perda de pessoas amadas, perda de postos de trabalho, perda da saúde física e mental.

A EMEF Luís Gonzaga do Nascimento Júnior, que chamamos carinhosamente de Gonzaguinha, está situada no Bairro Educador de Heliópolis, um território que traz em sua história uma trajetória de luta encabeçada notoriamente pela UNAS, União de Núcleos, Associações de Moradores de Heliópolis e região, uma instituição extremamente forte, organizada e comprometida com a garantia dos direitos dos moradores de seu território. Por isso, vimos na UNAS uma parceria importante com a sociedade civil organizada, para buscar caminhos de enfrentamento a este grande desafio que se iniciava. E desta parceria com a UNAS surgiu nossa outra parceira, a Universidade Federal do ABC, que possibilitou uma conexão incrível entre teoria e prática, desenvolvida a partir de uma escuta cuidadosa e muito afetuosa de nossos estudantes e de toda a comunidade escolar, criando, coletivamente, ações que envolveram o processo de ensino e aprendizagem e colocaram nossos estudantes como protagonistas do pensar pedagógico, através de círculos de cultura freireanos, realizados a partir de dois grandes temas geradores: Memória e Cultura de Paz, temas muito presentes no Bairro Educador de Heliópolis.

OBJETIVOS

OBJETIVOS GERAIS

Nossos objetivos foram evitar a evasão dos alunos que voltavam para as aulas presenciais, após dois anos de ausência provocada pela pandemia; acolher esses estudantes a partir de uma escuta cuidadosa e afetiva e garantir-lhes o direito constitucional à educação, a qualquer momento de suas vidas, mantendo nossa EJA forte e atuante, na luta por uma educação de qualidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Evitar a evasão dos alunos.

- Acolher esses estudantes em suas necessidades.
- Fazer uma escuta cuidadosa e afetiva.
- Garantir o direito à educação.
- Manter nossa EJA forte e atuante.
- Aprimorar nossas práticas.
- Oferecer a eles uma educação inclusiva, justa e de qualidade.

PÚBLICO-ALVO

Estudantes da EJA do ensino regular.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

O projeto envolveu pedagogos dos projetos da UNAS e de outros projetos (Maria Luíza de Holanda Felipe, Patrícia Felismino dos Santos Souza, Renata Maria dos Santos, Indianara C, Baldini, Roberta Baldini, Nilcelly Peres) discentes e docentes da UFABC (Kaio Barbosa Laurentino, Suze de Oliveira Piza, Claudia Regina Vieira) e os professores da EMEF de várias disciplinas da EJA regular (Teresinha Sarteschi Rafael Pinto, Roberta Laforé Daniel, Rafael Fernando Honório, Naara Costa da Silva), além de toda a equipe gestora.

METODOLOGIA

A partir de reuniões iniciais realizadas por representantes da escola, da UNAS, dos docentes e discentes da UFABC e dos nossos estudantes, criamos um curso de extensão que trouxe pedagogas de diferentes projetos para atuar diretamente na alfabetização desses estudantes. Inspirados nos círculos de cultura freireanos, criamos juntos várias sequências didáticas, que se inter-relacionavam a partir de dois grandes temas geradores, iniciadas em fevereiro e finalizadas em junho de 2022, com a realização da Caminhada Noturna - EJA e MOVA, inspirada na Caminhada da Paz, que acontece no Bairro educador de Heliópolis há vinte e quatro anos.

Foram vários encontros semanais, realizados sempre caminhando da teoria à prática e da prática à teoria. Iniciamos com um grande círculo de cultura inspirado nas memórias afetivas do grupo, das lembranças que tinham

da escola, e fizemos uma importante investigação do universo vocabular do grupo. Assim, das discussões anteriores, nascia o tema gerador seguinte, que era levado para o encontro subsequente, quando definíamos o novo tema gerador e estruturávamos o próximo círculo de cultura.

As seqüências didáticas aconteceram a partir dos seguintes temas e subtemas:

Tema gerador 1: Memória

Seqüência 1: Subtema – Conhecendo os sujeitos da EJA - Em que discutimos identidade, migração e trabalho;

Seqüência 2: Subtema - Lembranças da escola – em que compartilhamos a escola que carregamos em nossa memória e nossas expectativas com a escola que temos hoje;

Seqüência 3: Subtema – Nomes de gente – em que discutimos a origem de nossos nomes, de nossas famílias e de nossa ancestralidade;

Seqüência 4: Subtema – Meu bairro, minha história – Em que traçamos mapas de nossos trajetos de casa até o trabalho e do trabalho para a escola;

Seqüência 5: Subtema – O comércio do Bairro Educador em meu caminho para a escola – em que estudamos matemática, partindo das relações com os vários estabelecimentos comerciais pelos quais os estudantes passam ao longo de seu caminho para a escola;

Seqüência 6: Subtema – Dia da Resistência – Lembrar é resistir – em que discutimos o golpe civil-militar de 1964, suas consequências e reverberações contemporâneas.

Tema gerador 2: Cultura da Paz

Seqüência 1: O Movimento Sol da Paz e a Cultura da Paz no Bairro Educador de Heliópolis – em que conhecemos a história de Heliópolis e o surgimento da Caminhada da Paz;

Seqüência 2: Pelo que você se manifesta? – em que lemos o Manifesto da 24ª Caminhada da Paz de Heliópolis e criamos o Manifesto da EJA e MOVA;

Seqüência 3: Estruturando a Caminhada EJA MOVA – em que organizamos todas as nossas ações para a realização a Caminhada Noturna EJA MOVA.

CRONOGRAMA

Tema gerador 1: Memória

17/02:

- Círculo de Cultura para levantamento do universo vocabular do grupo;
- Sequência Didática 1: conhecendo os sujeitos da EJA;

24/02:

- Reunião de coordenação do curso para escolha das palavras selecionadas, partindo do universo vocabular levantado, relacionada ao território do Bairro Educador de Heliópolis;
- Criação da Sequência Didática 2: Lembranças da escola.

10/03:

- Sequência Didática 2: Lembranças da escola.

14/03:

- Criação da Sequência Didática 3: Nomes de gente (Matemática);
- Criação da Sequência Didática 4: Meu bairro, minha história.

17/03:

- Sequência Didática 3: Nomes de gente (Matemática).

21/03:

- Círculo de cultura com a Sequência Didática 4: Meu bairro, minha história (Geografia e Arte)

24/03:

- Reunião da coordenação: criação de Fichas Roteiro;
- Círculo de Cultura: Fichas Roteiro – O comércio do Bairro Educador no meu caminho para a escola.

07/04:

- Reunião de coordenação para estudo das publicações de EJA da Prefeitura: Currículo da Cidade, Retratos da EJA, Revista da EJA, Trilhas de Aprendizagem, Livros de PNLD.

14/04:

- Reunião: Da prática à teoria;
- Leituras de Paulo Freire e das fases do círculo de cultura;
- Revisitamos nossos objetivos e redefinimos nossos rumos.

28/04:

- Encontro para criação da sequência 1 a partir do próximo tema gerador: Cultura de Paz.

Tema gerador 2: Cultura de Paz

05/05:

- Sequência Didática 1: Movimento Sol da Paz e a Cultura da Paz no Bairro Educador de Heliópolis;
- Aula virtual para criação de sequência didática 2.

12/05:

- Sequência Didática 2: Pelo que você se manifesta?
- Criação da bandeira composta pelas lutas do Bairro Educador;
- Leitura do Manifesto da 24ª Caminhada pela Paz;
- Criação do manifesto da EJA MOVA.

19/05:

- Sequência Didática 3: a história do Movimento Sol da Paz;
- Criação do Girassol com frases de paz para a Caminhada Noturna EJA MOVA.

26/05:

- Dia para a confecção de adereços, faixas e cartazes para a Caminha Noturna EJA MOVA.

02/06:

- Sequência Didática 3: Estruturando a Caminhada EJA MOVA;
- Distribuição de livros para os estudantes.

09/06:

- Círculos de alfabetização com palavras geradoras (de segunda a sexta-feira).

16/06:

- Círculos de alfabetização com palavras geradoras (de segunda a sexta-feira).

22/06:

- Realização da Caminhada Noturna EJA MOVA.

24/06:

- Finalização da Caminhada com Sarau do Manifesta EJA MOVA.

30/06:

- Festa junina – Encerramento do Projeto.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto aconteceu de fevereiro a julho de 2022 a partir de dois temas que foram divididos por trimestre: 1º trimestre – Memória; 2º trimestre – Cultura de Paz.

Foram promovidos círculos de cultura que aconteciam da teoria à prática e da prática à teoria, criando sequências de atividades inspiradas nos conteúdos que surgiam no encontro anterior, sempre em diálogo com os estudantes e com uma escuta cuidadosa de suas demandas. Sempre que surgiam novas demandas redirecionávamos nosso caminho, em busca do aprimoramento do trabalho, com vistas a garantir o processo de alfabetização desses estudantes.

Com o retorno dos estudantes da EJA ao ensino presencial, evidenciaram-se as consequências causadas por dois anos de pandemia e da crise humanitária decorrente dela. Nossos estudantes chegaram fragilizados, empobrecidos pela crise econômica e sentindo-se inseguros e despreparados para enfrentar o ambiente escolar.

A modalidade de EJA que oferecemos aos nossos estudantes é a de uma escola regular, de acordo com a grade horária, conteúdos e realidades de uma EMEF, que ainda consegue manter bravamente o ensino noturno. O Bairro Educador de Heliópolis abriga mais de duzentos mil moradores, uma verdadeira cidade dentro da cidade de São Paulo, nesse território a demanda por alfabetização é imensa, por isso, a gestão da EMEF Gonzaguinha realizou uma intensa busca ativa na região, estabelecendo parcerias com as famílias de nossos estudantes e com outros projetos sociais da região. A UNAS mantém dezessete salas de MOVA (Movimento de Alfabetização de Adultos) espalhadas pelo território, que realizam brilhantemente o primeiro contato desses sujeitos com o a educação, por isso, mantivemos uma estreita relação com a coordenação e com as educadoras do MOVA, aprimorando com elas a busca ativa porta a porta, família a família e com o boca a boca, a fim de localizar esses estudantes e dar a eles a confiança que precisavam para procurarem a escola regular.

À medida que esses estudantes foram chegando e compondo as turmas regulares, foi se evidenciando sua dificuldade de lidar com a diversidade de assuntos, disciplinas e professores, própria do fundamental II. Eles se sentiram muito perdidos e vários foram os relatos de que não conseguiam acompanhar as atividades, a aula acabava e eles mal tinham conseguido copiar a atividade anterior. Assim, a gestora da unidade chamou as parcerias na UNAS, do MOVA e da UFABC para pensar estratégias de acolhimento e atendimento desta demanda tão específica que, se ignorada, poderia gerar ainda mais evasão.

Representantes da unidade escolar e das parcerias envolvidas realizaram em fevereiro uma primeira reunião para definir as ações. Desta reunião nasceu o curso de extensão, pensado pelas docentes da UFABC, pela gestora

Marília e pela professora Meire Lima, que trabalha com EJA há vinte anos e tem realizado círculos de cultura com o MOVA-UNAS nos últimos cinco anos.

Os convidados a participarem dessa ação foram os professores e professoras da escola, dos projetos da UNAS, como os CCAs e MOVA.

Devido aos dois anos de pandemia, os estudantes viveram dois anos de aprovação automática, mas não haviam frequentado a escola, pois a grande maioria deles não era alfabetizado e não conseguia usar o tablet fornecido pela SME. Para garantir o direito à educação, tivemos que respeitar o lugar de chegada desses estudantes. Era necessário alfabetizar de forma diferente e, para isso, trouxemos experiências de fora para nos ajudar a encontrar caminhos.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Foram meses de muito trabalho, de muita criatividade e de muita descoberta conjunta. Hoje, é notável em nossos estudantes a alegria causada pela aprendizagem conquistada. Na finalização deste ciclo de trabalho, vimos todos se sentindo mais seguros e capazes de acompanhar os próximos desafios que virão no segundo semestre.

Percebemos que criamos um vínculo em que compreendemos o sentido da educação e a importância da alfabetização para a apreensão de conteúdos mais complexos, que são exigidos nas etapas seguintes da vida escolar. Compreendemos a importância de se relacionar e de respeitar o território em que estamos, para que juntos possamos escrever nossas histórias de lutas e de conquistas pela educação. Na medida em que há pertencimento e identificação com os temas que surgem nos círculos de cultura, todos começamos a alimentar a “leitura de mundo” com olhar crítico à realidade, questionando as injustiças e nos posicionando como seres políticos atuantes no território.

Este trabalho tão inspirador nos dá esperança e força para seguirmos na luta, assumindo nossa responsabilidade política, educacional e social, buscando a utopia que nos põe em movimento, acreditando que, com este trabalho, poderemos encontrar logo ali o “inédito viável”.

Dedicamos este Prêmio à professora Teresinha Sarteschi, incansável lutadora da EJA na EMEF Gonzaguinha.

DEPOIMENTOS

“O projeto Brigadas da Educação tem sido fundamental para enfrentarmos o problema da evasão dos estudantes da EJA, tem nos trazido esperança, força e conhecimento para seguirmos nossa luta no atendimento de jovens e adultos, que têm o direito à escola.”

Marília de Santis, diretora da EMEF Gonzaguinha

“Esse projeto une duas coisas muito importantes que a academia precisa muito aprender, que é conversar com as pessoas do lugar, entender esse território, respeitar esse território e escrever a história desse território junto com as pessoas desse território.”

Cláudia, professora da UFABC

“Nós fizemos tudo para ter o acolhimento necessário para essas pessoas, que vieram com muito medo, muitas perdas. E isso fez com que repensássemos mais o nosso PPP.”

Teresinha, professora da EMEF Gonzaguinha

“Esse último projeto foi bom demais! Eu tô aprendendo até ler!”

Maria Andreлина, aluna da EJA Gonzaguinha

2º LUGAR

Projeto:

Aprendizagem ao longo da vida

Unidade Educacional:

EMEF Infante Dom Henrique

Responsáveis:

**Erika Doniani Dias, Gabriela Rauseo Garcia,
Cesar Luis Sampaio e Wesley de Sousa Vieira**

RESUMO DO PROJETO

A essência do projeto é a existência da necessidade urgente de proporcionar aos cidadãos que tiverem suas oportunidades de estudo cerceadas, de forma que se sintam valorizados e tenham como foco a recuperação da dignidade cultural de ser humano.

JUSTIFICATIVA

Em 2019, a escola passou a oferecer a modalidade Educação Jovens e Adultos - EJA. Tendo em vista a inexistência de materiais pedagógicos que atendessem esse público específico, inseridos em um território com características tão peculiares. Iniciamos um trabalho de investigação para propor novas maneiras de apresentar os conteúdos aos estudantes. Levamos em consideração os currículos propostos pela rede, os quais indicam a importância da educação para a vida, e tomamos o cuidado para não infantilizar o material. No final de 2019, realizou-se uma experiência com o formato similar aos roteiros de aprendizagem, mas houve muita resistência por parte dos estudantes.

Em 2021, um grupo de estudantes do curso da pós-graduação em psicopedagogia da Universidade Mackenzie, realizou uma pesquisa investigativa e a partir desse material sugeriu uma proposta de intervenção junto aos docentes.

Ao finalizar a etapa de pesquisa/avaliação com os docentes e estudantes da instituição, o grupo entendeu que a Educação de Jovens e Adultos dessa unidade escolar enfrentava duas fragilidades: o material didático fornecido pelo poder público e as intervenções metodológicas entre professor e aluno.

Foi realizada uma intervenção pelo grupo, contemplando o entendimento do Desenho Universal da Aprendizagem com o intuito de trabalhar com o material didático em desenvolvimento e a relação entre professores e alunos, considerando ser um laço essencial para que o processo de ensino-aprendizagem possa fluir de maneira positiva.

A partir desses estudos foi elaborada uma proposta para mudar o formato da EJA, com o objetivo de mudar as vidas desses indivíduos.

Partindo do pressuposto que a comunidade da EJA advém de vários cantos do estado e do país, muitos tentam novas possibilidades de vida, mas com resultados frustrantes. Muitos vivem em abrigos da região ou cortiços. Cinquenta por cento de nossos educandos moram em abrigos públicos, sendo que também temos um número cada vez mais crescentes de mulheres trans, além de outra parcela significativa moradores da comunidade ao lado da escola. Também é cada vez mais comum que apareçam alunos migrantes de países como Bolívia, Angola, Venezuela, Síria e Marrocos. Nessa jornada interromperam seus estudos para trabalhar, cuidar dos filhos e mesmo com o exíguo tempo, encontram forças para estudar no período noturno, enfrentando dificuldades de chegar no primeiro horário de aula.

A proposta parte da organização das salas de aula, distribuição dos alunos de acordo com suas especificidades, diminuição de aulas presenciais, implantação de aulas no formato “apoio pedagógico monitorado” para os estudantes, reuniões de organização pedagógica entre os professores e coordenação para definir temas e práticas a serem trabalhados com os estudantes de forma interdisciplinar.

Como a maioria dos alunos não possui histórico escolar, é necessário fazer provas de classificação e reclassificação. Ação que ocorre após os estudantes terem iniciado suas aulas na escola. Esse fato causa sérios transtornos, pois acostumam-se com um agrupamento e resistem em fazer parte de uma nova turma. Por este motivo, chegamos à conclusão de que os educandos não precisam estar vinculados a uma sala específica, observando-se as devidas restrições nas turmas de alfabetização, e sim à escola e que todos os educadores podem e precisam atuar com o grupo.

Os estudantes são na grande maioria adultos e idosos, com muitos conhecimentos adquiridos informalmente que devem ser valorizados. Independente

da série matriculada, exceto na alfabetização, eles terão aulas com professores alfabetizadores e especialistas, tratando de assuntos pertinentes a sua demanda com abordagem acadêmica e seguindo o Currículo da Cidade.

OBJETIVOS

É imperativo que consideremos a importância dos jovens, adultos e idosos continuarem aprendendo, ao longo da vida. Para isso é urgente a necessidade de proposta educacionais para que os indivíduos desse segmento possam sentirem-se capazes de aperfeiçoar seu saber e adquirir novos conhecimentos, além de compartilharem suas experiências de vida, ampliando as vozes dos integrantes da escola e do território, tratando de temas gerados a partir de nossa comunidade e que constroem a identidade do lugar.

Piaget, Vygotsky e Wallon comungam a ideia de que o indivíduo para adquirir conhecimento, construir cultura e se constituir em uma pessoa, precisa interagir com o objeto e, nessa interação, ambos os sujeitos e objetos acabam por se constituir mutuamente.

PÚBLICO-ALVO

210 estudantes, Alfabetização I e II, Básico I e II, Complementar I e II, Final I e II, faixa etária de 16 a 74 anos de idade.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Adriana Ferreira Ramos Asato – Professora de Geografia
Ana Paula Inacio Masela – Professora de Educação Infantil e Fundamental I
Anderson Silva Oliveira – Professor de Língua Portuguesa
Eodete Ferreira da Silva – Professora de Educação Infantil e Fundamental I
Fernando Moreira de Araujo Junior – Professor de Ciências
Gabriel Vicente França – Professor de Educação Infantil e Fundamental I
Janaina Brunelli Justino – Professora de Matemática
Jessica Silva Salomão – Professora de Inglês
Marcela Pires Pires Ferreira Novaes da Silva – Professora de Artes

Nadia Aparecida Marcolino Nery – Professora de Educação Infantil e Fundamental I

Ricardo Ishiyama Martins – Professor de História

Rodrigo Ferrari Baglini – Professor de Educação Digital

Tatiana Domingues Macarrão – Professor de Educação Infantil e Fundamental I

METODOLOGIA

A metodologia é voltada para a participação ativa dos alunos com uma organização curricular flexível, visando atender às especificidades de cada adulto. O docente, envolvido nesse modelo, necessita conhecer o desenvolvimento e as necessidades de diferentes faixas etárias com as quais vai lidar.

O professor é considerado um mediador/facilitador e, como tal, sua relação com os educandos é horizontal, tendo como principal característica o diálogo, o respeito, a colaboração, a confiança, o conforto, a informalidade, garantindo, assim, que o aluno se sinta seguro e confiante, propiciando um clima propício para a aprendizagem.

Um grande desafio do educador é manter o ciclo motivacional do estudante, e a solução é a satisfação da necessidade. Uma vez atendida à necessidade, o indivíduo recupera a condição de equilíbrio, aliviando a tensão que estava sofrendo.

Só a partir, segundo Paulo Freire, desta dialogicidade, que se poderá construir o conhecimento, na relação educador-educando e educando-educador. A partir desta comunhão, sem hierarquias, que ambos aprendem, ambos constroem juntos o conhecimento ligado a vida, constituindo a autonomia dos educandos, ou seja, trilhando os caminhos também de Ranciere, na obra “O mestre ignorante”.

CRONOGRAMA

As atividades acima elencadas foram realizadas a partir de fevereiro de 2022. O projeto foi aplicado em todos os dias letivos, seguindo os conteúdos programáticos de acordo com o Currículo da Cidade. Por tratar-se de uma proposta ampla, daremos continuidade no próximo semestre, adequando as práticas caso haja necessidade.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Os estudantes foram divididos em agrupamentos produtivos para interagirem com atividades lúdicas e criativas, pois lidamos com um público com baixa autoestima, sendo que todos e todas fizeram testes variados que possibilitaram identificar em que estágio cognitivo cada um. Esses testes são necessários também para detectar o vínculo com objetos, conteúdos escolares, família e consigo mesmo. Por meio da análise de desenhos conseguimos observar suas defesas, condutas evitativas e como enfrentam novos desafios. O objetivo é perceber o que a pessoa sabe e aprendeu a fazer, investigar as funções lógicas do sujeito além de realizar uma avaliação lúdica de coordenação motora fina, coordenação viso-motora, lateralidade, orientação temporal, orientação espacial, sequência lógica, consciência fonológica, compreensão de texto oral, teste de escrita (para os alfabetizados), cálculo, testes de atenção, flexibilidade cognitiva, teste de habilidade cognitiva de planejamento.

Nesta investigação todos estiveram juntos e os professores não informaram às disciplinas que lecionam. A ideia era não dar juízo de valor sobre determinados professores por conta da disciplina ministrada.

Levamos em consideração neste processo também:

- Escuta das histórias de vida evidenciando trajetórias
- Respeito ao percurso
- Respeito ao fator multietário e às condições socioeconômicas
- Não nivelção da formação
- Testes lúdicos com interações propositivas
- Pensamento lógico matemático
- Função executiva
- Motricidade
- Sondagens de língua portuguesa e matemática

Foi explicado aos envolvidos no processo investigativo que o método de ensino em nossa unidade seria diferenciado com um olhar sensível para o resultado, e que formaríamos os agrupamentos dos estudantes, não obedecendo à série em que estavam matriculados e sim sua necessidade de aprendizagem mediante as sondagens e investigações.

Após esse processo os professores trataram sobre as tutorias dos novos agrupamentos e definiram seus objetivos e periodicidade de encontros.

Os tutores são responsáveis por acompanhar a trajetória dos estudantes, orientando-os sobre os espaços, explicando sobre a proposta e processo de aprendizagem de todas as disciplinas. Além disso, acompanham a frequência, orientam sobre questões burocráticas, tais como: protocolos sanitários, bilhete único, documentação escolar e regras gerais da unidade escolar.

Os itens norteadores neste processo investigativo das comissões:

- O que já sabiam?
- Como se aprende?
- Função social da escola?
- Formas de aprender?
- Como enxergavam a vida?
- Que perspectivas tinham da escola e do futuro?

A partir destas descobertas as equipes gestora e docente foram adotando os temas que seriam desenvolvidos com os estudantes.

O projeto é amplo e as atividades foram elaboradas para incentivar o conhecimento e visão crítica de diversos assuntos, que de forma geral seguiram durante dois bimestres, sendo que no primeiro, o eixo central foi sobre os “Rios no Território” e no segundo a discussão teve como tema o “Trabalho”.

Os professores tiveram como primeira ação a elaboração de um mapa mental, no qual suas ramificações explicitam os assuntos que seriam tratados pelas diversas disciplinas e foram estabelecendo as parcerias para desenvolverem atividades interdisciplinares.

Esse tema foi escolhido devido a importância do rio na comunidade, sendo que estamos localizados ao lado do Rio Tietê e Tamanduateí. A conversa foi iniciada a partir das relações pessoais com esses rios, por meio de roda de conversa, no qual cada um contou como que passam por esses rios todos os dias (a pé, ônibus, metrô, carro). Pautaram como fomos nos distanciados da relação com os rios. Segundo o relato da estudante Dona Iracema (74 anos), na região do Canindé, antigamente, havia lagos onde se pescava. Crelma conta que nunca havia reparado muito no rio, ela achava que era um córrego, e que começou a imaginar como era esse rio, quando era um rio de verdade, observando-o da plataforma do metrô Armênia.

Em uma das aulas a canção Asa Branca foi escolhida como objeto de estudo. Sua melodia ressoava pelo pátio e corredores da escola. Em seguida leram a canção e ouviram o episódio da Rádio de Bitita sobre Gonzaguinha, leram

também a biografia deste ilustre artista. Essas práticas foram disparadoras para que os estudantes elaborassem suas próprias biografias.

Esse assunto também foi trabalhado nas várias disciplinas, abordando o surgimento dos rios, a composição química da água e seu volume. Analisaram ainda suas contas de água e aprenderam a ler e trataram das situações de desperdícios. Tiveram o conhecimento sobre a água virtual e como isso pode impactar a vida da população mundial, mas de forma distinta nos países mais pobres em relação aos ricos.

No eixo Trabalho, os educadores acompanharam as rodas de conversa sobre os trabalhos que já tiveram na vida, iniciando com a denominação de cada tipo: trabalho, emprego, bico, passatempo, trampo, trabalho autônomo. Na sequência estabeleceu-se um diálogo sobre formalidade e informalidade, direitos trabalhistas e luta sindical. Esse assunto teve grande engajamento e participação, pois é uma atividade da vida que todas e todos participaram de alguma maneira. Um estudo vivido e pertinente. Após essa introdução fizemos leitura de gráficos sobre o trabalho no Brasil e no mundo a partir do recorte de Gênero, Classe e Raça.

Alguns estudantes comentaram sobre o preconceito existente em relação àqueles que moram em abrigo, uma vez que esses endereços são quase sempre recusados de imediato, independente da experiência ou formação. Assim, acrescentamos mais essa camada de análise - a exclusão daqueles e daquelas que, morando em abrigos, buscam por oportunidade de trabalho, no entanto são mais uma vez colocados à margem na sociedade capitalista.

Nessa proposta diferenciada, o acompanhamento diário dos estudantes é um dos instrumentos de avaliação junto dos materiais produzidos durante os encontros. Portanto, a avaliação é diária considerando cada conquista e avanço, além da prática assertiva de comparar os resultados dos testes iniciais e verificar o progresso de forma individualizada, pois cada um tem seu potencial e deve ser referenciado a partir dele mesmo e não comparado com os outros.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Durante esse período fizemos várias avaliações com os estudantes e profissionais da unidade, além de autoavaliação. O resultado apontou para pontos fortes e dificuldades enfrentadas.

Sobre os aspectos positivos do projeto percebemos que houve aumento de matrículas na EJA, diminuição do absenteísmo, uma melhor apreensão de

conceitos fundamentais das disciplinas por meio de conhecimento prático, houve uma evolução organizacional nas práticas educacionais, melhor organização de horário, foram feitos elogios em relação projetos coletivos, a escola estava com um ar mais alegre, os alunos passaram a envolver-se mais nas propostas, principalmente entre as turmas.

Percebemos que os alunos que chegam durante o semestre perdem o momento empolgante do acolhimento inicial. Pontuaram sobre achar estranho mudar de salas.

DEPOIMENTOS

“A experiência é muito importante; a gente não tá só entrando pra dentro da sala e ficando na lousa. A gente tá aprendendo mais na conversa do que na escrita. Tô gostando mesmo, é uma experiência espetacular.”

David, estudou na EMEF quando era criança, do segundo ao quinto ano

“Eu fiquei dois anos sem estudar. Não era isso que eu pensava. Eu pensei que logo no primeiro dia, eu ia escrever. Porque eu tô acostumada. Logo no primeiro dia a gente tem matéria. Eu tô tentando me acostumar com isso, porque é muito diferente. Às vezes bom, às vezes mau, é um pouquinho estranho.”

Elisa

“Tô gostando, tô achando importante o projeto. Esse diálogo ajuda a conhecer todo mundo. Eu era bem bagunceira na escola, mas eu gostava de escrever. Estudei até o primeiro ano, só que eu aprontei muito na escola. Fiquei 7 anos afastada da escola.”

Elen

“Parece alcoólatras anônimos, ou big brother. Tô gostando mais ou menos do colégio, eu achei que ia ser uma coisa, foi outra. Pensei em desistir, mas fiz algumas amizades. Com 17 anos, desisti da escola. Com 18 anos, fui preso, aí não quis saber mais de escola. Mas minha filha nasceu e minha vida mudou. Eu achei que não ia me adaptar porque as pessoas são de mais idade, mas foi aí que me equivoquei. As pessoas de mais idade me passam mais sabedoria.”

Wesley

“Eu tinha parado de estudar na sexta série, mas tentei estudar duas vezes. Eu sempre fui boa na escola, mas o que era ruim é que eu era daquela turma “dos quietinhos”,

para não falar o contrário. Na escola que eu estudei, era de eliminar matéria. Aí vim para o Infante. E no dia de matricular, fiz a matrícula do meu marido, para não ter mais desculpa. Fiquei com medo de ele não vir mais e eu desanimar. Gostei muito da dinâmica, cada um tem uma dificuldade. Escrever tudo na lousa, com a nossa idade... não é mais viável. Eu gosto de conversar, dessa mistura. Essa dinâmica pode ajudar ele a aprender e vir comigo, para irmos para a mesma escola."

Ana Paula

"É... eu tô gostando, sim, porque tá fugindo da rotina. No ano passado, a gente entrava às 19 e saía às 23, era uma aula atrás da outra. Eu nunca tinha visto uma pessoa ensinando da maneira que ela estava ensinando."

José Ribamar

"Eu tô sentindo uma mudança que, pra mim, tá sendo muito interessante. Ficou bem mais fácil para a gente se aprimorar. No ano passado era muito mais dificultoso, tinha dia que era estressante, a gente não sentia aquele impulso, aquela pulsação de fazer as coisas. Essa mudança que vocês fizeram ficou de uma forma mais abrangente e mais fácil para a gente saber lidar e se atualizar, aprimorar. Parei na sétima série."

Alice

"Tá sendo desconhecido, porque a minha realidade de escola, hoje com 42 anos de idade, quando na época de escola era outra realidade. Eu parei na quinta série, quando eu parei lá atrás. E hoje eu consigo entender e ver que a escola consegue abraçar todo o público que necessita de algum estudo. Hoje, vendo o trabalho de vocês, mesmo um tanto distante, o que eu consigo entender é que vocês estão procurando fazer uma melhoria para a gente ter uma facilidade maior de ensino. E tá tendo uma facilidade no estudo."

Lorrany

Nivalda - Relatou que está gostando das atividades e isto proporcionou a ela conhecer melhor a escola, pois nunca tinha andado por todos os espaços.

Marinalva - Gostou de tudo e está se sentindo mais alegre.

3º LUGAR

Projeto:

Cara, crachá: documentação pessoal como acesso e garantia de direitos para as pessoas com deficiência

Unidade Educacional:

CIEJA Professora Rose Mary Frasson

Responsáveis:

Vanessa Lilian de Oliveira Nunes e Veronica Urbani Souto

RESUMO DO PROJETO

Esse projeto visa primeiramente fomentar a comunidade escolar, principalmente os estudantes com deficiência a alcançar seus Direitos Universais, sobretudo no âmbito da Educação e acesso aos serviços sociais, segurança e participação política. A ciência e o uso do RG Especial é uma estratégia apresentada aqui como prevenção a abusos por parte de outros atores sociais, sobretudo, na oferta de serviços públicos, principalmente segurança.

JUSTIFICATIVA

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, em seu capítulo V, o Art. 59, inciso IV, um dos objetivos da Educação Especial é garantir a efetiva participação do estudante com deficiência na vida em sociedade, dialogando com o compromisso da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que busca a formação integral do indivíduo para que se reconheça como sujeito de direitos em um contexto histórico e cultural, exercendo seu protagonismo de forma autônoma assim como, a garantia da igualdade e segurança pessoal, dois dos direitos inalienáveis defendido pela Declaração dos Direitos Humanos. Nossa Unidade Educacional, o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) Professora Rose Mary Frasson, oferece o Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas duas modalidades, sendo na ação colabo-

rativa juntamente com o professor da sala regular e o atendimento no contraturno, o projeto apresentado aqui refere-se ao AEE no contraturno tendo como responsáveis as Professoras do Atendimento Educacional Especializado (PAEE), Vanessa Lilian de Oliveira Nunes e Veronica Urbani Souto. O projeto dialoga com as Leis citadas e segue a portaria municipal nº 8.764/2016, visando com seu planejamento e suas ações garantir autonomia e independência no desenvolvimento de atividades, realizadas ou não com o apoio de recursos de tecnologia assistiva, visando à fruição, pelos estudantes, de todos os bens sociais, culturais, recreativos, esportivos, entre outros; de todos serviços e espaços disponíveis no ambiente escolar e na sociedade, com autonomia, independência e segurança.

Como é possível garantir essa autonomia, independência e segurança ao estudante fora dos muros da escola? Estamos localizados na Brasilândia, periferia da Região Norte da Cidade de São Paulo, com maior índice de população por distrito, sendo população esmagadora de jovens e crianças autodeclaradas pretos e pardos e com o pior índice de remuneração média mensal segundo dados Nossa São Paulo. Segundo dados apresentados no Sistema EOL, nossa Unidade Escolar conta com 739 matrículas efetivadas, sendo desse total 45 pessoas com deficiência (auditiva, visual, física, intelectual e TEA).

O novo Registro Geral - RG foi criado para unificar os principais documentos brasileiros em um único item e está valendo desde o dia 1º de março. No documento, além da unificação de outros registros tais como certidões de nascimento, de casamento, identificação em órgãos como INSS, carteira de trabalho, CNH, CPF, também é possível incluir outras informações tal como nome social, tipo sanguíneo e CID (com informação sobre pessoa com vulnerabilidade ou condição particular de saúde, nos termos do decreto 9.278/18, artigo 8º, parágrafo 1º, inciso X), reunidos em um único espaço. Este novo documento será físico, com disponibilidade digital, em um aplicativo de celular, tendo como prerrogativa a maior independência e proteção, por exemplo, em casos de abordagem policial com abuso de autoridade. São casos de abuso, por exemplo, situações nas quais a pessoa com deficiência é abordada pelo policial e suas especificidades não são compreendidas pelos profissionais. Com a identificação no próprio documento, fica mais fácil a abordagem de forma humana e legal. Mediante a dificuldade de acesso a serviços e direitos, que pessoas com deficiências sofrem em nossa sociedade, por motivos já exemplificados anteriormente, tornou-se fundamental trabalhar com o grupo de estudantes, seus familiares e restante da comunidade escolar o projeto Cara, crachá: Documentação pessoal como acesso e garantia de direitos para as pessoas com deficiência.

OBJETIVOS

- Conhecer a si mesmo.
- Identificar o seu nome e as letras que o compõem.
- Favorecer a construção de identidade, a partir da observação e reflexão sobre sua autoimagem.
- Aprofundar a reflexão sobre a escrita do nome e sobrenome.
- Aproximar-se do conceito de documento pessoal.
- Compreender a função social do RG.
- Favorecer a construção de identidade, a partir da observação e reflexão sobre nome, sobrenome próprio e dos colegas, filiação, data de nascimento, local de nascimento (Cidade e Estados).
- Identificação de diversos documentos pessoais e seus itens importantes e característicos.
- Observação das características físicas e compreender a função social dos documentos utilizados.
- Conhecimento e compreensão das características específicas do Novo modelo de RG e as possibilidades de uso e função social.
- Localizar e identificar informações pessoais em seus documentos a fim de preencher fichas e responder informações sobre si.
- Ampliar e fortalecer a compreensão e sentimento de pertencimento ao grupo de Pessoas com Deficiência que representa 15% da população global.
- Acesso e exercício ao conjunto de direitos e deveres civis e políticos para garantia da cidadania usufruindo os serviços ofertados por órgãos estatais.
- Fortalecer o empoderamento da Pessoa com Deficiência, fomentando repertório para discussão e combate ao capacitismo e a exclusão social.
- Ampliar a rede de proteção física, emocional e social da pessoa com deficiência e de sua família, perante a ignorância de sua condição por parte de representantes, colaboradores e servidores públicos e privados em exercícios de suas funções.
- Facilitar acesso aos direitos, buscando a internalização de novas práticas nas ações e reflexões da comunidade escolar e por consequência da sociedade a fim de alcançar valores, concepções e crenças ligadas à questão comportamental desenvolvidas até se tornarem características deste grupo.
- Compreensão da documentação usada, qualificação e inserção ao mercado de trabalho com base na Lei nº 8.213/91, Artigo 93 de com reserva de vaga para PcD como uma das possíveis ferramentas para o exercício da cidadania com parceria ao Programa Emprego - Apoiado Instituto Jô Clemente.

PÚBLICO-ALVO

O projeto é desenvolvido com 35 estudantes com deficiência e/ou transtorno global do desenvolvimento (TGD), público-alvo da educação especial, jovens e adultos com idades entre 17 e 62 anos. Conforme Portaria nº 8.769/16, é considerado pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas matriculados no Atendimento Educacional Especializados nas Salas de Recursos Multifuncionais do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos Prof.^a Rose Mary Frasson no ano letivo de 2022.

METODOLOGIA

As etapas do Projeto foram planejadas durante o mês de fevereiro de 2022, após revisão, leitura, análise e avaliação do Plano Educacional Individualizado - PEI de todos os 35 estudantes, com diferentes especificidades, e identificação dos pontos em comum das demandas individuais. Importante salientar que o plano é regulamentado pela portaria Municipal nº 8.764/2016 e visa conter levantamento de necessidades, conhecimentos prévios, potencialidades e habilidades de estudantes com deficiências, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades e/ou superdotação ou com dificuldades de aprendizagem. Cada estudante é único e aprende, portanto, de maneira diferente, e o PEI visa registrar esse caráter individual de cada estudante para que, usando estratégias adequadas, ele possa aprender, assim como os outros estudantes, no ensino regular. As atividades propostas foram apresentadas aos estudantes em pequenos grupos de Atendimento Educacional Especializado, constituídos por dois, três, quatro ou cinco estudantes, montados previamente seguindo alguns critérios exemplificados no Plano de Trabalho como: atendendo à afinidade e proximidade já estabelecidas pelos estudantes em outros espaços da escola e a proximidade dos objetivos de trabalho, aliado às suas demandas de horários e objetivos a serem alcançados ao longo do ano com a interação entre si, assim como atendendo às demandas dos estudantes do período noturno, que não possuem disponibilidade de frequentar outro horário devido horário de trabalho.

O CIEJA Prof.^a Rose Mary Frasson conta com três Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), nas quais ocorrem o Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contraturno atendendo às especificidades dos educandos. Segundo Portaria Nº 8.764, DE 23 DE Dezembro DE 2016, que regulamenta o Decreto nº 57.379, de 13 de outubro de 2016, que “Institui no Sistema Municipal de Ensino a Política Paulistana de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva.”, no Capítulo III - Atendimento Educacional Especializado - AEE, no Art. 35 estabelece que cada PAEE atenderá de 12 (doze) a 20 (vinte) educandos e educandas, independentemente da forma de AEE e da necessidade de acompanhamento às classes comuns, considerando as necessidades específicas dos educandos e educandas e a organização da Unidade Educacional.

Como o professor da sala regular do CIEJA pode sanar suas dificuldades encontrando caminhos para atender de forma adequada e eficiente os estudantes? Essa é a pergunta que orienta os trabalhos da equipe do responsável pelo Atendimento Educacional Especializado na CIEJA Prof.^a Rose Mary Frasson.

É sabido que não existe uma fórmula única, para cada Unidade Educacional identificar, buscar e aplicar soluções viáveis para atender as demandas e os anseios da sua Comunidade Escolar. No CIEJA Prof.^a Rose Mary Frasson, os estratégias acontecem principalmente por meio de parcerias com a Coordenação Pedagógica, às Professoras de Atendimento Educacional Especializado. E os resultados são notados a partir do acompanhamento do desenvolvimento educacional dos estudantes.

O CIEJA Prof.^a Rose Mary Frasson oferece 797 vagas, distribuídas em cinco períodos ao longo do dia, tendo o primeiro horário letivo iniciando às 07h30min e o último às 20h15min, com duração de duas horas e quinze minutos de aulas por dia, podendo ser ampliado por mais duas horas e quinze minutos, uma vez por semana, no caso da Educação Especial, se houver necessidade. Dessa forma, temos hoje 636 matrículas efetivadas e esse relato de prática fará o recorte dentro de 7,07% dessa população estudantil, que representa atualmente 45 matrículas de jovens e adultos PCDs, distribuídos em salas regulares do Ensino Fundamental I e II.

Aos estudantes matriculados no CIEJA é assegurado o aproveitamento de estudos e conhecimentos realizados antes do ingresso nos cursos da EJA, assim como o currículo oculto que provém das vivências fora do contexto acadêmico. A atuação dos docentes nos CIEJAs está condicionada a ter habilitação específica nos componentes curriculares a Matriz Curricular do Ensino Fundamental de Educação de Jovens e Adultos, assim como a obrigatorie-

dade de cumprir Jornada de Trabalho/ Opção - JOP, na condição de Jornada Especial Integral de Formação – JEIF ou Jornada Básica do Docente – JBD, complementando, com 8 (oito) horas-aula de Jornada Especial de Trabalho Excedente – TEX, garantindo a excelente particularidade de ter em formação continuada todos o corpo docente da U.E. Essa formação continuada ocorre em um grupo único todas às sextas-feiras das 12h30min às 15h30min e dividida nas opções de dois grupos às quartas-feiras podendo ser das 12h30min às 15h30min ou das 14h45min às 15h30min, viabilizando toda a ação educativa do Centro que está vinculada aos princípios e diretrizes explicitados no Projeto Político-Pedagógico e no Regimento Educacional, como expressão do compromisso assumido pela comunidade escolar, a partir das necessidades e expectativas locais, relacionadas às aprendizagens das diferentes áreas do Conhecimento que compõem o currículo da EJA e ainda como ação assertiva, anualmente o CIEJA avalia a Unidade, visando ao aprimoramento da ação educativa, com participação de toda Equipe Escolar, Conselho do CIEJA e Supervisão Escolar, em conformidade com a Portaria de Organização das Unidades Educacionais, publicada.

O acompanhamento da aprendizagem dos estudantes é contínuo, aplicado no decorrer do processo e, obrigatoriamente, na periodicidade semestral, para a realização da síntese resultante da análise do desempenho global dos estudantes. Tendo um leque de instrumentos diversificados, como provas, trabalhos de pesquisa, atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aula na avaliação do processo de ensino e aprendizagem. Para o estudante público alvo da Educação Especial, ou seja, o estudante com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação desde com idade mínima para frequentar o CIEJA, somasse ações, atividades e intervenções dos Professores de Atendimento Educacional Especializado em ação colaborativa com o professor regente da sala regular, e se necessário, de outros profissionais, que são devidamente registradas em Plano de Desenvolvimento Individual, visando à constituição de relatório circunstanciado ao final do curso.

Com a formação continuada para todo o corpo docente, a criação coletiva, ativa e consciente do Projeto Político-Pedagógico, juntamente com a oferta do AEE nas modalidades do contraturno e no colaborativo é garantido as estratégias para o acesso ao currículo, recursos pedagógicos e de acessibilidade para atender aos estudantes público-alvo da Educação Especial matriculados nas salas regulares do CIEJA Professora Rose Mary Frasson.

Dentro das ações virtuosas contidas no perfil da U.E. em questão, é preciso destacar a forma que as PAEEs ofertaram e aplicaram o AEE nos diferentes tempos e espaços educacionais regulamentados na Portaria SME nº 8.764/16, previsto Decreto nº 57.379, de 13 de outubro de 2016, que instituiu no Sistema Municipal de Ensino a Política Paulistana de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva. Os encontros de estudo oferecido até a presente data permitiram dialogar com diversas temáticas importantes para a construção diária das relações pessoais e ações educativas com foco na Educação Especial Inclusiva no CIEJA DRE-FB, como a identificação do público alvo, apresentação dos avanços já conquistados pelos estudantes nos anos anteriores, assim como pontos de interesse e repertório do currículo oculto já apresentado pelos estudantes, apresentação da História da Educação Especial, assim como nomenclaturas, lutas, conquistas, metas desejadas, identificação e combate ao capacitismo e exclusão. As ações colaborativas também atendem a mediação com as famílias, encaminhamentos para área da saúde, assistência social e ou outras parcerias, assim como planejamento e acompanhamento de saídas pedagógicas, construção de estratégias de acesso à aprendizagem, podendo ser apresentados em dois momentos distintos da ação pedagógica.

O AEE é ofertado nos dois formatos, sendo eles colaborativo ou coensino, onde o professor da sala regular divide a responsabilidade de planejar atividades que vão atender a demanda plural de um grupo heterogêneo de estudantes, sem haver divisão ou ensino paralelo no mesmo espaço (FERNANDEZ, WEBER, FARIAS, PEREIRA, 2015). Nesse formato o professor da sala regular planeja o conteúdo e atividades gerais e a PAEE, nos Horários de Articulação disponibilizados e agendados previamente, auxilia com as ideias e possibilidades que atendam os estudantes. Podendo também haver a presença dos dois professores na sala de aula regular em Horário Colaborativo agendados previamente, atuando de forma única na aplicação da atividade e o formato no Contraturno, atendendo às especificidades dos estudantes, realizado no período oposto ao da sala regular, dentro da sala de Recursos Multifuncionais regido pela PAEE. O Projeto Cara-Crachá: Documentação pessoal como acesso e garantia de direitos para as pessoas com deficiência é produto do AEE ano letivo 2022 no formato Contraturno contando com as regências das PAEEs responsáveis, Vanessa Lilian de Oliveira Nunes e Veronica Urbani Souto.

CRONOGRAMA

Fevereiro/2022: Revisitação, leitura, análise e avaliação do Plano Educacional Individualizado - PEI de todos os 50 estudantes com diversidade de especificidades e identificação dos pontos em comum das demandas individuais.

Março/2022: Levantamento referente quais documentos pessoais os estudantes têm e fazem uso; Observação das características próprias no espelho para construção de autorretrato; Apreciação de retratos e autorretratos em pinturas de artistas brasileiros;

Produção de autorretrato com interferência; Apreciação de autorretratos de Van Gogh, com foco no reconhecimento dos sentimentos e a associação com as cores; Produção de autorretrato por meio de materiais diversos; Apreciação de livro sobre Pop-Art; Fotografar selfie com filtro de Pop-art; Recitação de poema; Escrita do nome; Discussão sobre situação-problema a partir do poema: Como iríamos chamar uns aos outros se não tivéssemos nomes? Discussão sobre situação hipotética a partir do poema: Se eu tivesse outro nome qual seria? Contação do Mito de Xangô; Pesquisa da letra inicial do nome em revistas.

Abril/2022: Interpretação de texto, identificação das personagens, roda de conversa referente às diferenças dentre apelido, nome e sobrenome.

Maió/2022: Escrita do nome e sobrenome ou identificação do nome em atividades; Jogo de identificação e pareamento de documentos e itens importantes para cada um; Jogos referentes a documentos Pessoais (Pergunta com múltipla escolha); Jogo: O que é o que é? Documentos Pessoais (Pergunta com múltipla escolha); Jogo: Ligue imagem com descrição: Documentos Pessoais; Jogo de ordenação e letras na ordem correta: Documentos Pessoais; Jogo: Identificação da imagem do Documento Pessoal; Registro da pesquisa referente documentação pessoal, características e sua respectiva função social. Escrita do nome e sobrenome ou identificação do nome em atividades; Observação das características e informações contidas no RG e filme: Documentos Pessoais; Apreciação e interpretação da música: Boas Vindas - Caetano Veloso e filhos; Apreciação e conversa referente a música: Para Todos de Chico Buarque; Criação parcial do RG. Destaque para nome, sobrenome, foto 3x4 e assinatura para quem já superou a etapa da escrita com referência; Escrita do nome e sobrenome ou identificação do nome em atividades; Localização do mês e dia de nascimento no calendário anual; Observação das características e informações contidas no RG; Destaque para data de nascimento; Criação coletiva de lista de aniversariantes da turma; Apreciação

e interpretação do poema Identidade de Mia Couto, in “Raiz de Orvalho e Outros Poemas”.

Junho/2022: Escrita do nome e sobrenome ou identificação do nome em atividades; Observação das características e informações contidas no RG; Criação do RG. Seção de fotografia em estúdio montado em sala para contextualizar e problematizar as características da foto 3x4 usada em documentos; Destaque para local de nascimento; Apresentação de Mapa dos estados Brasileiros com a música Canção dos estados e Regiões do Brasil; Localização de Cidade e Estado onde nasceu; Apreciação e interpretação do poema Identidade de Mia Couto, in “Raiz de Orvalho e Outros Poemas”; Resgate e interpretação da música Para Todos; Jogo Wordwall: Mapa do Brasil – Estados.

Julho/2022: Inscrição e envio do Projeto para apreciação de banca julgadora Prêmio Paulo Freire.

Agosto/2022: Visitação programada para acontecer em dois grupos, um grupo será levado pelos condutores do Transporte Escolar Gratuito devido questões relacionadas a mobilidade reduzida e o segundo grupo irá até ao Poupatempo usando transporte público na companhia das PAEEs e outros servidores da Comunidade Escolar. Local: Poupatempo - Lapa (Rua do Curtume, s/n - Lapa, São Paulo - SP, 05033-002) com o objetivo de acompanhar e observar processo de emissão do Novo modelo do RG.

Setembro/2022: Reunião com familiares para divulgação do trabalho e conscientização da importância e função social da Carteira de Identidade Diferenciada, assim como início junto à Comunidade Escolar a campanha para aquisição da Carteira de Identidade Diferenciada para Pessoas com Deficiências.

Outubro/2022: O Projeto seguirá o fluxo com ampliação de reflexão, observação e vivências com atividades voltadas aos documentos: Título Eleitoral, Bilhete Único especial e Carteira de Trabalho. Apresentação para Comunidade Escolar das atuais conquistas e etapas vivenciadas pela parceria com o Projeto Emprego Apoiado da Instituição Jô Clemente. Teremos uma nova chamada para estudantes interessados em ingressar no Projeto.

Novembro/2022: Orientação e encaminhamentos junto às famílias para solicitação de bilhete único especial SPTrans com auxílio da equipe médica e jurídica profissional da Instituição Jô Clemente.

Dezembro/2022: Reunião com os estudantes, familiares e demais membros da comunidade escolar para fechamento do projeto com divulgação das últimas etapas e das conquistas alcançadas. Divulgação total do Projeto no canal oficial da Secretaria Municipal de Educação - SME.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Março/2022: Iniciamos o Atendimento Educacional especializado nesse ano letivo com levantamento referente quais documentos pessoais os estudantes possuem e fazem uso, para tabulação de informações e futura análise dos dados, foi enviado para casa do estudante uma pesquisa que deveria ser respondida em conjunto entre familiar/responsável e o estudante; Seguimos os encontros com ampliação de vivências e atividades referentes ao tema características físicas; Desenvolvimento e produção do conceito Autorretrato; Apresentação da evolução na captação da imagem e transformação em retrato com o uso da fotografia, Desenvolvimento do conceito Self; Compreensão do movimento Pop Art e suas características; Ampliação de repertório e nutrição estética com leitura de interpretação de poema referente ao nome próprio, seu uso e importância; assim como resolução problema com base no tema nome.

Abril/2022: Ampliação de vivências e atividades referente a interpretação de texto, e conhecimento de mundo com sequência didática inspirada no livro: Nome, sobrenome e apelido - Renata Bueno e Maria Zanetti, Editora Companhia das Letras.

Maió/2022: Ampliação de discussão, reflexão e vivências lúdicas e interativas com uso de jogos on-line de atividades que embasam características e informações contidas em cada documento pessoal, com ênfase na Carteira de Identidade tradicional. Nutrição estética e ampliação de repertório musical e poético com foca na temática Família e Estados Brasileiros de Origens; Observação e classificação de informação pessoal referente ao dia e mês de aniversário dos colegas.

Junho/2022: Observação das características e informações contidas no RG tradicional, assim como observação do Mapa do Brasil e suas Regiões.

Julho/2022: Recesso Escolar; Divulgação parcial do Projeto em canal oficial do Prêmio Paulo Freire.

Agosto/2022: Visitação ao Poupatempo - Lapa (Rua do Curtume, s/n - Lapa, São Paulo - SP, 05033-002) com o objetivo de acompanhar e observar processo de emissão do Novo modelo do RG.

Setembro/2022: Reunião com familiares para divulgação do trabalho e conscientização da importância e função social da Carteira de Identidade Diferenciada, assim como início junto à Comunidade Escolar a campanha para aquisição da Carteira de Identidade Diferenciada para Pessoas com Deficiências.

Outubro/2022: Ampliação de reflexão, observação e vivências com atividades voltadas aos documentos: Título Eleitoral, Bilhete Único especial e Carteira de Trabalho. Apresentação para Comunidade Escolar das atuais conquistas e etapas vivenciadas pela parceria com o Projeto Emprego Apoiado da Instituição Jô Clemente. Convide para novos estudantes ingressarem no projeto.

Novembro/2022: Orientação e encaminhamentos junto às famílias para solicitação de bilhete único especial SPTRANS com auxílio da equipe médica e jurídica profissional da Instituição Jô Clemente.

Dezembro/2022: Reunião com os estudantes, familiares e demais membros da comunidade escolar para fechamento do projeto com divulgação das últimas etapas e das conquistas alcançadas. Divulgação total do Projeto no canal oficial da Secretaria Municipal de Educação - SME.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação que se apresenta na presente data é parcial, pois ainda temos um semestre para a continuidade das ações e colheita futura de mais conquistas de objetivos. Tendo dito isso, o exercício pleno da cidadania não depende apenas das prerrogativas legais ou dos documentos que delimitam direitos e deveres. A cidadania plena é acessada por meio de condições oferecidas pelo Estado e pela própria sociedade. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Constituição Federal do Brasil (1988), em seu artigo nº 205 e uma infinidade de leis e normas listam os direitos e os deveres dos cidadãos. Contudo, essas importantes previsões legais não impedem que muitos brasileiros sejam excluídos de direitos básicos, como liberdade, moradia digna, saúde, educação, trabalho e segurança. Dessa maneira, a mudança e a sistematização nas ações, reflexões e valores da sociedade que serão efetivas para a pessoa com deficiência gozar seus direitos plenamente. Até o presente momento identificamos necessidades, localizamos barreiras e seguimos em ações que apontam para pontuais mudanças e empoderam os estudantes PcD a vivenciar e alcançar mais independência e autonomia que potencializam seu protagonismo.

Confira a lista dos projetos inscritos no Prêmio Paulo Freire 2022

Categoria I – Educação Infantil

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Emoções: conhecendo os nossos sentimentos	CEI	Casa Verde - Walter Abrahão	Ariane Cristina Machado e Érica Santos Leão
Batuques e tambores com bebês e crianças: liberdade religiosa para uma educação antirracista	CEI	Dr. Antônio João Abdalla	Vanessa de Brito Emmerick, Valquíria Guidoti, Léia Maria Marques Reis e Maria Rita de Matos Silva
Constituição da representatividade de bebês e crianças: práticas para uma educação antirracista	CEI	Dr. Antônio João Abdalla	Andreia Cristina Mariano Justino, Gleice Santiago Silva e Tatiane Damaceno Barreto
Clicks Curiosos	CEI	Dra. Nathalia Pedroso Rosemburg	Mariangela Pelicheck Medeiros, Maria Aparecida de Oliveira, Ednéia Maria Evangelista de Oliveira e Alessandra Lima Alves
Se a criança governasse o mundo	CEI	Edna Loureiro	Evelyn Rodrigues do Nascimento e Andreia Cristina Moura Saqueto Espinoza
O céu é o limite? As investigações espaciais de crianças na primeiríssima infância	CEI	Inezita Barroso	Selma Baccan Silva
Todos somos diferentes - ninguém é igual a ninguém	CEI	Jardim Maia	Rosangela da Silva Quina, Adriana Daffre e Sueli Kato
Roda de Gogó	CEI	Jardim Maia	Mara Neves de Amorim, Cícera Telma da Silva, Vania Villarim e Kesia Cristina Caetano Silva
Explorando e experimentando o mundo, através do corpo, das interações e construções	CEI	Jardim Maia	Kesia Cristina Caetano Silva e Simone Souza do Nascimento
Voos literários	CEI	Jova Rural	Eliana Parnaíba Dantas Pereira, Jordana Santos Dias, Silvana Santos da Conceição e Ana Rita da Cunha Melo

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Meu bairro, minha escola, minha história	CEI	Jova Rural	Antonia Pereira de Barros; Claudineia da Silva Souza, Juliane de Jesus Alves e Sílvia da Rocha Fiúza
Por que cantar, recontar e encantar?	CEI	Jova Rural	Alessandra Araujo Rodrigues, Debora de Cassia Souza Marques, Marcela Restivo e Priscila Aparecida Sena Gomes Barbosa
Cultura Indígena: conhecer para respeitar	CEI	Maria Henriqueta Catite	Fernandina Izilda da Silva
Horta: eu cultivei e colhi na horta CEI Mandelinas	CEI	Nelson Mandela	Kely Cristina da Silva, Vanda Oliveira Pires, Michele Regina da Silva e Mariana de Oliveira
Filósofos da natureza	CEI	Vila Inglesa	Janaína Gomes Viana
Horta	CEI	Vila Penteado	Marcia de Campos Pereira e Maria Aparecida David de Brito
Sensações	CEI	Vila Penteado	Marli Jussara Moreira, Elília Carla Silva e Luciana Aparecida dos Santos Apolinário
Contos que encantam brincando	CEI	Vila Santa Inês	Maria da Glória Moreira Bastos de Brito e Andreia Castro de Souza
Bichinhos de jardim	CEU CEI	Cidade Dutra	Andréia Mendes de Oliveira; Claudia Cilene Neto da Silveira e Miriam Francisco da Silva
Bonecas negras	CEU CEI	Parque Bristol	Lúcia Maria Paulino da Costa e Valdemir da Silva Neris
Respeito em Comunhão: identidade, diferenças e semelhanças na Educação Infantil	CEU CEI	Parque São Carlos	Alessandra Gusmão, Dagmara da Silva Nascimento, Marcilene Francisca da Silva e Ana Paula Martins Carmona do Nascimento
Motoca na Praça: andanças e aventuras de triciclo pela Praça da República	EMEI	Armando de Arruda Pereira	Lívia Guimarães Arruda, Ivone Moreira de Jesus Miranda Silveira e Eni Pereira de Souza
Panc, o que é isto?	EMEI	Bertha Lutz	Patrícia Alves Sobral
Comissão TEA: o orgulho de ser autista!	EMEI	Borba Gato	Priscila Damasceno Arce, Ana Cristina Santos, Sandra Rejania da Silva e Thais Laurentino Martin

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
O trabalho coletivo sobre os povos indígenas, países africanos e personalidades afro-brasileiras	EMEI	Carolina Maria de Jesus	Lucimara da Silva Camargo, Elisabete Rodrigues Fam, Marcia Regina de Alvarenga Pinkovay e Sandra Yoko Hiraoka
Na trilha com Carolina, manifestando oposição a qualquer forma de discriminação	EMEI	Carolina Maria de Jesus	Keli Regina da Cruz Lombas dos Santos
Horta pedagógica para a primeira infância: conhecer e transformar hábitos alimentares	EMEI	Chácara Santa Maria	Luzia Souza Rosa, Ivonete Ferreira Milanez, Joyce de Oliveira Batista e Erica Barbosa Pereira
Mulheres negras, símbolos de luta e resistência, uma fonte de inspiração	EMEI	Cidade Ademar III	Fernanda Silva dos Santos, Janaina Raquel da Silva Carvalho, Luciene Duarte Batista e Sabrina Ponti de Almeida Pagni
Mais verde	EMEI	Dona Julitta Prado Alves de Lima	Adelia Elisabete de Sa Motta Lima, Alcimar Neiva Heleno Vidigal Ribeiro, Ana Paula Apolinario da Silva e Erika de Gouvea
Falando com as mãos	EMEI	Gabriel Prestes	Vanessa de Oliveira Santos e Roseli Zampiroli Berkovits
Sarau das Miudezas	EMEI	Margareth de Fátima Marques de Azevedo	Simone Souza de Araujo, Eliane Cavalcante Pereira Barbosa e Luciana Maria Aparecida Roque
Caminhos da inclusão	EMEI	Miroel Silveira	Cecilia Aparecida Silva Leonel e Valdete de Lima da Conceição
Leitura de mundo: "Paulo Freire para crianças"	EMEI	Padre Nildo do Amaral Júnior	Isabel Cristina Beltran Bio; Debora Amara de Souza Moura; Helio Dauto Santos Brasileiro e Patricia Regina Massarico Nascimento Resende
Tarsila para crianças: releituras afetivas	EMEI	Professor Antônio Branco Lefevre	Sandra Regina de Oliveira
Nossa cidade	EMEI	Professor Antônio Branco Lefevre	Lilian Piorkowsky dos Santos Galdino, Fabia Giordano Guilherme Kadayan, Elen Cristina Dias dos Santos e Kati Cardoso
A escola tem elevador!	EMEI	Professor Manoel de Alvarenga Freire Junior	Cintia Elidia Firmino

Categoria II – Ensino Fundamental I

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Colcha de retalhos	CEU EMEF	Manoel Vieira de Queiroz Filho	Eliane Hessel dos Santos
Notícias Indígenas	EMEF	Cacilda Becker	Paula Andrea de Avila Pinheiro, Renata Cristina de Carvalho e Zenaide Oliveira Silva
Inteligência emocional: um conceito que pode ser ensinado e aprendido	EMEF	Coronel Palimércio de Rezende	Josefa Silmara da Silva, Gisele Rodrigues Nobrega Batista, Charles Henrique Custódio dos Santos e Maria Aparecida dos Santos
Teatro on-line: Cinderela em tempos de pandemia	EMEF	Desembargador Amorim Lima	Rodrigo Pereira dos Anjos da Silva
Com receitas é mais gostoso aprender	EMEF	Dr. Afrânio de Mello Franco	Milena Aparecida Andrade Ilario, Cassia de Oliveira Prado e Elias José de Almeida
A leitura e encantamento de mundo precede a leitura da palavra. Por uma escola antirracista.	EMEF	Firmino Tibúrcio da Costa	Paula Gardenia Lucena Gallego e Luana Valentim Lacaendoca
Stopmotion HC: Direitos Humanos em foco	EMEF	Humberto de Campos	Renata Esteves Ardiguieri e Jéssica Correa Puert
Educação ambiental através da horta escolar	EMEF	Jardim Sipramar	Creusa da Silva Pinheiro
Para além da SRM	EMEF	João de Deus Cardoso de Mello	Cynthia Porto Müller
Livro coletivo: "Família, emoções e pensamentos"	EMEF	Júlio de Grammont	Juliana de Almeida Carvalho Silva, Adriano Rodrigues do Nascimento, Adriana de Souza Rodrigues e Silvana Israel Fernandes Murcia
De olho no céu: desvendando os mistérios do universo	EMEF	Paulo Duarte	Regina Maria Nara, Isabel Alves Borges, Renata Fernandes Borrozzino Marques e Vera Aparecida de Melo Silva
Grandes direitos de pequenas crianças	EMEF	Prestes Maia	Edilania Medeiros de Souza
Tigrão, uma mascote na Educação e outros bichos	EMEF	Professor Almeida Júnior	Priscilla da Silva
Chá Literário: o encontro entre as palavras e o sonho	EMEF	Professor Antônio D'Ávila	Marcia Maria Dias Andrade Ferreira

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Livros: brinquedos que transformam!	EMEF	Professor Edivaldo dos Santos Dantas	Rosemary Ribeiro dos Anjos Sousa
No reino da literatura! Gente e bicho no mesmo lugar e a poesia não pode faltar.	EMEF	Professora Izabel Aparecida Cristóvão da Luz	Vanessa Barbosa de Oliveira, Bruno Balieiro Silva, Marinês Ribeiro Rios e Ana Márcia Pincerno
Pérola Negra - A Beleza da Cor: negros como protagonistas da abordagem às culturas africana e afro-brasileira em sala de aula	EMEF	Professora Maria Aparecida do Nascimento	Maria Aparecida Pacca da Silva

Categoria III – Ensino Fundamental II e Médio

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Releitura na escola	CEU EMEF	Água Azul	Fernando Toledo Cardoso, Rodrigo Ribeiro dos Santos, Marcia Lembo Manso e Cintia Ribeiro
Música: musicalização brasileira	CEU EMEF	Hermes Ferreira de Souza	Marcio do Nascimento Miele, Carlos Eduardo Pinto Vergueiro Filho e Maria do Socorro Fredericci
Coletivo Negro na escola	CEU EMEF	Jaçanã	Mônica Alves de Oliveira Aliberti
Baobá: a raiz africana que nutre nossas vidas	CEU EMEF	Jardim Eliana	Ci Iakowski Barbosa, Emerson Feliciano Mathias, Ana Carla Pessoa dos Santos Rasquinho e Elias da Piedade Dias
Conscientizando para acessibilidade	CEU EMEF	Manoel Vieira de Queiroz Filho	Suzeli Vasconcelos Oliveira
Dança cigana no território do saber	CEU EMEF	Professor Paulo Gonçalves dos Santos	Credelania Aparecida Ferreira Mendes e Clauderice de Souza Ferreira
Plano de Bairro e o Direito à Cidade	CEU EMEF	Professor Paulo Gonçalves dos Santos	Luiz Carlos de Souza Victoreli, Francisco do Amparo Lopes, Francisco Vanderlei Nascimento de Sousa e Tania Maria Uehara Alves
Fortalecimento das aprendizagens em língua portuguesa	CEU EMEF	Professora Cândida Dora Pino Pretini	Alexander Abrantes da Silva, Talita Lacerda Camarneiro e Liliane Rodrigues Lucarini

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Comida de verdade: saúde e consciência se põem à mesa	EMEF	Altino Arantes	Ormuz Serpa Sanches Junior, Carolina Lobrigato e Bárbara Cecília dos Santos Nicocelli
Grêmio: um prêmio estudantil	EMEF	Armando Crídey Righetti	José Wilton dos Santos
Educação integral e a ODS 5 Igualdade de gênero: releitura da música Mama África	EMEF	Brigadeiro Haroldo Veloso	Jéssica Gomes de Jesus Oliveira
Falas & Flores	EMEF	Dias Gomes	Marta Ferreira Marques, Viviane Barreto e Sólton Gomes de Andrade
Mulher América Latina	EMEF	Dr. Habib Carlos Kyrillos	Fernanda Aparecida Tabuso, Viviane Caetano Rodrigues Paleari, Ana Lucia Zona Vitiritti e Marcos Leandro de Abreu
A jornada da heroína e do herói	EMEF	Duque de Caxias	Carla Ferreira da Silva e Pedro Palmares da Silva Ferreira
Espadas pedagógicas	EMEF	Duque de Caxias	Pedro Palmares da Silva Ferreira, Carla Ferreira da Silva, Elaine Cristina Perce Eugênio e Manoel Pereira de Araújo
Exposição interativa "Van Gogh" na Cidade Tiradentes sim!	EMEF	Elias Shammass	Keila Cristina da Silva Costa Menezes
A cidade é nossa	EMEF	Estação Jaraguá	Henrique Macedo Justiniano, Maria Aparecida da Silva, Derovil do Nascimento Pereira e Tuwile Jorge Kim Braga
Literatura de Cordel: de Rei do Baião à Maria Bonita, todo mundo escreve todo mundo rima	EMEF	Fagundes Varella	Saulo de Campos Oliveira, Ynaê Roque Rocha, Eliene da Cruz do Amaral Andrade e Shirlei de Souza Almeida
Programa Escalada – Educação integral em tempos de pós-pandemia	EMEF	General Alcides Gonçalves Etchegoyen	Piter Madureira Bersani e Adriana Teixeira dos Santos Pinter
Os fios e as memórias	EMEF	General Osório	Mirela Fernanda Maia Milanez Valverde
As pipas e as periferias de São Paulo – da brincadeira à falta de espaços para o lazer	EMEF	Guilherme de Almeida	Adilson Silvestre Junior e Ana Paula Mendes Souza

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Portas para o conhecimento: a presença feminina na constituição de uma sociedade mais igualitária	EMEF	Hipólito José da Costa	Walkiria dos Santos, Douglas Willians Santos e Luciano Felipe da Silva Oliveira
A poética do espaço: literatura, bosque, horta, trilhas e jardim no território da Ibrahim	EMEF	Ibrahim Nobre	Eliseu Marcolino Rosa Muzel, Lívia Lima Paiva, Juliene Codognotto e Danilo Rodrigues Lopes
Saúde menstrual: sangrar é normal!	EMEF	Irineu Marinho	Elza Maria de Castro Lima, Renata Suzane Costa Guerra, Naiza Leni Alves e Vanessa Harumi Takizawa Albano
Monitores no Leituraço	EMEF	Marechal Espiridião Rosas	Carla Silva Sabino
CFE - Consciência Feminina na Escola	EMEF	Padre José Pegoraro	Lucidalva de Azevedo Ribeiro Gonçalves e Hilda Amélia Behling da Silva
Escape room: desafiando a mente e estimulando as habilidades socioemocionais	EMEF	Paulo Duarte	Regina Maria Nara, Edis Rodrigues da Silva, Ana Lúcia Vieira e Kelly Cristina Ribeiro Ventura
Racismo: qual o meu lugar de fala?	EMEF	Prefeito José Carlos de Figueiredo Ferraz	Taisa Júlio Vicente Soares, Ayana Kissi Meira de Medeiros, Amanda Alcina Dias e Anderson Ramos da Silva
Fotografia Digital: desenvolvendo uma visão	EMEF	Professor Airton Arantes Ribeiro	Kacianna Patrícia de Jesus Barbosa e Amorim
Clube de leitura "Os Livrieiros"	EMEF	Professor Leão Machado	Manoela Tanan Ferreira e Carolina de Medeiros Cecatto
Teatro como linguagem educativa na escola	EMEF	Professora Maria Aparecida do Nascimento	Amanda Alves dos Santos Pedro
Romântico, demasiado romântico: estudos sobre os resquícios do Romantismo no cotidiano escolar	EMEF	Professora Maria Aparecida Rodrigues Cintra	Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque, Franciini Oliveira dos Santos, Clara Fonseca Possebon e Adriana de Carvalho Alves Braga
Voz ativa estudantil	EMEF	Professora Shirley Guio	Thiago Santos Moreira
Bicicleta Educa Ativa	EMEF	Professora Shirley Guio	Thiago Santos Moreira
Aprender com prazer	EMEF	Roquette Pinto	Braz Francisco Abachioni

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
O passado artístico da Semana da Arte Moderna de 1922, na Comunidade Jardim Santo Elias	EMEF	Rui Bloem	Priscila Maria Trentin
O trabalho colaborativo no ensino de Libras	EMEF	Tenente Alípio Andrada Serpa	Rosemeire Quilante Azevedo, Andréia Nascimento Pavan, Daniela Andrade Cardoso e Luis Augusto Abreu da Cunha Passos
Clube da HQ	EMEF	Vinicius de Moraes	Douglas Helder Laurindo e Edson Carlos dos Santos
De portas abertas: por uma escola antirracista	EMEF	Virgílio de Mello Franco	Patrícia Alves da Silva e Edilson da Silva Cruz
São Miguel Paulista, Paulistano, Brasileiro: história, cultura, territorialidade, imagens	EMEFM	Darcy Ribeiro	Demetrio Quiros Bello Junior e Camila Beritelli

Categoria IV – Educação de Jovens e Adultos

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Pilates para EJA	CEU EMEF	Manoel Vieira de Queiroz Filho	Sheyla dos Santos Tavares
Tutorial – Cesto de Taquara	CEU EMEF	Manoel Vieira de Queiroz Filho	Selma Maria de Souza Jacome
Robô autômato	CEU EMEF	Manoel Vieira de Queiroz Filho	Selma Maria de Souza Jacome
Sarau inclusivo e virtual do CIEJA Campo Limpo: eu sou protagonista na arte de viver e aprender!	CIEJA	Campo Limpo	Gabriel Squara, Jaciara Batista Gomes da Silva, Helenice Seganfredo e Sueli Paula de Oliveira
Paisagem SP: as experiências partilhadas e a prática educativa no território	CIEJA	Perus I	Patrícia Siqueira Melo
Carolina Maria de Jesus: um Brasil real para todas e todos	CIEJA	Perus I	Manuela Henrique Nogueira e Tais Araújo

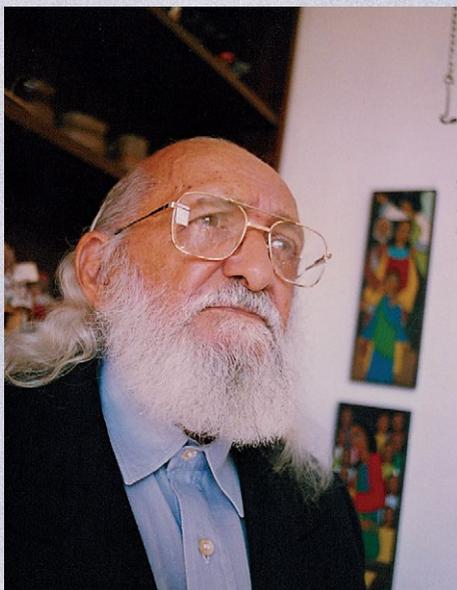
PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Pomar: da natureza para nós - alimentação saudável e horta escolar suspensa e sustentável em pequenos espaços	CIEJA	Professora Rosa Kazue Inakake de Souza	Cristiane Andréia Lopes da Silva, Luís Carlos Mazzarolo, Joana da Penha Avelar de Jesus Oliveira e Edson Aparecido Gonçalves
Cara, crachá: documentação pessoal como acesso e garantia de direitos para as pessoas com deficiência	CIEJA	Professora Rose Mary Frasson	Vanessa Lilian de Oliveira Nunes e Veronica Urbani Souto
Memórias juninas todo mundo tem	EMEF	Desembargador Manoel Carlos de Figueiredo Ferraz	Alessandra Silva de Souza, Anderson da Conceição, Andreia Gomes Miranda e Rosângela Pereira Tavares
Estar e ser no mundo: cartografando o nosso lugar de existência e seus problemas socioambientais	EMEF	Desembargador Manoel Carlos de Figueiredo Ferraz	André Pereira Mazini, Elisângela da Silva Costa e Patrícia Rocha Araujo de Oliveira
Aprendizagem ao longo da vida	EMEF	Infante Dom Henrique	Erika Doniani Dias, Gabriela Rauseo Garcia, Cesar Luis Sampaio e Wesley de Sousa Vieira
Brigadas de Alfabetização: o bairro educador de Heliópolis pelo direito à Educação	EMEF	Luís Gonzaga do Nascimento Júnior	Meire Regina de Lima e Marília de Santis
O resgate da cultura regional em diferentes linguagens	EMEF	Vicentina Ribeiro da Luz	Roseli Crepaldi, Valdir Freire Junior e Katia Martins Santos
Cordel: histórias de vidas	EMEF	Zulmira Cavalheiro Faustino	Ana Maria José de Souza Scatini, Vilma Barbosa Silva, Vilma Monteiro de Lima e Eline Martiniano de Carvalho



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Viaduto Jacareí, 100 - Bela Vista - São Paulo - SP
www.saopaulo.sp.leg.br

Organização: Equipe de Eventos - CCI.1
Editoração: Equipe de Comunicação - CCI.3
Impressão: Equipe de Gráfica da CMSP - SGA.32



Crédito: IPF

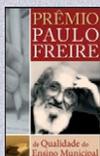
Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos.

Paulo Freire, do livro: Pedagogia da Indignação



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Informações:



CCI.1 - Equipe de Eventos
Viaduto Jacaré, 100 - Anexo - Sala 217
Bela Vista - SP - CEP: 01319-900
Telefones: 3396-4239 / 3396-4311
www.saopaulo.sp.leg.br

Apoio:

